

RODRIGO CEBALLOS

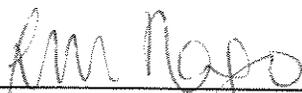
**OS “MAUS COSTUMES” NORDESTINOS:
INVENÇÃO E CRISE DA IDENTIDADE MASCULINA NO RECIFE
(1910 – 1930)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Livre Docente Luzia Margareth Rago

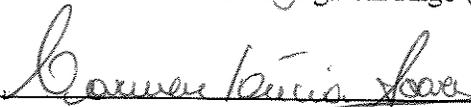
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em

26/02/03

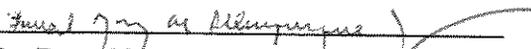
Banca:



Profa. Livre Docente Luzia Margareth Rago (orientadora)



Profa. Dra. Carmen Lúcia Soares (membro)



Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Jr. (membro)

Prof. Dr. Fernando Lourenço (suplente)

fevereiro/2003

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE	Be
Vª CHAMADA	UNICAMP
	C321m
V	EX
TOMBO BC/	53552
PROC.	124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	01/05/03
Nº CPD	

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

CM00182343-2

613 10 290007

C321m	<p>Ceballos, Rodrigo Os "maus costumes" nordestinos : invenção e crise da identidade masculina no Recife (1910 –1930) / Rodrigo Ceballos. -- Campinas, SP : [s.n.], 2003.</p> <p>Orientador: Luzia Margareth Rago. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>1. Identidade sexual. 2. Comportamento sexual. 3. Masculinidade (Psicologia). 4. Individualidade. 5. Recife (PE) – Vida e costumes sociais. I. Rago, Luzia Margareth. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
-------	---

CP.16733

Aos meus pais, Beatriz e Juan Carlos,
exemplos de vida, companheiros e
confidentes de sempre, e à Vivi e
Mogue, minhas razões de viver...

Resumo

Neste trabalho, busco analisar nos discursos das elites e dos intelectuais recifenses do início do século XX, as tentativas de criação de um modelo de masculinidade diante dos temores do que foi denominado de “maus costumes”. A representação falocêntrica do nordestino está tão bem absorvida, cristalizada no imaginário e subjetivada por nós hoje, que não chegamos nem ao menos a questioná-la. Esta invenção histórica da figura do nordestino, portanto, serviria para combater os “maus costumes” que emergiam com a reurbanização da cidade do Recife. Vários discursos críticos a uma modernidade desenfreada que estaria invadindo a cidade alardeavam sobre a crise das identidades sexuais, ao mesmo instante que serviam para classificar as práticas dos “maus costumes” e difundir o medo de uma “desvirilização da raça”. Discutia-se sobre a presença de mulheres que, de costas, pareceriam homens, ou sobre homens resignados e “moles”, incapazes de assumir velhos papéis sociais ditos como típicos de seus antepassados. Homens “efeminados” e “mulheres viragos” que para a intelectualidade recifense não representariam mais o tempo áureo de uma região constituída e habitada apenas por homens de fibra, verdadeiros “cabras-machos”.

Abstract

The aim of this work is to analyze the invention of a masculinity model ahead of fears that being named as “bad usages” in the Recife’s elite and intellectual speeches of 20th century. The virility representation of the inhabitant of northeastern Brazil is too assimilated in our imaginary, and nowadays is a popularized model of subjectivity that we don’t discuss it. This historical invention of the inhabitant of northeastern Brazil, thus, was suppose to contest the “bad usages” that were appearing because the urbanization process in Recife city. Many critical speeches about an uncontrolled modernity that was conquering the city, larded about the crisis of sexual identities and tried to classify the “bad usages” practices diffusing the fear of a “not virile race”. The elite and intellectual’s critics discussed about women that in back looked like men, or about submissive and “lasy” men, unable to assume old social roles considered typical of their ancestors. “Womanish” men and “masculine” women that for the Recife’s intellectuality do not represent any more the apogee of a region composed and inhabited just for strength men, real “*cabras-machos*”.

Agradecimentos

Aos que me conhecem como filho, marido, pai, irmão, amigo, colega, agradeço por estarem sempre que possível ao meu lado, tanto nos bons como maus momentos, reelaborando a todo instante um novo Rodrigo.

Agradeço aos meus pais, verdadeiros corpos de saber, estudiosos e experimentados na arte de viver. Viejos, muchas gracias por todo y por lo que vendrá!

Agradeço à Viviane, pequena grande mulher com quem tive a sorte de me apaixonar. Desta instantânea atração surgiu Morgana, filhota adorada por todos e alegria da casa. Amo vocês!

Agradeço aos meus irmãos, Alejo, Bethânia e Andrés, que por mais distantes que estivemos nestes últimos anos continuamos rindo juntos.

Agradeço à minha amiga e eterna professora Socorro Côca Rangel, pelas alegrias, atenções, socorros e imensa força dada nos tortuosos caminhos da vida. Exemplo de pessoa, não tenho como te agradecer. Muito obrigado, cabeça de pudim...

Agradeço ao Greidmar pelos “tapões” dados no meu computador para este voltar a funcionar!

Agradeço à Camilla, Ângela, Neusa, Amílcar, Luisa, Regina e ao marrano Raimundo, por tornar esta cidade mais amiga.

Agradeço aos funcionários Júnior e Lourdinha da secretaria do IFCH, sempre me socorrendo nas questões burocráticas.

Agradeço ao “seu” Paulo, pela boa companhia e excelentes “toques” dados durante minhas pesquisas no NELL.

Agradeço ao Marcondes e funcionários da FUNDAJ pela atenção e paciência.

Agradeço ao prof. Durval, mestre que tive ao lado por anos e que me levou à elaboração do projeto desta dissertação. Muito obrigado, “psô”!

Agradeço à profa. Carmen Soares e ao prof. Fernando Lourenço pelas importantes contribuições feitas na Banca de qualificação.

Agradeço ao CNPq, instituição financiadora deste trabalho que permitiu sua elaboração.

Finalmente, agradeço à professora livre docente Margareth Rago pela sua seriedade, atenção e profissionalismo ao longo de nossa relação orientando/orientador permitindo a materialização deste trabalho. Obrigado!

*Las cosas que se van no vuelven nunca,
todo el mundo lo sabe,
y entre el claro gentío de los vientos
es inútil quejar-se.*

Federico Garcia Lorca

Sumário

<i>Introdução</i>	01
<i>Capítulo 1</i>	
<i>Gilberto Freyre e as Transformações no Recife: a tradição, os maus costumes e o “homem do nordeste”</i>	13
1. <i>Uma geração pela tradição</i>	16
2. <i>Entre fraques e jaquetas: onde estão os maus costumes?</i>	27
3. <i>Decepcionante mundo novo: brilhantes, automóveis e usinas</i>	40
4. <i>Brasas sob cinzas: o Homem do Nordeste e o Centro Regionalista</i>	48
<i>Capítulo 2</i>	
<i>“Moleza” masculina, medo regionalista: discursos e práticas dos homens recifenses</i>	63
1. <i>O Recife se veste: trajes para o masculino</i>	66
2. <i>Tom Mix e Zé Vaqueiro: o cinema e as representações do masculino</i>	72
3. <i>Bebidas milagrosas: os biotônicos virilizantes</i>	77
4. <i>Molezas no “ciclo-da-cana”: outras desconstruções do masculino</i>	81
<i>Capítulo 3</i>	
<i>Mulheres no mando, espaços em conflito: discursos recifenses sobre as práticas femininas</i>	97
1. <i>O espírito do mundanismo: barbeiras, prostitutas, adúlteras...e a casa?</i>	99
2. <i>“A bengala da Madame Z.”: o bastão muda de mãos</i>	108
3. <i>Senhoras de Engenho e “mulheres viragos”: decadências do patriarcado</i>	114
<i>Conclusão</i>	123
<i>Levantamento Documental</i>	129
<i>Referências Bibliográficas</i>	131

OS "MAUS COSTUMES" NORDESTINOS

invenção e crise da identidade masculina no Recife (1910-1930)

Introdução

Pode-se dizer que apenas a partir da década de setenta do século passado, os homens perceberam que também fazem parte da história. Como nos diz Michael Kimmel¹, não existem trabalhos sobre a vida deles ou sobre suas ações em que haja uma preocupação em explorar as experiências masculinas singulares em oposição a uma universalidade em ser "homem". Estes não possuem uma história deles mesmos; não há uma historicidade da masculinidade. Para não continuarmos a cometer este grave erro, precisamos multiplicar nossas possibilidades de conexão com o mundo; diversificar a nossa maneira de produzir novas relações e perceber que o desmoronamento do modelo machista é mais uma possibilidade do que uma perda².

Os homens como privilegiados nos papéis de gênero não viam motivos para questionarem-se, ou entenderem-se inseridos dentro de um sistema mais abrangente. Entretanto, o modelo masculino não é transcendental na história. Em diversos contextos históricos, o seu comportamento apresenta-se de maneira diferenciada, revelando uma mudança constante de significados que construímos através das relações conosco, com os outros, e com o mundo à nossa volta.

A masculinidade, portanto, não se mostra como uma essência inerente, mas é socialmente construída. Não podemos trabalhar as relações de gênero na história pensando numa masculinidade fixa dos homens, mas em multiplicidades do masculino, ou seja, na pluralidade das práticas masculinas de subjetivação. Fazer o contrário é elaborar um modelo síntese e ideal que possa ser novamente medido pelos homens, sendo seguido por eles como uma imagem de "homem verdadeiro". O saber sobre a masculinidade não reflete uma essência própria do homem. Elas fazem parte de um "regime de verdade" que é social e histórico e que penetra, estrutura e se

¹ KIMMEL, Michael. *Manhood in America*. New York: The Free Press, 1996.

² NOLASCO, Sócrates (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

relaciona com práticas cotidianas de poder na sociedade³. E foi pensando exatamente na nossa constituição histórica como homens, mais especificamente como um garoto que “se criou” no Nordeste, que decidi desenvolver este trabalho.

Esta dissertação de mestrado intitulada “Os ‘maus costumes’ nordestinos: invenção e crise da identidade masculina no Recife (1910-1930)”, nasceu de um trabalho mais amplo desenvolvido por mim como bolsista PIBIC/CNPq entre os anos de 1996 e 2000, tendo como orientador o professor doutor em História Durval Muniz de Albuquerque Júnior da então Universidade Federal da Paraíba – Campus II (atualmente, Universidade Federal de Campina Grande).

Juntamente com um grupo de bolsistas desenvolvemos o projeto “Nordestino: uma invenção do ‘falo’. Uma história do gênero masculino no Brasil (1920-1970)”, buscando estudar os motivos da emergência histórica, no início do século XX, de saberes sobre o “nordestino”, representação regional totalizante de um homem viril, forte e resistente. E é justamente a vontade de criação de um modelo essencial, síntese de uma masculinidade típica, que se pode notar nos discursos de intelectuais e políticos pernambucanos no começo do século XX. Na cidade do Recife, percebe-se a emergência de uma denominação para o habitante do já denominado Nordeste do país⁴. O conceito de nordestino ou “homem do nordeste” era pronunciado nos discursos locais desde meados de 1910 para descreverem, principalmente, a força e a valentia de homens para escapar a todos os problemas apresentados por uma região que era produzida historicamente como arrasada pelas constantes secas. O “nordestino” viria a ser uma representação legitimada por discursos regionalistas; uma construção histórica identitária masculina formada por uma série de práticas discursivas e não-discursivas que instituíram um novo espaço de poder para as elites nortistas (ditas, agora, “nordestinas”). Homens cujas práticas deveriam lembrar “velhos estilos de vida”. O conceito de nordestino vinha a ser, assim, o elaborador de um modelo legitimador de uma representação de “Homem”.

O trabalho de pesquisa “Os ‘maus costumes’ nordestinos” apresenta a emergência de práticas formadoras e questionadoras do conhecido estereótipo dos homens da região Nordeste. Através do estudo de gênero, apresento não apenas as formações discursivas que elaboraram a identidade do nordestino no Recife entre 1910 e 1930, mas os chamados “maus costumes”

³ NOLASCO, Sócrates (org.). *Op. Cit.*; 1995.

⁴ O jornal “Diário de Pernambuco”, do Recife, publicou, na década de 20, artigos que abordavam discussões sobre a formação do “homem do nordeste” feitas por Gilberto Freyre, Arthur Orlando, Ronald de Carvalho, entre outros, onde o sertanejo, longe das influências da “modernidade” manteria suas características de um homem resistente e forte, apesar de seu aspecto franzino e subnutrido.

masculinos e femininos – também presentes em discursos regionalistas e políticos da época –, de uma crise da identidade masculina de uma região que era, também ela, recém inventada⁵. As práticas desconstrutoras de um modelo de masculinidade foram também um meio de elaboração e reafirmação do estereótipo nordestino, assim como responsável por suas reelaborações e (des)legitimações na História do Brasil.

Trabalhar com a categoria de gênero torna possível compreender a figura do “nordestino” fora de seu estereótipo, entendendo-a inserida num contexto de representações que vão além do ser “homem” ou “mulher” na chamada região Nordeste. Os discursos de homens recifenses também criaram outras categorias que não se adequaram aos comportamentos ditos tipicamente femininos ou masculinos daquela época. Assim, a partir de um novo enfoque teórico sobre o gênero, pode-se perceber como os conceitos de masculinidade são construídos social e historicamente e como os sentidos atribuídos à masculinidade se relacionam com práticas de poder específicas⁶. Ao conhecermos e desconstruirmos discursos e práticas sobre os homens e suas experiências da masculinidade, podemos observar como os sistemas de poder são criados e cristalizados e, a partir daí, formular questionamentos visando mudanças de tais esquemas⁷. Sendo um produto social, o “nordestino” é uma subjetivação de modelos generalizantes, estabelecendo-se uma definição para sua masculinidade através de medos constantes diante de novos comportamentos masculinos que emergiam na cidade.

No Recife do começo do século XX, é perceptível, através de fontes como o periódico “Diário de Pernambuco”, o temor latente das elites diante de um modelo que lhes parecia ainda sem forma constituído por práticas de “maus costumes” masculinos. Em torno da representação do nordestino surgia também uma sombra ao seu lado, uma nebulosa que não possuía uma fronteira ainda bem delimitada. Temia-se o que se denominava de uma “desvirilização” do homem do Nordeste.

⁵ Segundo Durval Muniz de Albuquerque Jr. (*A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999), o conceito de região Nordeste é recente na nossa História, sendo inventado no final da década de 1910 por discursos políticos e intelectuais que estabeleceram uma dicotomia entre um Sul moderno e centralizador e um Nordeste ainda original, distante das influências cosmopolitas do século XX. Diante de uma crise econômica e patriarcal, por que o Norte do país vinha passando desde o século XIX, o Nordeste é criado com as imagens decadentes da seca, da pobreza, da morte, cristalizando novos lugares de poder (como as instituições de combate contra as secas) para uma nova elite regional.

⁶ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: **Rev. Educação e Realidade**. Porto Alegre, **16(2): 5-22**, jul./dez. 1990.

⁷ MONTEIRO, Marko. *Tenham piedade dos homens: masculinidades em mudança*. Juiz de Fora: Edições Feme, 2000.

Percebe-se que o medo de uma crise identitária dos homens estava em não se conseguir agrupar a grande quantidade de “maus costumes” que invadiam a cidade do Recife, modelando uma representação única, bem definida, de um “não-nordestino”. Buscava-se uma outra representação que estaria na própria negação do “ser homem” no Nordeste. Mas aonde encontrá-la? A representação do “não-nordestino”, como algo totalizante, demarcadora das práticas marginais masculinas não aparece de forma nítida nos discursos recifenses.

Assim, nota-se que estes temores de uma crise identitária não estariam presentes apenas nas novas imagens criadas para a mulher, mas nos próprios homens. O sujeito/objeto “homem” deveria reencontrar-se nos antigos modelos de vida de seus avós, trabalhadores do campo ou senhores de engenho. Mas jamais na vida “mole” das cidades modernas, típicas dos “almofadinhas”.

O que se nota é que esta área “nebulosa” dos “maus costumes” masculinos tornava-se um receio presente, principalmente, nos discursos das elites dirigentes que descreviam os horrores de uma “modernidade galopante”. Os “maus costumes” buscavam revelar um modelo de masculinidade que não deveria ser seguido e que, portanto, um “verdadeiro nordestino” não poderia legitimar. Para os regionalistas, as cidades seriam as criadoras de homens apáticos, melancólicos, fracos, preguiçosos, almofadinhas, “femininos”.

Este trabalho busca, assim, entender como “modernidade” e “regionalidade”, “maus costumes” e “tradição” modelaram o “homem do nordeste”, fazendo-se importante para compreender como a representação do nordestino vivia no limite entre o lícito e o ilícito para ser considerado um modelo legitimador de uma região construída no masculino. Imagem de um homem viril elaborada a partir de formas discursivas que não necessariamente eram (e são) seguidas na sua prática. Mostro a elaboração do corpo do sujeito nordestino e sua plasticidade, à qual não passa de uma ilusão, construída e repetida para instituir um saber sobre o “real”⁸. Ilusão que, por sua vez, materializa-se e passa a fazer parte do cotidiano do recifense a partir das primeiras décadas do século XX.

A própria força da ordem masculina repousa na história no fato de que ela dispensaria uma justificação. Tendo como símbolo o “falo”, o “nordestino” se manteria num lugar hegemônico na sociedade. Fato que, entretanto, não deve ser visto como o fundamento da visão masculina do mundo, mas principalmente porque foi uma visão de mundo, organizada segundo a divisão em

⁸ SWAIN, Tânia Navarro. *Identidade Nômade: heterotropias de mim*. Novembro de 2000. (mimeografado).

gêneros relacionais (masculino e feminino), que instituiu o "falo" como símbolo da virilidade⁹. Escapar a este estigma masculino implica historicizar as suas próprias práticas, buscando desnaturalizar a identidade histórica "homem" ou, no meu caso, "nordestino" e encontrar a sua pluralidade, as suas "identidades nômade"¹⁰.

Fixar-se apenas na representação histórica do nordestino seria reforçar discursos reprodutores de uma masculinidade única e generalizante, marginalizando as múltiplas formas de ser homem. Sendo assim, surge a questão dos motivos que levaram, no final do século XIX e, principalmente, no início do século XX, à emergência de discursos sobre uma crise da identidade masculina; e ao medo, no Nordeste do país, dos chamados "maus costumes". Medos crescentes provocados por alardes do perigo de uma descaracterização da chamada tradição patriarcal feitos em vários discursos proferidos por regionalistas como Gilberto Freyre, romancistas como José Lins do Rêgo ou Mario Sette ou políticos pernambucanos. Principalmente Freyre advertia que os "costumes regionais" estariam desaparecendo devido a um "falso progresso do Sul do país" e Julio Bello, por sua vez, martirizava-se pelas "mãos moles" da nova juventude incapaz de comandar um bangüê da mesma forma que seus avós o faziam.

Em sua obra sobre a identidade masculina, Elisabeth Badinter¹¹ cria dois marcos para o que denominou de "crises anteriores da masculinidade", que podem reforçar a idéia de que novos costumes e práticas sociais teriam surgido provocando uma "feminização masculina" com o rápido crescimento urbano. Uma das crises da masculinidade teria ocorrido na França e na Inglaterra dos séculos XVII e XVIII, em que se culpava a "urbanização galopante" pelo surgimento de mulheres que invertiam os valores tradicionais. Estas "preciosas", como eram chamadas, tiveram o apoio de homens que terminaram sendo conhecidos como "homens efeminados".

Mas seria no final do século XIX, novamente com as mulheres européias proclamando uma "igualdade social", que podemos encontrar referências às práticas masculinas e femininas semelhantes às que viriam a surgir nos artigos do jornal "Diário de Pernambuco"¹², entre as

⁹ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

¹⁰ SWAIN, Tânia Navarro. *Op. Cit.*; 2000.

¹¹ BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

¹² Entre os aspectos que mais chamam a atenção nas páginas do jornal "Diário de Pernambuco", estão os anúncios de biotônicos rejuvenescedores, percebendo-se o quanto a sexualidade é uma rede disciplinar que rodeia o corpo masculino (e feminino), prometendo trazer para os infelizes, entre outras coisas, a sua virilidade de volta. Entre estas propagandas milagrosas, há *charges* de homens capazes de segurar um touro com as mãos para defender a mulher ao seu lado; casais que chegam à praia para exibir seus belos corpos, enquanto riem de outro casal vizinho, raquítico e deprimente. Da mesma forma, anúncios de filmes norte-americanos trazem a imagem cômica do "maricas", um tímido homem incapaz de conversar com mulheres, mas um excelente "dono de casa".

décadas de 1910 e 1920: “Um dia, Marie d’Algout entrará para a academia de Ciências Morais e Políticas, George Sand para a Academia Francesa, Rosa Bonheur para a Academia de Belas-Artes, e seremos nós, os homens, que prepararemos os doces e as conservas de pepino”¹³, escrevia um temerário francês, sobre um “provável” lugar do masculino.

Jacques Le Rider, também estudioso das identidades de gênero em Viena, explica que no final do século XVIII e início do XIX emergia a figura do indivíduo que entraria em crise, já no final do século XIX. Seria neste *fin de siècle* que se poderia contextualizar a “crise da identidade masculina”. Um momento de desconstrução do masculino ligado à transição para a modernidade. Com uma fragmentação cada vez mais acentuada devido à radicalização do individualismo, o homem se vê abandonado, remetido a si mesmo, buscando um encontro com a própria singularidade diante do mundo pluralizado¹⁴.

George Moose, igualmente aos demais estudiosos do tema, defende a existência de uma série de crises da identidade masculina, chamando a atenção para a construção da masculinidade moderna. As crescentes pressões da modernidade, no fim do século XIX na França, produziram um conceito elevado de masculinidade, seja no símbolo público ou no ideal privado. “A masculinidade fornecia um anteparo contra o caos e as forças de dissolução que pareciam tão ameaçadoras na época, na medida em que os inimigos da sociedade estabelecida tornaram-se cada vez mais visíveis e numerosos”¹⁵. Tais inimigos poderiam ser os homossexuais, lésbicas, as “novas mulheres”, enfim, espaços marginais que ameaçassem o lugar hegemônico do homem na sociedade. Diante da desterritorialidade do lugar do masculino, o século XIX foi marcado pela luta contra os *outsiders*, estes marginais sociais. “O ideal masculino era um bastião erigido contra a decadência; representava em palavras, em pinturas e em pedra um ideal de virilidade casta, o qual penetrou profundamente na consciência burguesa. (...) O contratipo era sempre o negativo, o exato oposto em olhar, aparência e comportamento, do verdadeiro homem”¹⁶.

Desde o final do século XIX, quando o Brasil também iniciou um processo sócio-econômico e cultural de modernização das cidades¹⁷, as imagens masculinas e femininas sofreram

¹³ BADINTER, Elisabeth. *Op. Cit.*; 1985. p. 16.

¹⁴ LE RIDER, Jacques. *A modernidade vienense e as crises de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

¹⁵ MOOSE, George. “Masculinidade e Decadência”. In: PORTER, Roy; TEICH, Mikulás (org.). *Conhecimento sexual, ciência sexual*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988. p. 290.

¹⁶ Idem; *ibidem*; p. 293.

¹⁷ Para Nicolau Sevcenko, o final do século XIX e início do século XX marca para o mundo um novo período histórico. Um mundo que passava a viver num novo dinamismo social, numa velocidade cotidiana que

alterações. Referindo-se aos estudos de gênero desenvolvidos por Badinter, Melina Marson conta-nos que nesse período ocorreu uma “*desestabilização das fronteiras simbólicas entre os sexos*”, ou seja, o medo de uma “*alteração nos padrões de masculinidade e feminilidade vigentes. Essa desestabilização ocorre quando os papéis socialmente construídos para o homem e para a mulher em uma determinada sociedade se modificam e chegam até a se confundir, tornando os limites entre o tipicamente masculino e o tipicamente feminino quase imperceptíveis*”¹⁸.

As cidades européias, já desde o século XIX, cresciam vertiginosamente. Novos saberes vieram a estabelecer, por sua vez, novas formas de viver em *urbs* que agora deveriam possuir, por exemplo, largas avenidas para melhor renovação do “ar puro” e facilidade da passagem dos automóveis que invadiam o dia-a-dia das pessoas. Nasceram as metrópoles modernas, não apenas marcadas pelo urbanismo, mas também pelo desenvolvimento técnico-científico, o higienismo e uma variedade de saberes que elaboraram, para nós, homens contemporâneos, a nossa identidade.

A modernidade européia e norte-americana trouxe para os brasileiros uma gama de transformações cotidianas que se espalhavam da capital federal para os demais estados. Novidades que traziam, principalmente, um novo conceito de homem civilizado, agora comprometido com um mundo estritamente urbano.

No Norte brasileiro do começo do século XX, discursos envolvendo questões de uma modernização responsável pela urbanização, novas crises econômicas, falências dos engenhos, crescimento das usinas, o estabelecimento de novas práticas femininas e masculinas também ganharam força. Com uma reordenação crescente do cotidiano, discursos alertavam sobre a crise uma sociedade organizada em relações patriarcais. Uma velha “raça” de homens fortes e bravios se “amolecia”. Nas cidades ganhavam uma maior visibilidade homens com características ditas demasiadamente “refinadas”, educadas, “almofadinhas”. A feminização dos homens nas cidades eram criticadas ao mesmo instante que ganhavam seus adeptos. Sobretudo nos Estados Unidos do começo do século XX, onde o presidente Theodore Roosevelt, temeroso com uma feminização dos

impressionava a todos. Várias representações artísticas deste recorte histórico, como as poesias de Baudelaire ou o futurismo de Marinetti, vieram a exemplificar bem o impacto que estas transformações traziam para a percepção e inserção da população neste turbilhão de novidades. Milhares de artefatos modernos passaram a invadir os lares e a modificar o cotidiano das pessoas: o telégrafo, o telefone, a iluminação elétrica, os eletrodomésticos, a fotografia, o cinema, os automóveis, o avião, o papel higiênico, a escova-de-dentes e o dentífrico, o refrigerante, os produtos enlatados, etc. Ver: SEVCENKO, Nicolau (org.) “O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”. In: *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 3; São Paulo: Cia das Letras, 1998.

¹⁸ MARSON, Melina Izar. “Da feminista ‘macha’ aos homens sensíveis”. In: *Cadernos AEL*, Campinas, n^os 3/4, 1995/1996. p. 39.

homens norte-americanos, terminaria por convocar as crianças à prática do escotismo, tendo como principal objetivo “*salvar os meninos da podridão da civilização urbana*”¹⁹.

No caso do Recife, no início do século XX, vários discursos alardeavam mudanças nos códigos de gênero na sociedade patriarcal do Nordeste brasileiro. Gilberto Freyre descreveria o que denominou de uma “crise da família patriarcal”, implicando profundas mudanças nos estilos de vida de homens e mulheres²⁰. Haveria, assim, uma ansiedade diante do que pareceria ser a desvirilização da sociedade e dos homens deste espaço. E o nordestino viria a tornar-se um tipo regional, inventado nos anos vinte, diante da ameaça de uma “feminização” da região caracterizada não apenas pelos avanços feministas sobre os espaços masculinos, mas pelo progresso representado pela “usina-mulher” ou a cidade moderna.

Concordo com Kimmel quando este diz que “*a história da masculinidade deve, então, conter duas partes: a história da mudança da versão ‘ideal’ da masculinidade e as versões paralelas e competitivas que coexistem com ela*”²¹. Entretanto, nota-se que no Recife do começo do século XX, estas “versões paralelas” não possuíam uma identidade ainda definida. O que há é uma crítica, das elites locais, a uma feminização da sociedade e do homem, o que não significa que eles mantivessem necessariamente práticas homoeróticas. Como dito anteriormente, não podemos falar, no Recife dos anos de 1920, da existência de representações dos “não nordestinos”, mas de uma série de práticas ditas de “maus costumes” em que se buscam homogeneizar elementos constitutivos para uma identidade marginal. Da mesma forma, George Moose defende a idéia de que é possível fazer um trabalho sobre a imagem histórica da masculinidade e também o papel que os excluídos ou marginalizados tiveram na construção dessa imagem. “*Os que estão dentro e os que estão fora não podem ser separados facilmente; historicamente, vinculam-se entre si*”²².

Entretanto, não pensemos que estas reelaborações de identidade e o medo do desmoronamento do papel masculino eram homogêneos. “*A desconstrução dos valores tradicionalmente masculinos e o questionamento das formas autoritárias de integração social inspiram, por vezes, discursos utópicos a respeito do surgimento de uma feminilidade redentora, ora de discursos pessimistas e reacionários a respeito da necessidade de restaurar a tradicional*

¹⁹ BADINTER, Elisabeth. *Op. Cit.*; 1985. p. 21.

²⁰ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 6.ed.; Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981; *Ordem e Progresso*. Vol.1; São Paulo: Record, 1990.

²¹ KIMMEL, Michael. *Op. Cit.*; 1996. p. 6.

²² MOOSE, George. *Op. Cit.*; 1988. p. 291.

polaridade do masculino e do feminino"²³. Para Jacques Le Rider, o medo da mulher e a adulação do feminino possuem a mesma raiz: a crise da identidade masculina.

Para estudiosos da área o medo dos homens em redefinir sua identidade está no fato de que a masculinidade se constrói em oposição ao que é culturalmente considerado feminino. Entretanto, pensar desta forma, torna-se problemático no momento em que devemos pensar "(...) *que a identidade de gênero é relacional, medida pela cultura e construída através de um processo de aproximação (identificação) e distanciamento (diferenciação), onde a possibilidade de equilibrar esses dois movimentos estaria também dependente dos homens desconstruírem os significados que têm internalizados do que é ser mulher*"²⁴. Não se pode pensar que diluir as fronteiras entre masculino e feminino significa remeter a um processo de feminização dos gêneros.

Para autoras e autores como Maria Regina de Azevedo, Elaine Showalter, Pierre Bourdieu, Jacques Le Rider, entre outros, a crise do masculino estaria justamente na dificuldade dos homens legitimarem a sua representação socialmente construída. O homem se vê preso dentro do seu próprio modelo, havendo uma tensão entre o mudar e o permanecer, o que mostra não apenas uma situação de desterritorialidade masculina, mas também o quanto é difícil aos homens inventarem formas identitárias. Para isso, torna-se importante, mais do que tentar aproximar modelos femininos e masculinos, compreender como se constrói a subjetividade masculina em confronto com as exigências de mudança colocadas a partir de um referencial feminino.

"*Para sermos livres*", explica Michel Foucault, "*precisamos ser capazes de questionar as maneiras como nossa história nos define*"²⁵, e dessa forma poderemos, a princípio, entender a fabricação de nossa sexualidade. Mas o filósofo francês deixa claro, entretanto, que nossa "liberdade" sempre está "por se fazer"; somos seres sempre definidos e redefinidos, buscando nossa própria "verdade", nosso "eros depois do desejo". "Acordai, jovens!", ironiza Foucault, lembrando que é no "verdadeiro sexo" onde estão "*as partes mais secretas do indivíduo, a estrutura de seus fantasmas, as raízes de seu eu, as formas de sua relação com o real*"²⁶. O mesmo ocorreria com o "nordestino", buscando infinitamente sua identidade, sempre ameaçada

²³ LE RIDER, Jacques. *Op. Cit.*; 1993. p. 202.

²⁴ LISBÔA, Maria Regina Azevedo. "Masculinidade: as críticas ao modelo dominante". In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. p. 132.

²⁵ RAJCHMAN, John. *Foucault: a Liberdade da Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.131.

²⁶ SWAIN, Tânia Navarro. *Op. Cit.*; 2000.

por novos códigos de sexualidade no começo do século XX? Tratando de entender estas construções e remodelações, poderemos entender, certamente, mais um pouco de nós mesmos.

Somos produzidos por relações de poder, sendo o principalmente o seu efeito. Estamos envolvidos por toda uma rede de poderes e formações de saberes que instituem, classificam e explicam o que é ser homem no nordeste²⁷. São exatamente estes mecanismos de poder e suas tramas discursivas que o nordestino e sua região foram elaborados. Para entendê-los necessitamos examinar o modo como se estabelecem as práticas, como se organizam os enunciados, como se articulam os poderes. São as práticas que, em última análise, edificam o significado das coisas no mundo. As coisas não significam por si só, mas o significado é nelas instaurado pelas práticas²⁸. As práticas discursivas e não discursivas que emergiam no Recife no começo do século XX tornam-se um objeto de importância para entender historicamente a invenção do sujeito histórico nordestino. Isto porque, como pondera John Rajchman “(...) o sujeito não é a condição do saber, mas (...) o saber acerca do sujeito é uma das formas históricas através das quais a experiência subjetiva é constituída. O sujeito não é uma invenção da filosofia, mas uma entidade historicamente constituída”²⁹.



O primeiro capítulo, *Gilberto Freyre e as transformações no Recife: a tradição, os maus costumes e o “homem do nordeste”*, contextualiza a cidade do Recife na década de 20 e a emergência de um discurso regionalista formador de uma concepção de tradição. Apresenta-se a rejeição, por parte principalmente dos regionalistas, a um Recife moderno, com transeuntes anônimos e apressados, rodeados de barulhentos automóveis. Período em que as práticas masculinas e femininas começam a ter uma visibilidade maior e a fazer parte dos discursos de uma intelectualidade recifense. Reclama-se principalmente das mudanças dos comportamentos e do fim

²⁷ RAGO, Margareth. *As marcas da pantera: Foucault para historiadores*. In: **Rev. Resgate**. Campinas: Papyrus, nº 5: 22-32. 1993. p. 28.

²⁸ RESENDE, Selmo Haroldo de. *Abodagens Biográficas e Foucault*. In: **NEHO HISTÓRIA** – Núcleo de Estudos em História Oral. Dep. História USP. nº 1, 1999. p. 64.

²⁹ RAJCHMAN, John. *Eros e Verdade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.121.

de uma época áurea existente nos engenhos de cana-de-açúcar. Através da formação do Centro Regionalista do Nordeste em 1924, concentraram-se as discussões sobre o tradicionalismo regionalista, surgindo uma série de saberes sobre o “homem do nordeste”.

O segundo capítulo, *“Moleza” masculina, medo regionalista: discursos e práticas de homens recifenses*, apresenta alguns “medos regionalistas” dos “maus costumes” masculinos que emergiam no Recife do começo do século XX. Através do jornal “Diário de Pernambuco” e obras de autores como José Lins do Rêgo, Mario Sette, Julio Bello, Feitosa – homens e mulheres que viveram e participaram das discussões daquela época –, percebe-se a decepção de muitos homens da elite e articulistas do jornal das novas figuras masculinas que passavam a rondar a capital e os engenhos de Pernambuco, assim como em outros estados. Criticava-se o cinema e as imagens do masculino nela apresentadas, assim como trajes masculinos que os efeminariam. As políticas higienistas dos anos 1920 deram uma maior visibilidade à questão da virilidade masculina, percebendo-se através dos anúncios do “Diário de Pernambuco” um súbito aumento de “tônicos virilizantes” e a sujeição dos leitores a imagens de homens e mulheres saudáveis e fortes.

Utilizando-se das mesmas fontes, o terceiro capítulo intitulado *Mulheres no mando, espaços em conflito: discursos recifenses sobre as práticas femininas*, apresenta os alardes presentes nos discursos masculinos em relação às práticas femininas e sua ameaça aos lugares de poder dos homens. Temiam-se e criticavam-se as “mulheres-viragos” que fumavam e vestiam-se como homens ou mesmo comandavam engenhos à “mão de ferro”, melhor que muitos netos senhores de engenho. Tais práticas viriam, em tais discursos da época, desvirilizar o homem, tornando-o “desfibrado” para o mando nos engenhos ou mesmo no comando da casa.

Capítulo 1

Gilberto Freyre e as transformações no Recife: a tradição, os maus costumes e o "homem do nordeste"

O Rio é como um bolo de confeitaria: aparência esplêndida, mas fazendo mal ao estômago. A nossa terra é como um daqueles bolos feitos por nossas tias ou mães pretas: ingênuos no enfeite, uma rosa de papel fincada ao meio, porém gostosíssimos e sem fazer mal a quem os come.

Mario Sette

A década de 1920 foi marcada na cidade de Recife por uma forte defesa de "valores tradicionais". Discussões acerca do tradicionalismo e do regionalismo emergiram nos jornais locais, principalmente nos de grande circulação como o "Diário de Pernambuco", discutindo a chegada de novidades e as transformações provocadas na cidade.

O periódico "Diário de Pernambuco", fundado em 1825 no Recife, foi no começo do século XX um dos principais meios de comunicação e informação dos estados do Norte do país, não se restringindo apenas aos acontecimentos locais, mas também de outros estados limítrofes, além de Rio de Janeiro e São Paulo. Como nos diz Sousa Barros em sua obra sobre os acontecimentos políticos e culturais no Recife da década de 1920³⁰, a imprensa centralizava um poder muito maior que nos dias de hoje. O jornal era o divulgador central de tudo que ocorria à época na cidade e no país, além de discussões de foro internacional. Inclusive, para um intelectual ganhar uma maior visibilidade social, ele deveria participar ativamente das publicações, principalmente num momento de mudanças na cidade recifense e de propostas regionalistas.

³⁰ SOUZA BARROS. *A década de 20 em Pernambuco*. 2ª ed., Recife, Fundação Joaquim de Cultura da Cidade do Recife, 1985.

Mas antes mesmo das discussões regionalistas, por volta da década de 1910, a idéia de uma região formada por estados com aspectos em comum (como a questão da seca) vinha se desenvolvendo com força em discursos político-econômicos³¹. Em uma série de artigos do “Diário de Pernambuco” publicados ao longo das primeiras décadas do século XX, os problemas econômicos dos estados nortistas referiam-se a um Nordeste marcado principalmente pela falta de investimentos e pela seca regular que atingia aquela região, necessitando constantemente de recursos financeiros do Governo Federal ou firmas empresariais:

*Ninguém que verdadeiramente attente na situação que se vae creando para o **nordeste brasileiro** com relação ao transporte ferro-viario, poderá desconhecer a gravidade deste problema e o caracter urgente que o mesmo vae assumindo.*³²

*(...) animamo-nos a appellar para o Congresso nacional, ora reunido, (...) providencias que podem ser tomadas independentemente de outras obras no sentido de ser votado um auxilio pecuniario aos **Estados do nordeste** (...).*³³

³¹ A partir da chamada “grande seca” de 1877, elaboraram-se lugares de saber e poder sobre uma questão que passaria a ser um grave problema e que afligiria a economia e a vida da população de vários estados nortistas. Através de instituições de combates contra a seca cristalizaram-se lugares de poder para políticos exigirem verbas federais e, assim, manterem seus interesses locais. Em 1909 era criado o IOCS (Inspetoria de Combate contra as Secas), sendo rebatizado em 1924 como “Inspetoria Federal de Obras contra as Secas” (IFOCS) para, então, se denominar em 1945, “Departamento Nacional de Obras contra as Secas” (DNOCS). Em artigo de década de 1910 pode-se ler no “Diário”, por exemplo, uma *charge* sobre o mau uso político do IOCS, em que um rapaz bem trajado gaba-se para sua noiva por não precisar trabalhar pois receberia salário como “terceiro suplente” do motorista da instituição.

Sobre a história do imaginário das secas e o conceito histórico da região Nordeste ver: ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *Falas de Astúcia e Angústia: a Seca no Imaginário Nordestino (1877-1922)*. Campinas, UNICAMP, 1988. (Dissertação de Mestrado em História); *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

³² *O nosso problema ferro-viario*, Recife, Diário de Pernambuco, 17 de outubro de 1918, p. 3, c. 2. (sem autor). grifo meu.

³³ *A Secca do Nordeste*, Recife, Diário de Pernambuco, 10 de junho de 1919, p. 2, c. 3. (sem autor). grifo meu.

*Asseguram que estão muito adiantadas as negociações entabuladas com o banqueiro Landoberg, representante de um sindicato de capitalistas norte-americanos, para a realização de um empréstimo destinado às obras contra as secas do **nordeste brasileiro**.*³⁴

Discussões que atingiram seu ápice na década de 1920, mas tendo desta vez como carro-chefe um discurso mais sócio-cultural defensor da manutenção das tradições existentes antes da chegada de “valores estrangeirizados”, tal como demonstrou o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, em 1926 e a publicação do Manifesto Regionalista.

Descendentes dos decadentes senhores de engenhos, ainda representantes de uma casta importante para a cidade e que gostariam de manter ou reelaborar um lugar de poder um dia vivenciado por seus avós, utilizaram-se da importância social que possuíam para fazer ouvir suas vozes, reclamando, como no caso do sociólogo Gilberto Freyre, a manutenção de uma memória.

Defensor ferrenho da chamada “cozinha regional”, Freyre demonstrou através dos seus artigos todo o repúdio ao novo “Recife-Maniaco”, às novidades vindas do Sul do país e do exterior: aos enlatados, às comidas de restaurantes; ou então, à destruição da velha arquitetura colonial existente na antiga cidade (exemplo que se encontra ainda hoje no “Museu do Homem do Nordeste”, localizado na capital pernambucana, onde há fragmentos de construções de antigos casarões – recolhidos por Freyre e outros intelectuais da época – que foram destruídos para darem espaço ao crescimento da cidade). Seus discursos regionalistas vêm reelaborar o lugar de grandeza dos seus avós e seus agregados, mostrando como típica a vida de uma região que se constituía como nordestina. O regionalismo e o tradicionalismo foram conceitos que se interpenetraram, muitas vezes confundindo-se³⁵. Ser um regionalista seria defender uma tradição a se perder; um “tradicionalismo regionalizante”

³⁴ *Telegrammas – Obras do nordeste*, Recife; Diário de Pernambuco, 28 de novembro de 1919, p. 1, c.2. (sem autor). grifo meu.

³⁵ AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo*. 2.ed.; João Pessoa/Recife: UFPB/Editora Universitária; UFPE/Editora Universitária, 1996. p. 100.

que, por isso mesmo, deveria ser alargado para além das fronteiras do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco ou Alagoas.

Através da formação do Centro Regionalista do Nordeste, instituição fundada por intelectuais, políticos e literatos recifenses, empenhou-se em valorizar aquilo que passariam a ser “os aspectos típicos” da região nordestina e, principalmente, os costumes mantidos pelo seu habitante, o “nordestino”.

1. *Uma (ger)ação pela tradição*

No ano de 1923, Gilberto Freyre retornava à cidade de Recife após cinco anos vivendo fora do país. Mesmo aparentando características de um rapaz “anglicanizado”, ele insistia em mostrar que não esquecera de sua descendência senhorial dos latifúndios de cana-de-açúcar.

Durante sua estadia fora do país, seu nome já era conhecido no meio social da capital pernambucana principalmente por sua participação no “Diário de Pernambuco”³⁶. Para este periódico, Freyre já vinha escrevendo artigos desde os Estados Unidos, intitulados *Da Outra América...*, apresentando aspectos sobre a vida cotidiana, jurídica e moral daquele país onde ele esteve a estudos desde 1918. Neste mesmo espaço de grande visibilidade para Pernambuco e estados vizinhos, Freyre não deixava de elogiar, mesmo à distância, uma tradição brasileira. Fora do país, já se referia à “comida brasileiríssima” que possuíamos e lamentava a derrubada das árvores no Recife antigo perante “fáceis ordens estúpidas”,

³⁶ Os discursos de Gilberto Freyre sobre os costumes, a família, o feminismo, o cotidiano, etc. também estão presentes em um conjunto de artigos para o “Diário de Pernambuco” (entre eles, os chamados “artigos numerados”, publicados ao longo da década de 20) que se constituem, entre outras coisas, na defesa dos “antigos costumes” ameaçados pelas novidades modernas. Ele também organizou em 1925, para a comemoração do centenário do mesmo “Diário”, o “Livro do Nordeste”, uma coletânea de artigos produzidos por intelectuais locais sobre aspectos da vida nordestina e uma fervorosa defesa pela manutenção de suas tradições. Além de tudo, Freyre tornou-se conhecido nacionalmente e internacionalmente por difundir suas idéias sobre a formação do país e do brasileiro em obras como “Casa Grande & Senzala” (1933), “Sobrados e Mocambos” (1936), “Nordeste” (1937), “Ordem e Progresso”, (1959), e até mesmo nos Estados Unidos com publicações em inglês, como “Brazil: An Interpretation”, de 1945 (obra que seria ampliada e cujo título seria mudado para “New World in the Tropics”).

sugerindo que a melhor forma de comemorar o centenário da independência do Brasil seria plantando árvores³⁷. Como veremos, esta sugestão seria mantida após sua chegada e cumprida por ele anos depois, sendo um dos organizadores da “Semana da Árvore”.

Mas qual foi o espanto de Gilberto Freyre quando, pisando novamente no Recife, buscou lembrar-se da sua cidade natal. Não se cansou de lamentar nos artigos que continuou a escrever no “Diário” que tudo mudara. Não apenas os grandes casarões – os históricos sobrados que estavam sendo destruídos para darem lugar ao trânsito dos automóveis –, mas até mesmo os costumes, o cotidiano das pessoas que ele ainda se lembrava da sua infância.

Logo na sua chegada, o jovem sociólogo tornou-se grande amigo de José Lins do Rêgo – futuro autor das consagradas obras regionalistas conhecidas como “ciclo-da-cana”³⁸ –, o qual não pôde deixar de comentar sobre a decepção do jovem saudosista retornando à sua terra natal:

Vinba sem dúvida cheio de afeições pela sua terra. Havia nele um pouco de colegial voltando a casa pelas férias. (...) Começara a rever os lugares mais queridos, a tomar posse do seu mundo. Mas a decepção que o novo Brasil lhe deixou foi grande. Na sua ausência andaram como que a remexer o melhor daquele mundo, a subverter coisas que ele ansiava encontrar, se não melhores, em suas posições de outrora. Nunca piores, estragadas pelo mau gosto, pelo mau comercialismo, pelo falso Progresso. O Brasil todo lhe parecia assim: uma casa paterna estragada por malfetores e por intrusos.³⁹

Irritado com o que presenciava nas ruas do Recife Gilberto Freyre responsabilizou,

³⁷ AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Op. Cit.*; 1996. p. 122.

³⁸ O “ciclo-da-cana” de José Lins do Rêgo é formado por cinco obras produzidas e publicadas durante a década de 30: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *O moleque Ricardo* (1935) e *Usina* (1936). Em 1943 seria publicado *Fogo Morto*.

³⁹ José Lins do Rêgo, apud AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Op. Cit.*, 1996. p. 124.

em seus primeiros discursos após sua chegada, a nova geração de pernambucanos, filhos de senhores de engenho, de ser incapaz de “reatar a tradição do bom senso, a tradição [dos seus] avós há cinqüenta anos interrompida”⁴⁰. Uma geração que seria inferior por defender uma guerra absurda (a Primeira Grande Guerra) e sua desenfreada mania pelo “modernismo”. E assim ele continuaria a discursar anos depois, vendo-se incapaz de evitar as reformas e destruições da antiga cidade.

O que me julgo com o dever de denunciar é a sem-cerimonia das restaurações e das modernizações. Que direito terá uma simples mesa regedora de encarregar um simples pintor de reclames de fitas de cinema ou artigos de moda da restauração dum altar ou da restauração de pinturas muraes em igrejas seculares?

*(...) Não falemos dos arcos. Nem da Sé de Olinda. Porque não há pernambucano com uma centelha de gosto cujo orgulho não se amarfambe á lembrança da destruição dos arcos e da restauração da catedral. Nesses atentados (...) ficou para sempre o traço da inferioridade de toda uma geração.*⁴¹

Na cidade recifense da década de 1920, o impacto das novidades produziu diferentes representações no imaginário de intelectuais e governantes locais do que em outras grandes cidades brasileiras. O Recife não sofria transformações velozes. A relação entre o “novo” e o “velho” tornava-se mais nítida à medida que a cidade ia modificando-se, não sendo difícil perceber referências constantes dos intelectuais recifenses às idéias de tradição, regionalismo, modernidade ou modernismo.

Neste contexto, a idealização de um passado, de uma época de ouro, foi exatamente

⁴⁰ José Lins do Rêgo, apud AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Op. Cit.*, 1996, p. 131.

⁴¹ FREYRE, Gilberto. “91”, Recife, Diário de Pernambuco, 11 de janeiro de 1925, p.3, c.2. (artigos numerados).

o que deu força e vigor ao tradicionalismo dos anos 20. Segundo Flávio Teixeira, "(...) a ambivalência entre o moderno/novo e o tradicional/arcaico é algo inerente ao próprio fazer histórico. A história, o real historicamente vivido, é o espaço por excelência de manifestações de contradição, do conflito, da diversidade. A tensão moderno/tradicional, novo/arcaico, não é mais, portanto, que a inevitável expressão da pluralidade de trilhas com que se defronta o ser social"⁴².

Recife não era o que se poderia denominar de uma "cidade moderna" para a época. Da mesma forma, a modernidade e o modernismo não propiciavam discussões que abrangessem uma grande parcela da população. Entretanto, não se pode deixar de notar que os processos de modernização dos serviços públicos atingiram de forma direta o cotidiano da população. Sinal de que "ideais modernos" não deixavam de circular, modificando também os costumes da população.

Apesar da crise econômica que abalava Pernambuco e os estados limítrofes com a longa decadência econômica da produção monocultora dos engenhos açucareiros, Recife não deixava de ser o palco de um incipiente desenvolvimento urbano e industrial. Tal fato contribuiu para gerar ambientes de tensão política, passando a haver uma consciência maior da necessidade de mudanças nos níveis político, econômico e social. Esta conjuntura em Pernambuco não deixou, portanto, de contribuir para a propagação de novas formas de representações da cidade do Recife e de sua população, assim como a propagação de novas idéias. Como escreveu esperançosamente Annibal Fernandes⁴³, o Recife atravessava "*um magnífico surto de progresso*" como o Rio de Janeiro já presenciara. Afirmava a necessidade de uma remodelação urgente do Recife, longe dos focos de febre amarela, sem

⁴² TEIXEIRA, Flávio Weinstein. "Intelectuais e Modernidade no Recife dos anos 20". In: *Saeculum – Revista de História*. João Pessoa, **1(1)**: 89-98, Jul./Dez./1995, p. 92.

⁴³ Annibal Fernandes, pernambucano formado pela Faculdade de Direito do Recife, iniciou sua carreira jornalística em 1917, aos 23 anos, no jornal "O Pernambuco". Neste mesmo ano entrou para o "Diário de Pernambuco", ocupando durante 20 anos o cargo de Redator-Chefe. Colaborou em outros jornais recifenses, entre os quais o "Jornal Pequeno", a "Notícia" e o "Estado". No governo de Sergio Loreto (1922-1926) assumiu a Secretaria da Justiça. De 1926 a 1930, foi Deputado Estadual de Pernambuco. Vivenciou o advento da Revolução de 30 participando contra o Estado Novo. Como articulista do "Diário", Annibal Fernandes escreveu durante os anos de 1919 a 1922, coluna semanal intitulada *De uns e de outros...* discutindo as novidades trazidas pela modernidade e os problemas sociais que emergiam, defendendo a necessidade da população se adaptar às mudanças.

vielas, becos deselegantes para uma cidade: o desejo de que a capital pernambucana fosse de fato a São Paulo do Norte do Brasil⁴⁴.

São as novas ruas que se abrem, as novas avenidas, os novos prédios, o calçamento que aí vem, o movimento dos automóveis, o Ford batendo em toda a linha as velhas carroças, um sopro de modernismo enfim que vae desde as construções até as toilettes das moças e os fatos do rapazão.

Nem faltou a invasão do “almofadismo” carioca ou o “melindrosismo” agudo das pequenas que fazem o footing naquele Flamengo ideal do Guanabara.⁴⁵

Tema que estava em discussão principalmente no “Diário de Pernambuco” eram os chamados “novos costumes” (ou até mesmo, “maus costumes” ou “maus hábitos”) que traziam, ano a ano, um modo de viver distinto daquele de um meio ainda rural, que se costumava presenciar, por exemplo, nos engenhos próximos à capital pernambucana. Cidade que entretanto, segundo os discursos de Freyre, assim como de outros companheiros, não deixava de ter uma vida pacata, simples, quase sem o alvoroço dos barulhentos automóveis.

Também se pode notar nos anúncios publicados constantemente no “Diário” que o início do século XX trouxe novidades que denotavam novos usos do corpo masculino e feminino. As novidades modernas como vendas de biotônicos fortalecedores e rejuvenescedores, além de virilizantes para os homens, produtos de higiene e de saúde femininos, moda feminina, cortes de cabelo, cine-teatros, medicamentos para os “medos modernos” como o suicídio, mostram a emergência de uma nova estética do corpo para o seu uso na cidade. Da mesma forma, havia uma crescente preocupação dirigida pelos

⁴⁴ FERNANDES, Annibal. *De uns e de outros...* Recife, Diário de Pernambuco, 27 de novembro de 1919, p.3,c.2.

Antes da existência da coluna de Annibal Fernandes, o “Diário de Pernambuco” publicou durante a década de 1910 a coluna *KODAK*, de Jader Andrade, comentando também sobre as políticas públicas na cidade e a chegada do “progresso cheirando a gasolina” no Recife. Neste período também foi publicada a coluna sem assinatura intitulada *Respingos*, comentando sobre a decadência moral na cidade do Recife.

⁴⁵ FERNANDES, Annibal. *De uns e de outros...* Recife, Diário de Pernambuco, 12 de dezembro de 1919, p.3,c. 2.

discursos médicos-higienistas comentando sobre doenças venéreas, a virilidade, a pele feminina, a força muscular masculina, doenças mentais, etc. Assim, apesar de seu lento crescimento e mudanças no cotidiano da sua população, um intenso debate sobre a “modernização” não deixou de marcar o Recife da década de vinte.

Esse conceito era muitas vezes utilizado para denotar não apenas mudanças urbanísticas da cidade, mas também os novos “passos” que nela se estabeleciam, como a moda masculinizada das mulheres no início do século XX ou as representações masculinas até então pouco difundidas no Recife como o “almofadinha”.

Principalmente nos governos do final da década de 1910 e início da década de 1920, a cidade veio a sofrer novas transformações urbanísticas, construindo-se casas populares e erradicando-se os mocambos. Aterraram-se os mangues, ampliaram-se os serviços de rede elétrica e abriram-se modernas ruas e avenidas, derrubando-se arcos que ficavam nas estreitas ruas do antigo Recife. Tais transformações logo receberam críticas da população da cidade e de políticos. Entre eles o próprio prefeito, Lima Castro, durante o governo de José Rufino, reclamava que pouco adiantava tais mudanças se não se modificassem também os costumes da população, principalmente a mais pobre.

Antônio Paulo Rezende, em seus estudos sobre a cidade de Recife na década de 1920⁴⁶, mostra um exemplo destes enfrentamentos entre a população e as medidas higienistas que tornaram conhecido principalmente o governo de Sergio Loreto (1922-1926) – período em que Gilberto Freyre retornava ao Recife. Uma das mais curiosas foi a decisão de erradicar os mosquitos transmissores da febre amarela exterminando-se os tocos de mamoeiros existentes na cidade, mesmo aqueles plantados e cuidados dentro dos domicílios. A invasão das casas para a tomada de medidas sanitárias irritava a população, incentivando a sua resistência pelas mudanças exigidas e, claro, a inevitável criação de versos irônicos:

*Dona de casa, queira desculpa
que poliça sanitária*

⁴⁶ REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *(Des) Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História, área de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1992.

entre em seu quintá.

*— Seu bedegeba, fique aí o dia inteiro,
mas veja lá, o senhor preste atenção:
não me arranque mamoeiro,
nem me carregue o mamão.⁴⁷*

Por outro lado, da mesma forma que os recifenses contrapunham-se à derrubada dos mamoeiros pela cidade, outra parcela criticava os “maus hábitos” dos transeuntes recifenses, lamentando que “*jamais haveria higiene pública suficiente, inveterados como são os maus hábitos de grande parte da população de qualquer de suas esferas*”⁴⁸. Nota-se, assim, que os temidos “maus costumes” tinham uma dimensão bem maior que apenas um medo pela perda de uma tradição ameaçada pela modernização da cidade. Era o novo que, muitas vezes, passava a ditar o que seria um “mau costume”, havendo os que defendessem que apenas uma lei, cuja execução se fizesse severamente, sem exceções, poderia levar a população a obter alguma “educação”.

O governo de Sergio Loreto, com a secretaria da Saúde Pública, buscou nos discursos médico-higienistas meios de legitimação para imprimir novos hábitos dentro das casas dos trabalhadores da cidade. Com uma forte política higienista, Amaury de Medeiros (genro de Loreto) e seu colega Ulysses Pernambucano desenvolveram estratégias para a cristalização de novos saberes e novas práticas dentro das residências suburbanas do Recife. O governo passaria a construir “casas higiênicas” em que seus novos habitantes poderiam nela viver caso seguissem pressupostos básicos de “higiene” e “bons costumes”:

As casas só podem ser alugadas a operários com famílias legalmente constituídas, considerando-se operários aqueles que ganham a vida com trabalhos manuais. As exigências disciplinares imperam, sendo

⁴⁷ Anônimo, apud. REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *Op. Cit.*; 1992. p. 52.

⁴⁸ REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *Op. Cit.*; 1992. p. 56.

expressamente proibido cuspir no chão, mudar a posição das portas, janelas, ferrolhos ou mesmo colocar pregos em qualquer parte da casa. Não podem os inquilinos criar porcos, galinhas ou mesmo qualquer outro animal doméstico, mesmo pássaros em gaiola. Mais ainda, eles são obrigados a evitar discussões com os vizinhos, sendo punido com a perda da moradia aqueles que tiverem o vício da embriaguez. Até a realização das festas sofre limites. Para assegurar a ordem, as residências podem ser visitadas a qualquer hora do dia, quer pelo zelador da vila, quer pelos funcionários da Saúde Pública.⁴⁹

O pensamento médico-higienista também foi o construtor de um discurso normativo, disciplinador e moral. O aburguesamento da sociedade brasileira serviu para a emergência de novas propostas de disciplinarização dos corpos, dos hábitos e da vida dos indivíduos.

Carmen Soares, em seu estudo sobre a emergência de saberes instituintes de novos corpos higiênicos e disciplinados para uma ordem burguesa (sendo a Educação Física um desses principais meios), nos mostra que as questões relativas à saúde, à higiene dos corpos dos indivíduos já começavam a fazer parte das preocupações das elites dirigentes no Brasil da segunda metade do século XIX. E o alvo inicial para a atuação desses novos saberes médicos foi justamente a família de elite. Acreditava-se que o uso da ginástica pudesse propiciar uma construção anatômica que representasse a classe dominante. Desta forma, continuaria a reforçar pólos de diferenciação de uma formação social racista, produzindo e reproduzindo representações dicotômicas do escravo e do senhor, e até mesmo de uma superioridade do homem sobre a mulher⁵⁰. Da mesma forma, as mulheres, assim como os homens, deveriam saber associar o bom uso do corpo, seguindo uma prática diária de exercícios físicos unidos a uma educação sexual. Corpos fortes e higiênicos que seriam reprodutores potenciais para o bom desenvolvimento da sociedade.

⁴⁹ REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *Op. Cit.*; 1992. p. 53.

⁵⁰ SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994. pp. 88-89.

Com o advento da República, por sua vez, as intervenções médico-higiênicas passaram a ocorrer diretamente nas cidades e seus transeuntes. Intervenções que não estavam preocupadas em modificar as relações sociais presentes nas *urbs*. Antes, a intenção era agir exclusivamente para o meio ambiente, já que ele passou a ser o responsável direto pela saúde, tanto do corpo individual como do “corpo social”. Sanear as cidades era sinônimo para os médicos e o Estado garantirem a formação de corpos saudáveis e aptos para o trabalho. Presenciava-se, então, como Freyre nos conta no caso do Recife, toda uma planificação do espaço das cidades, passando-se a “(...) higienizar casas, ruas, demolir antigos casarões, rasgar largas avenidas em meio a vielas sombrias, matar insetos através de continuas desinfecções, promover campanhas de vacinação em massa, etc, etc, (...). Em nome dessa purificação, dessa assepsia do meio ambiente urbano, o saber e a autoridade médica (estatal), invadem a intimidade dos lares, destroem os seus valores, suas práticas e desejos e impõem, no seu imaginário, o ideário burguês de civilidade: a ordem, a limpeza, a disciplina, a autoridade, a família, a moral, a propriedade privada...”⁵¹.

Seguindo as notícias do “Diário de Pernambuco”, percebe-se a preocupação dos governos locais em disciplinar o cotidiano da população de um “subúrbio” que fugia aos padrões de “civilização” que se desejavam estabelecer para a cidade. Diariamente publicavam-se notícias de estupros, assassinatos, bigamias, suicídios, brigas entre mulheres, traições matrimoniais que terminavam em morte. A grande maioria merecendo apenas algumas linhas sobre o fato ocorrido, tendo como título o acontecimento e/ou o local do ocorrido, mas que não deixavam de alarmar os leitores sobre as margens de um Recife distante do moderno. Notícias como a do distrito de São José, onde o subdelegado resolveu reprimir a comemoração popular do “bumba meu boi” por estar ocasionando demasiadas desordens entre os populares⁵². Ou sobre o carnaval, onde a polícia proibiu terminantemente a figura do “travesti” nas festas⁵³. Em 1904, na coluna *Notas Indiscretas*, cujos temas costumavam fixar-se sobre a “moral social”, já se discutia a necessidade de uma atuação

⁵¹ SOARES, Carmen Lúcia. *Op. Cit.*; 1994. pp. 120-121.

⁵² *Em São José o “Boi” não dança mais*. Recife, Diário de Pernambuco, 23 de novembro de 1914, p.1, c.4. (sem autor).

⁵³ *A polícia e o carnaval*. Recife, Diário de Pernambuco, 2 de fevereiro de 1914, p.1,c.4. (sem autor).

mais eficiente da polícia contra a depravação dos costumes que existiriam principalmente nas pequenas cidades do interior pernambucano⁵⁴.

O governo de Loreto teve forte apoio da imprensa local, apresentando o seu pacto com o moderno e com o progresso “*dentro do equilíbrio e da ordem*”. Mas como afirma Antônio Paulo Rezende, antes de se pensar numa contraposição entre o velho e o novo, entre uma missão civilizatória de uma elite contra uma população que reagia às mudanças, deve-se entender que medidas como as tomadas durante este governo serviram apenas como mais um meio para dar continuidade a uma defesa da tradição. Uma tradição que deveria ser resguardada através das mudanças necessárias para levar o estado pernambucano ao desenvolvimento econômico e social.

Dentro desta complexa relação entre o novo e o velho no Recife, podemos destacar Annibal Fernandes, articulista do “Diário” com sua coluna semanal *De uns e de outros...* Defensor dos interesses regionalistas criados pelo Centro Regionalista do Nordeste (tendo Gilberto Freyre como um dos fundadores), ele não deixava entretanto de manter em seu discurso uma contraposição entre o mundo urbano moderno que se instaurava na década de 20 em Recife e a disciplinarização do corpo dos transeuntes pobres da cidade. Costumes, segundo Fernandes, ainda coloniais, do meio rural e antiquados, como o cuspir no chão⁵⁵ ou andar descalço, além da miséria que ganhava uma maior visibilidade diante de uma cidade que crescia.

Mas uma cousa que o Recife ostenta bem claramente, aos olhos de toda a gente, e é sobretudo chocante para quem vem do Rio ou S. Paulo, é a vaga de preguiça, de indolência, de nonchalance que se vê espalhada por esses grupos de carregadores, sentados pelas calçadas, refestelados ao pé das escadas dos edificios enfileirados á porta das egrejas, inertes, bocejantes, como si isto aqui fosse de facto o paraíso da malandrice e da vagabundagem

⁵⁴ *Notas Indiscretas*. Recife, Diário de Pernambuco, 4 de maio de 1904, p.1,c.2. (sem autor).

⁵⁵ Em artigo sem autor do “Diário”, há também referências às classes mais abastadas ao “mau hábito” de cuspir nos vagões dos trens, sendo necessário a instalação de avisos do tipo: “*Pede-se aos srs. passageiros o obséquio de não cuspir no chão*”. *Maus Hábitos*, Recife, Diário de Pernambuco, 19 de maio de 1914, p.2, c.3. (sem autor).

*O habito que ainda remonte dos tempos coloniaes de se andar descalço agrava esse aspecto pouco agradável da cidade, a dar um espectáculo de miséria e appathia e de indiferença. A isto junte-se a mendicância, mulheres em farrapos, com os filhos nus, aleijados, cegos, paralyticos, aqui e ali, nas pontes, nas livrarias, na Bolsa, nos cafés, nas casas de modas, e tudo indica que a policia de braço dado á prefeitura deve quanto antes acudir para libertar a nossa urbs dessas scenas que desfiguram a nossa cultura e desabonam de nossos hábitos de sociedade.*⁵⁶

*É preciso afastar os adultos, desiludidos do urbanismo para os centros agrícolas e combater a praga dos menores vagabundos, por meio das escolas e dos institutos disciplinares e profissionaes.*⁵⁷

Este mesmo jornalista seria aclamado por José Lins do Rêgo como um bom tradicionalista, combatente dos “*demolidores desapiedados dos monumentos históricos de Pernambuco*”⁵⁸.

Como uma cidade em crescimento, Recife apresentava os mesmos problemas que outras grandes cidades também presenciaram. Seguindo como modelo de crescimento urbano no país principalmente as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, Recife veio apresentar uma outra característica: uma defesa pela continuidade dentro da mudança.

Se Annibal Fernandes, assim como os governos das décadas de 1910 e 1920, desejavam um Recife novo e limpo, ao mesmo tempo buscava-se criar uma “personalização” para o estado de Pernambuco, representado principalmente pelas mudanças que o Recife sofria.

Identidade esta bastante complexa de determinar diante de vários projetos de uma *urbs* moderna que se deseja impor à população recifense. Discussão que ganhou vigor e

⁵⁶ FERNANDES, Annibal. *De uns e de outros...* Recife, Diário de Pernambuco, 12 de dezembro de 1919, p.3,c.2.

⁵⁷ Idem. *De uns e de outros...* Recife, Diário de Pernambuco, 11 de abril de 1921, p.3, c.2.

⁵⁸ José Lins do Rêgo, apud AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Op. Cit.*, 1996. p. 101.

visibilidade justamente com a chegada de Gilberto Freyre, adquirindo rapidamente seus "seguidores". Companheiros como o próprio Annibal Fernandes e Amaury de Medeiros, integrantes do Centro Regionalista, apesar das fortes críticas que este último sofria do tempestivo Freyre.

2. *Entre fraques e jaquetas: onde estão os maus costumes?*

Como se pôde perceber até então, entre os intelectuais da cidade que mais se opuseram às transformações que ocorriam esteve Gilberto Freyre. Este recifense não simpatizava totalmente com aqueles que se encantavam com as transformações do velho Recife, colocando por isso limites e censuras aos desejos de modernização e, por sua vez, enfatizando o valor das tradições, alimentando o saudosismo de uma outra época.

Este jovem intelectual buscou pelas ruas detalhes que escapassem ao Recife moderno que presenciava, comentando a vida ordinária dos moradores da cidade como no bairro de São José, um dos mais antigos. Este espaço seria ainda ideal para ele, distante dos "modernismos" que estariam a modificar os costumes da população. Assim, em São José a rua continuaria a ser uma extensão da casa em que "*o estranho anda e passeia por ela como a pedir licença e abafar o passo*", como um intruso. Também seus moradores continuariam a ir "*à rua de chinelos e pijama, a toalha de banho desdobrada ao ombro, às voltas com gaiolas de curió ou canários de briga*"; rapazolas que jogavam *foot-ball* com bolas de pano; mulheres que vinham "*à janela despenteadas e gritando, comprar mangas, caju, kuskús, peixe. (...) Na própria calçada dobravam-se toalhas, e vinha o jantar de cioba e pirão, servido segundo um cronista, 'em verdadeira louça da China'*"⁵⁹.

Para Gilberto Freyre, essas seriam as rememoradas ruas do bairro São José, cheias de ingenuidade que o faziam esquecer o "Recife-Maníaco" – denominação dada por ele à cidade que presenciava após o seu regresso. Um novo mundo que assustava este intelectual,

⁵⁹ FREYRE, Gilberto. "95", Recife, Diário de Pernambuco, 8 de Fevereiro de 1925, p.1, c. 5. (artigos numerados).

ao ver os indivíduos apenas passearem “num carro exatamente por causa do estridor das rodas sobre os duros paralelepípedos”⁶⁰. Muito melhor seria, continua ele, o andar macio de uma carruagem bem estofada e com suaves molas, sem ruídos, sem pressa, numa tenra tranquilidade. Concorde com Annibal Fernandes – aquele mesmo que vibrava com o vai-e-vem dos automóveis “Ford’s” nas ruas do Recife –, quanto à necessidade de se colocar pelo menos pneus de borracha nos carros evitando-se, assim, ruídos desnecessários. No mesmo artigo, pelo mesmo motivo de sua defesa pelo silêncio das pacatas ruas, elogiou a iniciativa de Amaury de Medeiros de proibir o uso de fogos de artifício.

Por outro lado, presenciando tamanha destruição de uma “tradição” que ele tanto defendia nos artigos de jornais, Freyre não deixava de criticar colegas como o próprio Medeiros e Ulysses Pernambucano sobre os discursos sanitaristas que se imprimiam na cidade e nos homens. Antipático aos discursos sobre uma “cidade limpa” em detrimento de um espaço ainda “ruralizado” e tradicional, Freyre desejava mostrar que o Recife e seus habitantes eram mais do que meros corpos limpos a desfilar nas calçadas, preferindo ver “papéis com letras de músicas locais” ao simples “papel higiênico”:

E parece que o ideal patriótico do sr. Amaury de Medeiros, seria um Brasil que parecesse com um reclame de Emulsão Scott ou de Sabão Cristalino. No que divergimos profundamente. Eu de modo nenhum posso admitir a supremacia dos valores sanitários. Aos meus olhos o papel de solfa sempre valerá um pouco mais que o papel hygienico.⁶¹

⁶⁰ FREYRE, Gilberto. “9”, Recife, Diário de Pernambuco, 17 de Junho de 1923, p.2, c. 3. (artigos numerados).

⁶¹ Idem. *Os discursos do sr. Amaury de Medeiros*, Recife, Diário de Pernambuco, 2 de Setembro de 1924, p.3, c. 3.

Despreze o dinheiro...

MAS NÃO DESPREZE A SAÚDE...

Ha quem despreze o dinheiro e o perca a todo... Perde-o porque poderá ganhar depois... Mas a saúde perdida pode não voltar jamais. Não perca a saúde que vale uma fortuna. **Conserva-a assim como a daquelles que lhe são caras. Muitas familias ha quasi 70 annos tomam a Emulsão de Scott com pleno exito. Rica em vitaminas e calcio. Prefira o vidro grande que é mais economico.**

**Reclame de
"Emulsão de Scott"**

(Revista Educação Física, Rio de Janeiro, 1940)



**TOME EMULSÃO DE SCOTT QUE CUSTA POUCO,
PARA NÃO PERDER A SAÚDE QUE VALE MUITO**

EMULSÃO DE SCOTT

IBNICO DAS GERAÇÕES

77

Discutindo ideais modernistas vindos principalmente de São Paulo, intelectuais como Gilberto Freyre estabeleceram outras formas de interpretação do mundo moderno que deveria invadir o Recife. É deste meio, que se urbanizava mesmo moderadamente, que saíram discussões acerca de como incorporar à cidade as mudanças que ocorriam.

Freyre, mesmo insistindo com medidas, muitas delas, tidas como radicais, não se colocava contra uma modernização da cidade. Ao contrário, como descendente de um filho de latifundiário que presenciara a lenta decadência dos engenhos, percebia que o Recife necessitava transformar-se. Uma transformação que nem por isso apresentava-se muito clara. Em seus artigos, há instantes em que este intelectual faz notar o seu desejo pela manutenção de um Recife ainda cercado pelos costumes das casas-grandes, do homem do engenho. Revoltava-se com a destruição de igrejas, ampliação de ruas ou com a própria mudança de seus nomes. Algumas vezes, surpreendia a todos por defesas exacerbadas dos seus ideais, percebendo-se a sua angústia pela lenta morte do velho Recife e de uma intelectualidade aristocratizada, defensora da monarquia e dependente dos velhos senhores de engenho.

Ele percebia que mudanças eram necessárias, mas jamais com uma total reformulação da cidade, por mais banal que ela pudesse parecer.

Diç um ilustre engenheiro que eu sou a favor dum Recife sujo, fedendo a toda a especie de himundicie sem os beneficios da esthetica moderna e da hygiene. Eu sou de fato pela conservação de muita cousa velha do Recife: das velhas egrejas, por exemplo. (...) Devo confessar que prefiro o “sujo da velhice” á tanta tinta fresca. Mas reconheço a necessidade de construir e reconstruir. E o que eu quero, sobretudo, é um Recife que se renove sem perder o caracter, numa economia intelligente e honesta dos valores próprios e dos motivos tradicionaes.⁶²

E foi também por esses “*motivos tradicionaes*” que Freyre chegou a esbravejar contra o então respeitado Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, do qual seu próprio pai recebera títulos honoríficos.

Essa iniciativa do Instituto Archeologico – que existe para zelar nossas tradições históricas, e até as arqueologicas quando estas, um bello dia, repontarem á beira do Capibaribe – essa iniciativa do Instituto Archeologico a favor da mudança do nome “Encanta Moça” em “Santos Dumont” de modo nenhum cabia á veneranda instituição.

(...) Desaparece assim pela acção maligna de oito ou dez fraques – a poesia da nomenclatura das nossas ruas e sítios. Desappareceram os nomes já tão significativos, tão historicamente significativos de Senzala Velha, Encantamento, Cabugá, Boca de Jesus das Creoulas, Cruz das Almas – para serem substituídos por nomes de patriotas secundários e datas revolucionárias.⁶³

⁶² FREYRE, Gilberto. “68”, Recife, Diário de Pernambuco, 3 de agosto de 1924, p.1, c. 2. (artigos numerados).

⁶³ Idem. “98”, Recife, Diário de Pernambuco, 1º de março de 1925, p. 1, c. 5. (artigos numerados).

Esta crítica, por sua vez, também não deixou de colocar a própria idéia de tradição defendida por Gilberto Freyre em xeque. Num tom irônico, o integrante do Instituto Arqueológico responsável pelo projeto da mudança dos nomes das ruas do Recife, Mário Melo, respondeu dias depois à crítica do jovem sociólogo buscando deslegitimar o lugar de importância dado ao "mancebo" que não teria nenhum tipo de poder público para exercer seu "despotismo camuflado". Melo termina colocando em questão a idéia de tradição defendida por Freyre, afirmando: "*assunto de tradição e de história de Pernambuco, ainda não o julgo no caso de dar-me lições*". Afinal, continua o representante do Instituto, "*desrespeito à tradição é querer que os nossos 'arqueólogos' troquem o venerado fraque pela ridícula jaqueta cintada do almofadinha. Isto sim é que ir de encontro à tradição*"⁶⁴.

Mas mesmo mostrando-se irritante, antipático, esnobe, usando um monóculo que lhe acentuava o ar pedante, um "*derby Hat*" e meias inglesas ou americanas, era esta a mesma figura aristocrática que passeava pelos becos e vielas do Recife antigo, procurando ver e valorizar casas velhas, sobrados, portões, janelas, igrejas, conventos, sempre lamentando o desprezo a que tudo estava relegado⁶⁵. A idéia de uma "tradição freyreana" arraigada ao povo pernambucano continuou insistentemente presente nos discursos do jovem intelectual e respaldada por colegas literários e políticos. Uma tradição que não significaria atraso, mas antes um desenvolvimento necessário para os estados nortistas. Um progresso que deveria ser dirigido por intelectuais aristocratas que infelizmente, nos diz Freyre, estariam em plena decadência.

É assim que ainda no mesmo artigo sobre a rua "Encanta Moça" ele busca explicar-se sobre uma outra defesa que havia sido apresentada em 1923, em que chegou a explicitar o "*ideal da alta cultura ao serviço do analfabetismo plástico e ingênuo do grande número, dos que por natureza são mais felizes obedecendo sem esforço*"⁶⁶. Com 23 anos, recém-chegado dos EUA, Freyre escreveu para o "Diário" afirmando que a alfabetização levaria apenas a uma "mediania de cultura", formadora de homens incapazes de criação e manutenção de um país. "*Democracias de cidadãos lavados, barbeados e bem penteados,*

⁶⁴ MELO, Mario. *Em torno do Encanta Moça*. Recife, Diário de Pernambuco, 03 de março de 1925, p.3, c.3.

⁶⁵ AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Op. Cit.*, 1996, p. 125.

⁶⁶ FREYRE, Gilberto. "21", Recife, Diário de Pernambuco, 9 de setembro de 1923, p.1, c.2. (artigos numerados).

*irritadamente parecidos uns aos outros, medianos em tudo*⁶⁷. O analfabetismo, assim, teria o papel de um agente conservador para a região.

Mário Melo não seria o único a criticar a concepção de tradicionalismo e regionalismo defendida por Gilberto Freyre. Os modernistas paulistas também o faziam, como o campineiro Guilherme de Almeida, em visita ao Recife no mesmo ano de 1925, que criticou em palestra no teatro Santa Isabel o perigo do “atraso” que poderia provocar o regionalismo. Em resposta a Guilherme de Almeida, Freyre defendeu que o regionalismo não significaria um “peso morto”, havendo que se distinguir “*o regionalismo à Jeca Tatu, caricaturesco e arrevesado, do regionalismo que é apenas uma forma mais direta, mais sincera, mais prática, mais viva de ser brasileiro*”⁶⁸.

Freyre não estava preocupado apenas com o fim de um mundo rural, das comidas caseiras das negras escravas, dos sobrados do Recife, das igrejas coloniais. Tudo isso também significava a perda de uma identidade marcada pela voz do senhor de engenho, trocada pela vida aburguesada e disciplinadora nas cidades. Mais do que o cotidiano rural que se perdia no Recife, este sociólogo decepçionava-se com as mudanças dos costumes da população. Se Annibal Fernandes mostrava-se vislumbrado com a modernização da cidade a um “estilo carioca”, comentando sobre a chegada das “melindrosas” e “almofadinhas”, Freyre contrapunha-se ao cabelo *a la garçon* das mulheres e dos homens engomados e sem barba. Se Annibal Fernandes repudiava a “moleza” e os costumes provinciais dos recifenses, como o perigo da vagabundagem dos moleques, Freyre por outro lado acreditava numa “função social” destes tipos de rua. Para ele, o moleque seria, antes de tudo, um elemento de conservação social ao qual, infelizmente, estariam buscando dentro da nova sociedade capitalista burguesa inverter o seu papel na sociedade ao quererem discipliná-lo. Estaria se perdendo com o moleque toda uma moral da rua e uma estética que se contrapunha ao cidadão mais aburguesado da cidade⁶⁹.

Da mesma forma, estaria ocorrendo com os homens a perda de sua “estética” ameaçada por uma “desvirilização”, como nos diz o próprio Freyre em sua obra “Ordem e

⁶⁷ FREYRE, Gilberto. “21”, Recife, Diário de Pernambuco, 9 de setembro de 1923, p.1, c.2. (artigos numerados).

⁶⁸ Gilberto Freyre, apud AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Op. Cit.*, 1996, p. 87.

⁶⁹ FREYRE, Gilberto. “67”, Recife, Diário de Pernambuco, 27 de julho de 1924, p.1, c.5. (artigos numerados).

Progresso”⁷⁰, devido às novas práticas que emergiam no Recife burguês. Segundo Freyre, já no final do século XIX, o Brasil vinha sofrendo o fim do que ele denominou de uma “verticalização” da sociedade, típica do patriarcalismo nos engenhos no Norte brasileiro, onde cada indivíduo possuiria sua função hierarquicamente bem definida. A República teria trazido, entretanto, a “horizontalização” desta sociedade, onde até mesmo as mulheres poderiam ocupar cargos antes permitidos apenas para homens. De forma irônica, Freyre criticava em artigos do “Diário de Pernambuco” os mesmos homens que atacavam esta horizontalização da sociedade, pois também não faziam questão de lutar pela manutenção dos velhos padrões sociais de seus avós, se “dessexualizando”.

(...) Por isto os homens de cara rapada que são inimigos absolutos do cabello a la garçonne (...) deviam todos por, coherencia, deixar crescer a barba ao geito patriarchal, que é o da natureza. Ou os bigodes em tufos. Porque si o cabello á hollandesa [a la garçon] dessexualiza, também a cara rapada dessexualiza.⁷¹

Para Freyre, os homens não estariam mais conseguindo atualizar a masculinidade tal como ela era descrita e vivenciada pelas antigas gerações. Através de metáforas da moda masculina e feminina, Freyre consegue resumir o descaso dos homens com a velha ordem patriarcal que diziam defender. A barba e o bigode eram características mantidas pelos senhores de engenho, símbolos da personificação do poder de mando e importância social. Não tê-los, tal como mantinham seus progenitores décadas atrás, seria o mesmo que não possuir o mesmo lugar de poder mantido pelos senhores.

Na obra “Sobrados e Mocambos”, do próprio Freyre, estão gravuras de estilos de

⁷⁰ FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Vol.1; São Paulo: Record, 1990.

⁷¹ Idem. “71”, Recife, Diário de Pernambuco, 24 de agosto de 1924, p.3, c.3. (artigos numerados).

barbas utilizadas no século XIX desenhadas pelo autor. Característica que se passou a abandonar, para a decepção deste sociólogo, já a partir da segunda metade do século XIX com as novas práticas dos filhos e netos dos senhores. Até mesmo os que queriam manter a barba tinham-na pretas ou louras de acordo com os anúncios de tinturas que havia nos jornais⁷². “*De ser a barba sinal de virilidade nasce o ser sinal de honra pois um homem para ser perfeito, tem de ser honrado*”, dizia um estudo português de 1925 sobre o comportamento masculino⁷³.

Por outro lado, os discursos desta época também fazem com que o feminino pareça se alastrar ameaçadoramente para além das fronteiras a que estava adstrito nos códigos anteriores. “*O medo do alastramento do feminino, da ruptura das fronteiras em que este estava limitado, é vivido como o sinal dos tempos, como o fim da era de verdadeiros homens, varões que eram o sustentáculo material e moral da sociedade*”⁷⁴.

Como se vê nos artigos do “Diário de Pernambuco”, o início do século XX traz para os homens recifenses um medo latente daquilo que poderia significar o fim de um modelo patriarcal de família, reclamando-se constantemente por não se dar mais a mesma importância ao chefe de família, o mantenedor do lar ou aos homens mais velhos, infames, agora chacoteados e agredidos pelo molecório nas ruas⁷⁵.

Com as novas idéas e os novos costumes que caracterizam esta época que abi vae, a época dos automóveis, dos cinemas, dos clubs, dos chás dançantes, do footing, há uma instituição que dia a dia se transforma e quiça se dissolve: o lar.

(...) O lar é por força uma instituição antiga, e como toda a instituição desaparecerá si lhe tiram os attributos principaes. Assim, o que

⁷² FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 6.ed.; Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981. p. 84.

⁷³ *Idem. Op. Cit.*; 1981. ver nota 6, p. 143.

⁷⁴ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. “No Ceará tem disso não?: homossexualidade e nordestinidade ou a história dos homens tristes”. In: *Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História – História: Fronteiras*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: ANPUH, 1999. p. 1251.

⁷⁵ *Typos de Rua*, Recife, Diário de Pernambuco, 22 de Setembro de 1926, p. 1, c. 4. (sem autor).

em algumas grandes capitais se chama de lar moderno, não é propriamente lar.

*Nessa completa dispersão o que se chamava lar, sentimento de família, desapareceu: cada qual tem a sua personalidade à parte, o seu feito exclusivista.*⁷⁶

A "feição tradicional" do lar e a "*figura veneranda do chefe de família [que] relembra o sacerdote do culto primitivo*" estaria deixando de existir. Nas grandes capitais o lugar supremo do pai estaria se perdendo e passando a se estabelecer "*personalidades à parte*" – o exclusivismo e o individualismo de cada membro da família, cada qual lutando por qualidades próprias à sua pessoa.

Esta individualização na sociedade não deve ser entendida como uma opção pessoal, mas como um aspecto de transformação social que vai além do controle do próprio indivíduo. Como nos diz Norbert Elias, "*só podemos compreender muitos aspectos do comportamento ou das ações das pessoas individuais se começarmos pelo estudo do tipo de sua interdependência, das estruturas das suas sociedades, em suma, das configurações que formam uns com os outros*"⁷⁷. Configurações estas que nascem da interdependência entre aliados ou adversários que se equilibram numa balança de poder e se movem ora para um lado, ora para outro, mantendo suas inter-relações sob uma tensão característica. Disputas e medos que emergem nos discursos recifenses da época alardeando, entre outras características, uma mudança dos costumes com o que seria o fim do mando do homem na sociedade.

Assim, retornando à obra de Freyre, percebe-se o medo pelo declínio do patriarcalismo. "*Os antigos avós poderosos foram se adoçando em vovós ou dindinhos a quem já não se tomava à benção com o mesmo medo dos tempos rigidamente patriarcais. (...) Era o menino começando a se libertar da tirania do homem*"⁷⁸. Novamente Freyre culparia o progresso inevitável pela decadência da família patriarcal. Entre outras coisas,

⁷⁶ *A transformação do lar*, Recife, Diário de Pernambuco, 22 de junho de 1924, p.7, c. 4. (sem autor)

⁷⁷ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p.167.

⁷⁸ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.*, 1981. p. 87.

para ele a chegada da luz elétrica no Recife no começo do século XX⁷⁹ teria provocado a dispersão dos familiares, deixando de existir o aconchego de outrora onde depois do jantar todos se reuniam em volta do candeeiro para ler José de Alencar. A luz elétrica, continua Freyre, romperia com uma “estética-moral” do “homem” apresentado agora “(...) *com um ar apressado de rapaz de telégrafo a distribuir telegramas de urgência*”. E conclui: “*Prefiro o menos laborioso que, entretanto, ao apresentar-se a alguém, dê antes a preocupação de ócio e até de preguiça*”⁸⁰. A vinda da energia elétrica, para Freyre, teria modificado toda uma moral existente no Recife antes da sua chegada: pecar às claras romperia com toda uma moral social, em que antes os beijos furtados à meia-luz ou atrás das cortinas seriam feitos agora na forte claridade da luz elétrica, no meio da rua, sem maiores restrições.

O diplomata pernambucano e amigo de Gilberto Freyre, Oliveira Lima, também advertia a perda de uma vida familiar e de uma moral do “homem” como as existentes nos velhos engenhos, devido a uma vida nas cidades cada vez mais cosmopolita. Sua defesa estava no passado, onde não se deveria esquecer o senhor de engenho “*de outros tempos, nem sempre mau para os cativos, antes bastantes vezes mais sinceramente caridoso do que alguns donos de fábricas da atualidade; a dona de casa laboriosa que ao seu lado fazia crescer a família, cuidava da escravaria, atendia ao sustento de tanta gente (...)*”⁸¹. Mundo que deveria ser lembrado nas obras ficcionais, e que certamente já ganhavam importância no estado apresentando representações do senhor de engenho, da mulher, do menino, de um cotidiano e de práticas masculinas e femininas que deixavam de existir nas cidades como o Recife⁸².

⁷⁹ Mario Sette conta em sua obra *Arruar: História Pitoresca do Recife Antigo* (Editora Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1948) que interesses comerciais para a instalação de uma rede elétrica na cidade chegaram ao Recife em 1886, não havendo entretanto sucesso maior. Em 1895 fracassaria uma nova tentativa até que a *Pernambuco Tramways*, responsável pelo serviço de transportes coletivos movidos por energia elétrica comprasse a *Companhia de Gás*, em 1913, substituindo o antigo sistema de iluminação pública a gás pela eletricidade tanto nas vias públicas como nas residências. No dia 28 de março de 1919 era inaugurado o primeiro trecho no centro da cidade iluminado unicamente por energia elétrica.

⁸⁰ FREYRE, Gilberto. *Viver às claras*. Recife, Diário de Pernambuco, 17 de maio de 1925, p.1, c. 5.

⁸¹ Oliveira Lima, apud AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Op. Cit.*, 1996, p. 98.

⁸² Imagens denunciadoras da decadência do senhor e sua terra foram elaboradas e reforçadas em romances que seriam publicados a partir das décadas de 1920-30, destacando-se entre outras o “ciclo-da-cana” de José Lins do Rêgo, “A Bagaceira” de José Américo de Almeida e títulos menos conhecidos como “Senhora de Engenho”, de Mario Sette. Discursos que mesmo inscritos em obras ficcionais não deixaram de reproduzir modelos construtores de uma masculinidade.

Para estes intelectuais e políticos da época, o mundo se individualizava e perdia sua identidade. Como afirmava o articulista anônimo da coluna *Respingos*, publicada no “Diário de Pernambuco” logo nos primeiros anos do século XX, a individualização do “homem” estaria levando ao fim da aristocracia pernambucana. Para o articulista, diante “*desta corrente vertiginosa que chamam progresso*”,

(...) estamos em presença de uma crise, de uma verdadeira crise, não somente política, moral ou social, mas profundamente psicológica.

*(...) O traço característico da época actual é a opposição da autonomia á auctoridade, do individuo á sociedade.*⁸³

Mas por mais inevitável que pudesse parecer, continua o artigo, este descendente aristocrático não deveria desvincular-se de sua função maior: exatamente estar inserido dentro da sociedade, de uma raça, de uma família, de uma tradição. Dentro desta coletividade, sustentada pelo patriarcalismo, os homens gerariam seu “*ideal moral*” representado na “*autoridade do passado*”. Entretanto, “*na família não crescem os direitos da mulher e dos filhos senão em prejuizo da autoridade paterna*”⁸⁴.

Gilberto Freyre também iria encontrar este momento de decadência dos descendentes dos senhores de engenho na segunda metade do século XIX devido ao que chamou de “excesso de estudos”, ou seja, à grande preocupação que se teria passado a dar à intelectualidade do indivíduo. Estaria na reeducação dos meninos longe dos engenhos e enfiados em escolas jesuíticas um dos motivos da revolta deles contra os mais velhos, buscando-se no desprestígio dos senhores pais a sua própria individualidade. Este grande relevo dado aos estudos, continua ele, terminou trazendo, por outro lado, a característica da falta de saúde dos jovens. Ser um bom intelectual ou um romântico do século XIX, significaria ter uma volúpia à doença: “*morrer velho era para os burgueses; para os*

⁸³ *Respingos*. Recife, Diário de Pernambuco, 10 de junho de 1904, p. 2, c. 4. (sem autor).

⁸⁴ Idem; *ibidem*.

*fazendeiros ricos; para os vigários gordos, para os negros mais bem tratados do engenho. Os 'gênios' deviam morrer cedo e, se possível, tuberculosos (...)*⁸⁵.

Em artigos e anúncios do “Diário de Pernambuco” no início do século XX, seguindo os discursos médico-higienistas e eugenistas que surgiam, defendeu-se a necessidade de uma juventude voltada para o esporte e que cultuasse a força muscular, tal como já estaria sendo feito em países europeus. Contra o velho “*ideal romântico do homem pálido e pensativo, adoentado, mestre em requintes sentimentais, desprezando todo e qualquer esforço corporal, substitui-se (...) o tipo do jovem atleta*”⁸⁶. O homem esportivo estaria mais ciente de uma moral a seguir, fugindo de amores ilícitos e de adultérios: “*a sua saúde física e moral faz que eles procurem e apreciem no amor a sua função natural e original, isto é, a procriação*”⁸⁷. Por isso, homens menos preocupados com as letras estariam mais inclinados a formar famílias dignas, com sua prole e os bons costumes da sociedade.

Na França da segunda metade do século XIX, o biólogo, fisiologista e pedagogo da Sorbone, Georges Demeny, já advertia sobre a importância da ginástica e da criação e manutenção de um corpo saudável para homens e mulheres. Principalmente os homens “*tímidos*”, que conseqüentemente seriam os fracos da sociedade, deveriam segundo Demeny, serem bem direcionados à educação física. Mais do que se preocupar em produzir homens singulares, o educador deveria se fixar nestes tipos, que seriam a maioria de uma nação, produzindo um povo preparado para “*alavancar*” o seu país, para levar sua nação ao progresso. Para Demeny, “*o fraco é fraco porque não sabe fazer uso adequado de suas forças, não aprendeu como potencializá-las, não sabe cuidar de si. Cabe ao governante, pelas vias institucionais, educá-lo para superar sua fraqueza, elevar a sua auto-estima e, assim, elevar todo o poder de um povo*”⁸⁸. Assim, para o educador Demeny, o aperfeiçoamento moral dos homens estaria ligado diretamente ao seu aperfeiçoamento físico.

⁸⁵ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.*, 1981.; p. 84.

⁸⁶ *Do atletismo e da literatura amorosa*, Recife, Diário de Pernambuco, 7 de fevereiro de 1910, p.1, c.6. (sem autor).

⁸⁷ *Idem; ibidem*.

⁸⁸ SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da Ginástica Francesa no século XIX*. Campinas, UNICAMP, 2002. (Tese de Doutorado em Educação). p. 63.

Um exercício físico bem aplicado deveria ter um efeito higiênico, estético e, sobretudo, moral.

A disciplinarização das práticas femininas e masculinas e a formação de um novo "corpo", agora atlético e viril, distante do "amarelismo" que reclamava Freyre é nítido nas páginas do "Diário". Como veremos no capítulo seguinte, medicamentos contra impotência masculina e capazes de fazê-los fortes e vigorosos tornam-se comuns a partir de 1910. Da mesma forma, através de discursos médicos e jurídicos buscou-se, junto ao crescimento urbano, criar uma civilidade do corpo, fosse através da prática do esporte ou no uso de novas vestes. Aspectos que não deixaram de provocar uma certa resistência por parte da intelectualidade recifense.

No "Diário" também se discutiu sobre os problemas que a literatura moderna estaria trazendo aos jovens. A "má literatura" era uma preocupação constante da elite pernambucana. E da mesma forma que o excesso de estudos e a falta de exercícios físicos terminariam levando os homens a uma feminização, as mulheres também estariam sendo prejudicadas pelos romances. Em 1885, uma ilustre senhora baiana reclamava dos romances de José de Alencar que possuiriam "(...) *certas cenas um pouco desnudadas*' e *certos 'perfis de mulheres altivas e caprichosas (...)* que podem seduzir a uma jovem inexperiente, levando-a a querer imitar esses tipos inconvenientes na vida real"⁸⁹.

Em um estudo francês sobre as "moléstias da literatura", se teriam desenvolvido pesquisas sobre a "homossexualidade na literatura". No novo número da revista chamada "Les Marges", a conclusão sobre a decadência da literatura e seus autores estaria no desenvolvimento do capitalismo e nos "(...) *vícios mais abjetos (...)* dessa oscilação da moda entre a inversão sexual e a conversão religiosa"⁹⁰.

Para a intelectualidade recifense, avios como estes se mostravam importantes para alertar como o cosmopolitismo estaria degenerando toda uma geração na Europa e no Brasil. Nestes discursos, algo semelhante estaria ocorrendo em Pernambuco, devido a uma juventude alheia e que seria incapaz de manter os valores que se diziam "estarem se perdendo". Enfurnados dentro de suas salas de estudos ou nos próprios problemas

⁸⁹ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.*; 1981. p. 132.

⁹⁰ *As molestias da literatura actual*, Recife, Diário de Pernambuco, 16 de janeiro de 1927, p.7, c.2. (sem autor).

individualistas, os jovens não estariam preocupados com a destruição do velho Recife e pela manutenção dos engenhos de seus avós. E quando formados, a nova geração pouco saberia das práticas mantidas por seus descendentes. Para estes regionalistas, os jovens preocupavam-se apenas com a sua vida boêmia rodeados de prostitutas, mas sustentados justamente pelo dinheiro gerido pelos engenhos que antes representavam a sustentação econômica dos pernambucanos. Uma “nova moral” e seus novos costumes eram criados e difundidos às claras pela energia elétrica, como diria o próprio Gilberto Freyre.

3. Decepcionante mundo novo: brilhantes, automóveis e usinas

Para estes intelectuais recifenses, as novas gerações não estariam mais interessadas na importância que seus descendentes tiveram para a construção histórica de uma identidade para Pernambuco. Uma história heróica marcada pela longa resistência travada contra os holandeses no século XVII, a luta de 1817 pela independência e contra a exploração da Coroa Portuguesa ou a Confederação do Equador de 1824 se diluiria⁹¹. Seria como se uma “herança moral”, o tão conclamado “poder de mando dos coronéis”, não fosse mais aprendido ou transmitido “pelo sangue”⁹². Novamente, Gilberto Freyre reclamava da negação da terra, dos velhos engenhos, por esta nova juventude descendente de um estado de “sangue limpo” construído pelo entrelaçamento das poderosas famílias pernambucanas, “arquitetos do Brasil”: os Albuquerque, os Cavalcanti, os Wanderley, os Mello, os Paes Barreto, os Lins. Jovens que estariam reduzindo Pernambuco “(...) à triste caricatura do seu passado por afastarem-se da fidalguia rústica, da terra a que vivera pregada ‘como as

⁹¹ Durante o ano de 1924 o “Diário de Pernambuco” comemorou o centenário desta revolução pernambucana defendendo a união entre os estados nortistas e a importância que representou esta data para o início da criação de uma “pernambucidade” devido a coragem de um “povo” negando-se a jurar a Constituição imposta pelo Imperador Dom Pedro I em 1824.

⁹² Michel Foucault (*História da Sexualidade I – A Vontade de Saber*, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, p. 138) explica que no final do século XIX ocorreu, no mundo ocidental, a passagem de uma sociedade que ele denominou de sangue, ou seja, de “sangüinidade” (“o poder de falar através do sangue”) para uma “de sexualidade”. Nesta nova sociedade que se instaurava os mecanismos de poder dirigiram-se para o corpo; a

*ostras aos rochedos*⁹³. Os senhores de engenho pernambucanos já não saberiam ser donos do que ainda possuíam:

Isso de ter terra e ser dono della; isso de ter propriedade e conhecel-a; isso de saber mandar foi bom para os nossos avós.

É que nossos avós havia apego a terra e o sentimento de família.

(...) O absenteísmo trouxe para a nossa família rural todos os inconvenientes do particularismo privando-a das vantagens do tipo de família patriarcal. Em alguns a renúncia á gleba foi absoluta: venderam-na.

*(...) Cresce o desapego á gleba e o sentimento de família apenas sobrevive nas suas desvantagens: no nepotismo.*⁹⁴

Estes jovens não teriam mais força para o mando, não sendo capazes de representar a continuidade de uma moral e os costumes mantidos por seus avós. Desejariam apenas os lucros que as suas propriedades herdadas poderiam gerar sem o menor esforço, proporcionando-lhes todo o tipo de comodidade que a cidade poderia oferecer... nem que para isso fosse necessário vender as terras. Tal como afirma Freyre, jovens que deixavam de ser "homens" dentro do anonimato das cidades, "*(...) o grande mal do Brasil, esterilizando todas as nossas reservas de energia*"⁹⁵. Esta mudança da vida no campo, continua Freyre, teria provocado uma inversão nos valores sociais estabelecida por séculos em Pernambuco. Os senhores de engenho estavam reduzidos agora a simples funcionários públicos, entregues ao cômodo nepotismo deixado ainda pelo poder do nome de sua família, ou vendendo suas terras a sociedades anônimas que dirigiriam os engenhos à distância, por trás de firmas

sexualidade encontrava-se ao lado da norma, do saber, da vida, do sentido, das disciplinas e das regulamentações.

⁹³ FREYRE, Gilberto. "73", Recife, Diário de Pernambuco, 11 de janeiro de 1925, p.3, c.2. (artigos numerados).

⁹⁴ Idem; *ibidem*.

⁹⁵ Idem; *ibidem*.

comerciais. A usina tragava os engenhos e, com eles, seus valores, os “bons costumes” daqueles que viviam da terra...

Seguindo esta defesa de valores constantemente defendida, ser um senhor de engenho seria mais do que obter fortuna. Antes de tudo, seria manter o mando na sua propriedade e saber lidar com seus subalternos de forma dura e ao mesmo tempo caridosa. Um tempo em que não haveria uma exploração tão desumana das pessoas. Época em que os escravos mantinham uma vida mais fácil que os trabalhadores de então, tal como afirmou Oliveira Lima, ou mesmo Freyre em um dos seus artigos para o “Diário” remetendo aos relatos dos viajantes do século XIX para legitimar seu discurso⁹⁶: “*Tempos idos, [quando] um senhor de engenho era um homem!*”⁹⁷. Um “novo mundo” decepcionante em que as novidades do mundo moderno não traziam uma ordem confortável, mas antes a desagregação de bases de poder que pareciam sólidas.

Para este conjunto de intelectuais preocupados com o fim de um modelo de vida tido como típico do senhor de engenho, o pequeno mundo conduzido pelas casas-grandes se desfazia com o crescimento das usinas capazes de produzir em maior escala e o absenteísmo de seus senhores, agora moradores da cidade. Como nos diz novamente Freyre, em seu artigo numerado “73”, a ausência do homem de sua terra significaria renunciar ao direito e aos deveres de mandar. Não conviver com os problemas cotidianos do engenho, encontrando justamente na cidade um lugar de fausto e ócio, terminaria por extinguir os poucos “homens” que restariam.

Os brilhantes das vitrines das famosas joalherias da cidade ou os rápidos e imponentes automóveis interessariam mais aos boêmios jovens da cidade do que os seus próprios engenhos herdados. Utilizava-se a última moda de Paris, segundo a sinhazinha Dona Antônia Lins Vieira de Mello: “*os anéis de brilhante grande, os broches também*

⁹⁶ “Os escravos, mais felizes que os trabalhadores de eito e os operários de fábrica de hoje – tese muito fácil de provar – eram tão bem alimentados nos engenhos, que o fato é destacado por um grande número de viajantes do século décimo nono, muitos deles abolicionistas até a raiz dos cabelos: Ioa Pfeiffer, Rendu, Wallace, Fletcher, Kidder, Koster e até Tollenare”. FREYRE, Gilberto. *A propósito da Campanha do sr. Hardman*, Recife, Diário de Pernambuco, 12 de abril de 1925, p.3, c.3.

⁹⁷ BELLO, Julio. *Senhor de Engenho*. Recife, Diário de Pernambuco, 30 de agosto de 1924, p.3, c.2.

grandes cheios de brilhantes. Havia particular predileção pelo brilhante, embora fossem usados, como no meu caso o rubi e a esmeralda"⁹⁸.

Vida citadina e de luxúria com a qual Júlio Bello⁹⁹ dizia não se importar, preferindo "*sacrificar o automóvel à tradição*" e viver uma vida tranqüila em sua herdada e hoje pobre casa-grande até a morte, sem "*a tortura dessa ambição insaciável, horrível suplício (...) que inferna a vida de muita gente rica*"¹⁰⁰.

Assim como o amigo Gilberto Freyre, Bello é mais um neto de grande senhor de engenho que critica o mundo cosmopolita que se estabelecia na cidade e, principalmente, no campo. É na própria figura de si que Julio Bello constrói a representação de um lugar do masculino que estaria em decadência e desterritorializado do seu espaço de poder. Apesar de não ter um título acadêmico – mas estar presente na política do estado pernambucano, tendo, por isso, seus comentários e escritos difundidos – Bello reproduz um discurso de tristeza e melancolia, de sonhos não realizados e de pobreza.

A cidade seria o lugar da moleza e exploração humana, da morte em todos os sentidos. Aspecto este que Bello costumava colocar em seus artigos, fazendo questão de frisar que iniciava seus espirros incontroláveis da gripe assim que pisava na estação das Cinco Pontas no bairro do Recife antigo¹⁰¹. Num temível cenário futurista que não deixaria a dever a obras de ficção científica, onde homens num futuro próximo apenas se alimentariam de "*pílulas químicas duas vezes ao dia*", Julio Bello buscava colocar-se em seus escritos como um ser forçado a presenciar um decepcionante mundo novo de concreto armado, "*(...) da linha reta triunfando. A uniformidade em todas as coisas. A mesma linguagem. Homens e mulheres atingindo na adolescência a mesma altura e o mesmo peso na mesma*

⁹⁸ Antônia Lins Vieira de Mello, apud FREYRE, Gilberto. *Modos de Homem & Modas de Mulher*. 2 ed., Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 140.

⁹⁹ Julio Celso de Albuquerque Bello nasceu em 1873, em Barreiras, Pernambuco. Filho de um influente mas decadente proprietário de terras, herdou o engenho "Queimadas" ao sul do estado, sobre o qual escreveu a obra *Memórias de um senhor de engenho*, em 1935. Foi deputado, presidente do Senado de Pernambuco e governador interino do Estado (1926-1930). Mas, segundo Gilberto Freyre, nestas ocupações "ele se sentiu sempre um pouco sem jeito; saudoso do engenho..." (ver introdução da obra *Memórias de um Senhor de Engenho*, escrita por Julio Bello). Faleceu em 1951.

¹⁰⁰ BELLO, Julio. *Brilhantes, usinas e automóveis*. Recife, Diário de Pernambuco, 13 de setembro de 1925, p.4, c.2.

¹⁰¹ X. (pseudônimo). *Cousas da Cidade*. Recife, Diário de Pernambuco, 5 de maio de 1926, p.3, c.4.

conformidade psicológica. (...) Chapéu, sapato, guarda sol de cabo (...) para homens e mulheres: mais nada. Em torno desses três efeitos de vestuário humano andarà a moda do futuro, criando e destruindo". Agradecendo a Deus por não ter nenhum descendente (direto) que presenciasse o novo mundo sem animais, sem árvores, sem agricultura, sem roupas, apenas "um mundo de pedra insípida e estúpida como uma linha reta", Bello se dizia mais aliviado convivendo em sua falida e modesta casa-grande...¹⁰²

A cidade do Recife de Bello é mórbida, lugar de morte não apenas dos trabalhadores vivendo à míngua do irrisório salário que recebiam da exploração de sua mão-de-obra, mas também do fim do mundo dos coronéis. Um mundo moderno que assassinava, com suas novidades, comportamentos típicos de uma sociedade patriarcal e aristocrática, modernizando até mesmo as festas populares e religiosas utilizando-se, seguindo o alarme de Freyre, a energia elétrica. Um mundo que trazia o automóvel e o trem para avançar sobre o sertão bravio, anulando a exigência de uma força masculina antes imprescindível para devastar aquele território desconhecido.

Agora – suave passeio para qualquer mocinho da cidade; antigamente áspera empreza para o homem forte que investia por esse mundo a dentro, bacamarte de lado, um par de pistolas de espoletão no arção da sella e faca de ponta no cinturão das calças. Acabou-se o perigo.

(...) O mundo de hoje é para a gente moldada á moderna. Os homens vestem-se immitando as mulheres. As mulheres estão se despindo aos poucos, até os cabellos.

Veja o senhor: as legendarias fogueiras de S. João vão desapparecendo. Quase não há mais quem acenda. Fazem-se fogueiras electricas com achas de lenha de cimento armado, labaredas de papel

¹⁰² BELLO, Julio. *Brilhantes, usinas e automóveis*. Recife, Diário de Pernambuco, 13 de setembro de 1925, p.4, c.2.

*vermelho, brasas de lampadas multicores, onde se assam milhos de celuloide.*¹⁰³

Estas preocupações resumem os efeitos que tais mudanças proporcionavam na vida dos engenhos. Nem mesmo o herdado “Engenho Queimadas”, de Julio Bello, estaria a salvo. Se a urbanização do Recife significaria para Freyre a descaracterização sócio-cultural das famílias pernambucanas, a forte invasão das usinas, do consumismo capitalista das cidades, também o absenteísmo dos donos das terras teria o mesmo efeito. Estes dois espaços sociais não se desvinculam nas falas destes regionalistas; antes de tudo complementam-se. Em certos momentos, Bello nos conta sobre seus breves passeios pela cidade apenas para remeter, imediatamente, às transformações do campo. A modernização não avançava apenas pela *urbs* recifense, mas também estava no campo, nos velhos engenhos da cana-de-açúcar. Freyre e Bello constantemente trocaram as mesmas idéias para marcar a crise de um lugar homogêneo: não apenas o estado de Pernambuco e sua gente, mas toda uma “região”. Um espaço ainda por se fazer, (re)velador de tradições comuns entre sua gente, atropeladas pelos fumacentos carros que avançavam.

Dentro do automóvel vindo da cidade, pilotava-o um novo tipo de senhor de engenho, como diz Freyre. Um “*profiteur* venturoso” que administrava as terras como uma empresa. Estes capitalistas individualistas e preocupados em “furtar” tudo ao seu redor, ou pelo menos o que o dinheiro pudesse comprar, estariam transformando a terra em mais uma máquina geradora de lucros.

*Morreu a vida nos campos! O prestígio e a força moral do senhor de engenho desapareceram com o exodo para a capital. Nos engenhos, como pedras tumulares d'aquela brio e valor antigo, ficaram apenas os escombros das velhas senzalas e dos “bangüês” arcaicos.*¹⁰⁴

¹⁰³ BELLO, Julio. *Brilhantes, usinas e automóveis*. Recife, Diário de Pernambuco, 13 de setembro de 1925, p.4, c.2.

¹⁰⁴ Idem. *Senhor de Engenho*. Recife, Diário de Pernambuco, 30 de agosto de 1924, p.3, c.2.

A usina trouxe para a nossa paisagem rural os charutos horríveis de suas chaminés que parecem charutos de novos ricos: e viajando pelo interior, já não nos encanta o olhar a doce brancura de cal das antigas “casas grandes”, nem o ar das terras é aquelle (...).¹⁰⁵

A usina trazia um novo ritmo de trabalho e uma descaracterização do sistema estabelecido nos bangüês. Tendo uma produtividade e importância econômica superior à produção dos engenhos, a usina tragava o velho mundo representado pelas casas-grandes e estabelecia um tipo de produção estritamente capitalista. No campo a usina significava o fim do que parece ser a representação maior do “homem local”: o coronel, o senhor de engenho. Exagero ou não, literatos, políticos e intelectuais continuariam a escrever, em obras e memórias, sobre o absenteísmo dos novos senhores de engenho e o seu fim, tomados pelas poderosas máquinas das usinas. As posturas masculinas decadentes dos senhores de engenho são comparadas com as próprias atitudes que deveriam ser mantidas pelas mulheres... a submissão. Até mesmo o engenho (masculino) curvava-se para a usina (feminino), deixando-se conquistar.

As figuras mais nobres da lavoura antiga extinguíram-se todas. Seus descendentes se vão também apagando em triste e imerecida pobreza. Os engenhos pertencem a pessoas que não os amam como os velhos senhores. As próprias terras parecem protestar contra o absenteísmo de seus naturais proprietários e, avaras, se encolhem e se recusam aos novos donos como mulheres honestas a conquistadores.¹⁰⁶

¹⁰⁵ FREYRE, Gilberto. “73”, Recife, Diário de Pernambuco, 11 de janeiro de 1925, p.3, c.2. (artigos numerados).

¹⁰⁶ BELLO, Júlio. *Memórias de um Senhor de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. p. 227.

Se nos engenhos toda a produção e o poder de mando se concentrava nas mãos do senhor, que pensava e resolvia por conta própria comandando com um único gesto "*homens fortes, resistentes, sadios, sóbrios e resignados*"¹⁰⁷, como nos diz Bello, nas usinas e até mesmo em muitos engenhos restantes, esta função passava ao administrador. Enquanto o usineiro convivía com os novos costumes na cidade, tomando banho em chuveiros com água quente e fazendo questão de aprender padrões tidos como mais refinados, o administrador da usina dirigia-se aos senhores de engenho para discutir a compra não apenas da produção anual da cana-de-açúcar, mas do próprio engenho. Bello se colocava como uma das poucas resistências ao descaso de um estilo de vida sem brilhantes, usinas ou automóveis que nem mesmo o mais rico usineiro poderia tomar-lhe das mãos.

*A estrela interessa-me muito mais. Pelo menos eu tenho a certeza de que nenhum usineiro rico ou capitalista conseguirá retirar do céu e furtar á minha contemplação nenhum d'aquelles radiosos brilhantes que Deus expõe de noite na sua esplendida "vitrine" do firmamento.*¹⁰⁸

Seria a usina, na figura feminina que já avançava no começo do século XX as fronteiras dos espaços masculinos, o maior símbolo capitalista no campo ameaçador do lugar de poder dos "coronéis". Em seus delírios melancólicos, Bello continua:

Depois a usina (...) considero-a já como uma pessoa viva com movimento proprio na trama social: uma grande dama muito gorda e ventruda, com uma immensa saia de cauda e brocados, um formidavel chapeo de cano muito desembaraçado e impertinente, orgulhosa e autoritaria, uma especie de imperatriz Catharina, conquistadora insaciavel de terras,

¹⁰⁷ BELLO, Júlio. *Memórias de um Senhor de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. p. 220.

¹⁰⁸ Idem. *A morte do sertão*. Recife, Diário de Pernambuco, 18 de junho de 1925, p.3, c.3.

*deportadora terrível dos (...) coroneis senhores de engenho. Apagadas sombras de outrora, elles desapparecem das terras rapidamente. Tem-se a impressão de que a Usina passou-lhes uma rasteira: não resta um só nos engenhos.*¹⁰⁹

A usina-mulher rompia as fronteiras da terra, avançando sobre os engenhos e tragando-os, estabelecendo uma nova relação entre os trabalhadores dando-lhes salários e horários para o trabalho nas modernas máquinas. O relógio sincronizado com o ritmo intenso e ininterrupto do maquinário passava a ditar as ordens, enquanto o vizinho coronel perdia sua voz de mando. Um “valor da palavra” – que daria “a cada um daqueles homens uma tamanha força moral que nem juntos todos os ricos usineiros de hoje, apesar de muito respeitados, talvez [possuissem]”¹¹⁰, – se ia junto com o vinhoto despejado nos riachos. A usina derrubara os últimos coronéis, completaria Bello, e os que insistiam em permanecer em suas terras não passariam de “(...) uma sombra miserável dos (...) antepassados. (...) Não voltará um só ao campo: continuará tudo na vadiação e no cinema”¹¹¹. Não abandonar a terra seria, pelo menos, continuar com o mínimo de prestígio que ainda se possuiria, onde o contato com a terra “enfibraria” e encorajaria a resistência masculina.

4. Brasas sob cinzas: o Homem do Nordeste e o Centro Regionalista

A reação diante desta “repentina crise” que emergia nos discursos de intelectuais e políticos, defensores de uma tradição perdida foi a quase imediata criação, após o retorno de Gilberto Freyre ao Recife, de uma instituição que estabelecia um lugar de saber para o passado.

¹⁰⁹ BELLO, Julio. *Brilhantes, usinas e automóveis*. Recife, Diário de Pernambuco, 13 de setembro de 1925, p.4, c.2.

¹¹⁰ Idem. *Senhor de Engenho*. Recife, Diário de Pernambuco, 30 de agosto de 1924, p.3, c.2.

¹¹¹ Idem; *ibidem*.

O Centro Regionalista do Nordeste tornou-se o lugar de legitimação, em Pernambuco, de uma região com características próprias e cultura típica chamada Nordeste; e, junto a ela, do “nordestino”, o seu habitante. Os estados do Norte que desejassem aderir aos ideais do Centro ganhavam uma conotação que ia além dos problemas das secas ou questões econômicas, sem que tais temas fossem rechaçados. Na realidade, questões como a seca e uma economia falida de uma região não deixaram de ser parte constitutiva deste novo espaço e para a criação de uma identidade masculinizada do “homem do nordeste”.

A crítica pelo desaparecimento de uma “cultura material” e uma “moral social” em Pernambuco, provocou a defesa por um “regionalismo criador”, como diria o próprio Freyre em artigo conclamando a organização do Primeiro Congresso Regionalista promovido pelo Centro, contra um modelo ditatorial e regido pelo Rio de Janeiro. Para Freyre, o Brasil não seria “(...) *uniforme, monótono, pesado, indistinto, (...) entregue a ditadura de um centro regulador de idéias*”¹¹². Seria da existência de diversas aptidões das províncias do país que deveria progredir o Brasil e, por isso, defender “localismos” não seria provocar o separatismo ou um retrocesso, mas regular um progresso nacional que fosse interessante para todos, inclusive os estados nortistas. O regionalismo, continuaria Freyre em seus artigos para o “Diário”, era “(...) *libertar o Nordeste da sistematização de sua inferioridade de feudo econômico; de parasita intelectual, de burgo pobre da vida brasileira*”¹¹³. E o Centro Regionalista do Nordeste, tendo como culminância a organização em 1926 do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, vinha abraçar este chamado pelos “aspectos regionais” comuns aos estados nortistas que seriam irmãos desde longa data, formadores do Brasil e sua gente. Integridade territorial que o Brasil deveria aos nordestinos, diria Freyre, “(...) *coisa que custou aos rijos antepassados, muito de temperamento e ânimo forte, e que ainda hoje nos excepciona na nossa honrosa e variante da rocha viva de alguma nacionalidade*”¹¹⁴.

Arnaldo Lopes, colega regionalista de Gilberto Freyre, escreveria sobre o Centro em 1925, um ano após sua fundação:

¹¹² FREYRE, Gilberto. *Acção Regionalista no Nordeste*. Recife, Diário de Pernambuco, 07 de fevereiro de 1926, p. 3, c. 4.

¹¹³ Idem. *Regionalismo Creador*. Recife, Diário de Pernambuco, 26 de março de 1925, p. 3, c. 2.

¹¹⁴ Idem. *Regionalismo Renascente*. Recife, Diário de Pernambuco, 20 de agosto de 1925, p.3, cs. 4, 5, 6 e 7.

*Fatos e documentos que nós desconhecemos foram aparecendo de repente. Lugares até o presente esquecidos, abandonados, tiveram o seu ressurgimento. Tudo foi esmerilhado. Até a cozinha antiga das nossas bisavós em cena. De entusiasmo em entusiasmo o movimento tradicional se alastrou, criando partidários extremados, adeptos, convencidos. E daí nasceu o Centro Regionalista do Nordeste Brasileiro, sociedade de valor, pioneira audaz nos nossos costumes e tradições.*¹¹⁵.

O programa criado para o Centro Regionalista apresenta a intenção de uma defesa pelos “valores nordestinos”, estando principalmente concentrada em “(...) desenvolver o sentimento da unidade do Nordeste já tão claramente caracterizado na sua condição geográfica e evolução histórica e, ao mesmo tempo, trabalhar em prol dos interesses da região nos seus aspectos diversos: sociais, econômicos e culturais”¹¹⁶. Para isso, seria necessário o aproveitamento do que chamaram de “bons elementos da inteligência nordestina, com exclusão de qualquer particularismo provinciano (...)”¹¹⁷. Certamente estes “bons elementos” capazes de defender os valores desta velha/nova região seriam os próprios representantes do Centro. Discussão esta que relembra a defesa de Freyre no provocativo artigo numerado “21”, há menos de um ano antes da formação do grupo, sobre a necessidade da manutenção de uma intelectualidade aristocratizada, conservadora e se necessária, defensora até mesmo do analfabetismo para a manutenção dos valores regionais.

Enfim, no dia 28 de abril de 1924 era fundado na casa de Odilon Nestor, catedrático da Faculdade de Direito do Recife, o Centro Regionalista. Com um grupo heterogêneo formado por jornalistas, políticos, médicos-higienistas, intelectuais, literatos como Annibal Fernandes, Samuel Hardman (secretário da agricultura do estado), Ulysses Pernambucano, Amaury de Medeiros, Gilberto Freyre e Moraes Coutinho, o Centro iniciou sua fundação

¹¹⁵ Arnaldo Lopes, apud AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Op. Cit.*, 1996. p. 130.

¹¹⁶ *Centro Regionalista*. Recife, Diário de Pernambuco, 07 de maio de 1924, p. 1, c. 5.

¹¹⁷ *Idem; ibidem*.

buscando criar um suporte mais amplo para a sustentação de um ideal regionalista nordestino.

*Lembrou o sr. Gilberto Freyre que os organizadores do Centro escrevessem aos seus amigos nordestinos, simpáticos ao programa do Centro, sugerindo a esses amigos que agitem a idéia regionalista e procurem organizar nos respectivos estados, com elementos representativos, grupos regionalistas, formando-se por esse meio uma federação que venha permitir uma verdadeira ação em conjunto.*¹¹⁸

A intenção era expandir um ideal regionalista, sem intenções partidárias, para além de Pernambuco, obtendo-se através de órgãos de publicidade, como o próprio “Diário de Pernambuco”, a difusão das metas do Centro. Assim, a partir de 1924 até meados de 1927, quando se inicia uma dispersão do grupo, o “Diário” publicou diversas “atas” dos encontros promovidos na casa do nomeado presidente do Centro, Odilon Nestor, assim como discussões, seminários e descontentamentos dos integrantes do Centro.

Semanas depois de sua fundação o Centro recebia novos e “ilustres” integrantes como Agamenon Magalhães (importante político pernambucano e então Deputado Federal) e o Coronel Carlos Lyra (proprietário do “Diário de Pernambuco”) que, apesar de não se mostrarem muito atuantes durante a breve vida do grupo (inclusive Lyra faleceria meses depois, sendo substituído por seu filho), percebe-se a importância que tomou a idéia da construção de uma identidade regional. Para além de figuras pernambucanas ilustres, o Centro também recebeu sócios e “*interessantes figuras de nordestinos*”, como diz artigo do dia 11 de setembro de 1924, de outros estados como do Rio Grande do Norte, com Luis da Câmara Cascudo, Piauí, Ceará, além de ser notícia no “Jornal do Brasil”, no Rio de Janeiro.

Dentre esta miscelânea de interesses diversos concentrados nos integrantes do Centro Regionalista, as discussões não poderiam deixar de perpassar pelos problemas econômicos de uma região, as questões sanitaristas das cidades e principalmente a seca da

¹¹⁸ *Centro Regionalista do Nordeste*. Recife, Diário de Pernambuco, 11 de maio de 1924, p.3, c.2.

região. Diversidades de interesses que algumas vezes levavam a desentendimentos entre os próprios integrantes, como foi visto entre Gilberto Freyre e Amaury de Medeiros devido às propostas sanitaristas deste último. Entretanto, é importante ressaltar que muitos destes discursos terminavam por promover, mesmo que subjetivamente, a formação de um indivíduo identitário e generalizante que abrangesse características análogas para uma vasta região delimitada e reconhecida pelas “calamidades da seca”: um estereótipo masculino que abrangesse “valores tradicionais”, ainda sobreviventes diante do surto do “progresso”.

Esta discussão ganhou forte conotação durante uma semana de debates sobre a região nordeste (escrita muitas vezes ainda com a primeira letra em minúsculo), tendo como assunto principal a importância do significado da árvore. As palestras desenvolvidas pelos integrantes do Centro Regionalista se mostraram interessantes para se perceber a construção histórica de lugares de identidade de um espaço e do “homem do nordeste”. A “árvore” passou a ser, no mês de novembro de 1924, um lugar de reelaboração do passado e de afirmação para uma representação do homem regional que mesmo não sendo ainda bem caracterizado não deixava de representar o nascimento e manutenção de uma “raça”.

Para além das palestras, também foram promovidos três concursos, sem grande sucesso, sobre a mais bela foto de uma árvore nordestina, sendo a ganhadora a imagem de uma frondosa jaqueira, “caracteristicamente tropical”; o mais belo poema sobre o tema que, para a comissão organizada por Gilberto Freyre, Odilon Nestor e Moraes Coutinho, não chegaram a “satisfazer as exigências”; e o melhor desenho de propaganda de culto a árvore que, para decepção da comissão, não obteve nenhum tipo de participação. Quanto à vitória da jaqueira, Freyre já opinara meses antes sobre esta árvore e a sua fruta que costumava deliciar-se quando criança, remetendo à imagem das amas-de-leite:

*Mangueiras e jaqueiras, sicupiras e baraiúnas, cajueiros e gameleiras,
assumem todos, desde adolescentes, certo ar doce de mães querendo*

*abençoar, acolher, proteger e até amamentar. A jaqueira até parece u'a mãe preta, com sua fartura boa a tetas.*¹¹⁹

Metáforas sobre árvores também seriam utilizadas meses depois, mas não apenas para reportar ao passado e ao saudosismo de suculentas negras tetas, e sim reforçar uma imagética da região e mostras do que seria o seu habitante.

A organização da Semana da Árvore, promovida pelo Centro Regionalista na cidade do Recife entre os dias 3 e 13 de novembro promoveu conferências diversas presididas não apenas pelos integrantes do Centro, mas também pelo vice-presidente da República, Estácio Coimbra, o governador de Pernambuco, Sergio Loreto, o arcebispo de Olinda, dom Miguel, além do convite e confirmação da presença do prefeito do Recife, Antonio Góes (que terminou não podendo comparecer, sendo substituído pelo médico Amaury de Medeiros). As conferências variaram bastante seus assuntos, não abandonando o tema principal do encontro: a árvore e sua função social, econômica e cultural para a região Nordeste. Entre as conferências estiveram "As Árvores e a poesia", proferida por Odilon Nestor; "Nossas árvores" de Samuel Hardman, relacionando a identidade do sertanejo e do litorâneo às suas árvores típicas; "O Recife e as árvores", de Gilberto Freyre, novamente reclamando, assim como Annibal Fernandes, sobre a derrubada das árvores na cidade e a falta de espaços verdes de lazer.

Na "Semana" produz-se um modelo estrutural e gerativo do que seria o novo homem da região. Como uma árvore, ele fincaria suas raízes na terra dura e seca. Uma representação lógica binária formada por uma estrutura raiz-árvore: essência-raiz produtora de um objeto único e invariável que, por sua vez, manteria seus galhos, folhas e flores através da história. Caule forte, resistente e viril que emergiria potente de uma terra seca constituindo uma identidade natural una e indivisível.

Nesta produção de saber presente durante a Semana da Árvore sobre o "homem do

¹¹⁹ FREYRE, Gilberto. "71", Recife, Diário de Pernambuco, 24 de agosto de 1924, p. 3, c. 3. (artigos numerados).

sertão”, o “sertanejo” ou o “homem do nordeste” percebe-se, entretanto, que esta raiz estrutural não é homogênea.

Ao invés de entender a produção do nordestino como uma forma dual, ou seja, a raiz produzindo um real, seria mais interessante, como nos diz Deleuze, diluir, descentralizar esta forma identitária. Dentro desta “ordem linear” da árvore, a imagem do rizoma vem a destruí-la, com suas extensões conectando-se umas às outras numa complexidade difícil de ordenar. O “homem do nordeste”, visto singularmente nestes discursos, mostra-se assim de mais complexa apreensão. O rizoma não se deixa codificar, ele é múltiplo, buscando novas linhas de fuga ou de desterritorialização. Entender este rizoma é, assim, discutir antes de tudo como a raiz-árvore decalqueia a representação do nordestino, dando-lhe um espaço de atuação e um significado, e percebendo como as práticas cotidianas escapam ao decalque que deseja ser impresso¹²⁰. O rizoma nos faz perceber como a representação do nordestino está fincada em raízes que geram meios de legitimar um lugar do masculino.

Assim, entre as conferências proferidas, as mais interessantes que remetem à imagem do homem à árvore, produzindo-o como agente heróico, não “atrofiado” pela cidade, estão as palestras de Hardman e Medeiros. Imagens que não são originais, mas remetem a toda uma discussão sobre o nascimento de uma identidade nacional e regional. Desta forma, recorrendo à imagem do sertão e da seca, estes políticos buscaram na metáfora da árvore do juazeiro ou do *cactos* do sertão características para o homem do nordeste, representada naquilo que seria o sertanejo. Imagens que remetem à necessidade do “homem da terra” em fixar-se num espaço em construção diante da perda de uma identidade arrastada pela “impetuosidade da ventania” das novidades modernas:

Quem quer que percorra as caatingas e sertões do Nordeste, nos mezes de estiagens, quando toda a vegetação estiolada deixa ver a galharia nua, cujas folhas caíram ao peso do orvalho ou foram arrastadas pela impetuosidade da ventania, e o sol causticante fatiga e abale as mais

¹²⁰ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1980. pp. 11-37.

resistentes energias, enxerga com indivisivel alegria, ora isolado, ora em pequenos grupos, o verde intenso do joazeiro, de copas ramalhudas, prompto a abrigar o viajante exhausto, retemperando-o com a sua sombra protectora, offerecendo-lhes os seus fructos, que, pela abundancia, compensam a escassez da polpa e do tamanho.

(...) Não vos parece, pois que o zyzyphus joazeiro, é no reino vegetal, a imagem do nosso sertanejo, com os seus predicaes primaciaes de resistencia, sobriedade, desinteresse e franqueza?¹²¹

Esta imagem arbórea-falocêntrica resistente às estiagens ou qualquer problema maior cristaliza a identidade do sertanejo. Raiz-árvore que certamente vai além da representação do sertanejo e termina por identificar e legitimar a imagem do nordestino. Nota-se a relação de uma árvore adaptada à seca, tal como um homem forte e resistente a qualquer força natural: grande visibilidade à arborescência de uma identidade masculina. Deste simples discurso pode-se criar toda uma imagética de um homem viril sem nunca desistir de sua terra, por mais que reclame de seu incerto destino. Discurso bastante parecido ao proferido por Amaury de Medeiros:

Eu vos quero falar da physionomia violenta dos nossos cactus do sertão, symbolo de resitencia heróica da nossa raça brotando do solo duro e secco em plena areia dos quasi desertos ou sob a rocha viva e ardente; sempre vivo em meio da natureza cinzenta e afoguçada, estende para o alto os seus braços hirsutos de espinhos como a protestar numa imprecação muda e feroz contra a violência da secca e a indiferença de Deus.¹²²

¹²¹ *A Semana das Arvores*, Recife, Diário de Pernambuco, 11 de novembro de 1924, p. 1, c. 5.

¹²² *A Semana das Arvores*, Recife, Diário de Pernambuco, 13 de novembro de 1924, p. 3, c. 2.

Nota-se que o conceito de nordestino não é aqui utilizado para denominar o habitante da seca, apesar de ser utilizado pelo Centro para remeter “às *figuras interessantes*” que visitavam e aderiam às suas propostas. Entretanto, uma imagética discursiva sobre o homem do nordeste já aparecera anteriormente em artigo do mesmo “Diário” para remetê-lo diretamente, como nos discursos acima citados, à imagem da seca e da morte e, principalmente, da sua resistência, coragem e força: reelaborações de uma masculinidade que se esvaia nas mãos moles dos jovens citadinos. Nas palavras de Freyre, ao renascimento de brasas quase extintas, mas ainda vivas...

Um mês antes da comemoração da “Semana da Árvore” o próprio Gilberto Freyre, integrante assíduo do Centro, comentava no seu artigo numerado “69” sobre a revolta tenentista de São Paulo em 1924 e a contribuição da região Nordeste para reprimir os revoltosos sem se poder evitar a morte de “*muita gente nossa*”. Neste discurso, sua intenção era apresentar a importância do “nordestino” para a construção, e sólida manutenção do país. Freyre foi claro ao afirmar que esta “nossa gente” que morria em São Paulo defendendo os interesses do Brasil seria o “homem do nordeste”, que segundo ele “(...) *mais do que qualquer outra região vai nos consolidando a pátria. (...) Vai nos consolidando a pátria pelo sangue*”. Para reforçar suas palavras, Gilberto Freyre citou José Américo de Almeida e Arthur Orlando para provar que “(...) *o homem do nordeste é o verdadeiro consolidador da massa bruta que é o Brasil*”¹²³.

*“Basta o menor incidente para lhe despertar energias”, escreveu uma vez Arthur Orlando do homem do nordeste. E realmente assim tem sido. É todo um romance ao sabor dos russos, a conquista dos seringais pelo cearense; e a resistência do cearense e do parabybano aos horrores das seccas, quando as últimas raízes de vida, são as raízes venenosas do umbuzeiro.*¹²⁴

¹²³ FREYRE, Gilberto. “69”, Recife, Diário de Pernambuco, 10 de agosto de 1924, p. 3, c. 3. (artigos numerados). (grifo meu).

¹²⁴ Idem; *ibidem*.

Para terminar este artigo numerado, Freyre provocativamente apresentou sua intenção regionalista ao defender a imagem do nordestino, para ele raiz-árvore do homem do Brasil, e sua região como renascentes para reerguer o país:

*Às vezes, do sacrifício extremo da morte vem um sopro último de vida que aviva, em volta, brasas extintas.*¹²⁵

Eram estas as intenções de Freyre ao defender um regionalismo “criador e atuante”: (re)acender, segundo ele, as brasas quase-mortas de uma “nordestinidade”; (re)construir historicamente uma região e seu habitante. E é por isso que ele é tão atuante durante a década de 1920, estando presente na formação do Centro Regionalista, organizando uma semana de palestras sobre o Nordeste, organizando o “Livro do Nordeste” lançado em comemoração ao centenário do “Diário de Pernambuco”, incentivando outros estados a tornarem-se adeptos à defesa das tradições (tal como ocorreu em Belo Horizonte com o grupo d’*A Revista*) e conclamando a necessidade de um Congresso Regionalista, ameaçando até a dissolução do grupo caso nada mais fosse feito para manter viva a “árvore nordestina”.

Das brasas extintas das fogueiras de São João lentamente substituídas pelas elétricas, tal como alardeava Julio Bello, ergueu-se na década de 1920 toda uma formação discursiva que soprava para reacender, ou diríamos reelaborar, costumes de uma região que não existia até então, mas que passava a significar a manutenção de uma “velha novidade”. Os costumes da região nordeste presentes nos discursos regionalistas vinham visitar o Brasil de uma outra forma que não partisse apenas do olhar dos estados de São Paulo ou Rio de Janeiro. Junto a estes costumes e defesa de uma tradição local estava a representação do “homem do nordeste”, indivíduo abrangente, generalizante, único que não era pernambucano, paraibano, alagoano ou cearense, era antes de tudo um nordestino. Criação ontológica e epistemológica elaborada por discursos regionalistas e questões sobre a identidade do brasileiro.

¹²⁵ FREYRE, Gilberto. “69”, Recife, Diário de Pernambuco, 10 de agosto de 1924, p. 3, c. 3. (artigos numerados). (grifo meu).

Em 1923, o escritor Ronald de Carvalho palestrava no México sobre a formação do “caráter brasileiro”. Este “homem brasileiro”, segundo ele, seria o resultado da junção de três “elementos” principais: o branco (ibérico), o negro e o índio. Entretanto, desta mescla poder-se-ia distinguir duas “espécies” principais formadoras do brasileiro: o sertanejo e o praieiro, isto é, o homem litorâneo, o “matuto”. Apesar do autor não discutir especificamente o “homem do nordeste”, sua fala em muito se assemelhou ao que foi dito por Freyre e discutido na “Semana da Árvore” nos anos seguintes:

O homem do sertão é sóbrio, enxuto de carnes, desconfiado e supersticioso, raras vezes agressivo, subitamente nos seus arremessos, calado como nas imensas planícies em que nasceu, calmo no gesto e na fala descansada, e sobretudo, e antes de tudo, forrado de intraduzível melancolia, que lhe fere os olhos, da face carrancuda, do sorriso esquivo, de toda a sai expressão, de todas as curvas ríspidas do seu corpo agil, feito de aço flexível

(...) Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadeiar das energias adormecidas. O homem transfigura-se, impertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta sobre os ombros possantes, adorada pelo olhar desassombrado e forte (...).¹²⁶

Em 1925, quase que repetindo o discurso de Ronald de Carvalho, Adalberto Cavalcanti iria novamente insistir nesta construção de um novo habitante, ainda “incubado”, prestes a explodir para a grandiosidade na nação brasileira. Um homem genuíno, menos cosmopolita ou invadido por características de outras “raças estrangeiras”. Cavalcanti é claro ao afirmar que este homem “mais homogêneo” apenas poderia ser o “nordestino” de espírito forte, homem típico da região Nordeste:

¹²⁶ CARVALHO, Ronald de. *O caráter brasileiro*, Recife, Diário de Pernambuco, 02 de setembro de 1923, p.6. c. 1.

Sem ter ainda um esboço firmado de typo mais heterogeneo e cosmopolita no sul mixto branco e moreno e typo mesclado pela immensa massa de immigração européo, mais homogeneo e menos cosmopolita no norte e, por isso, mais autocctone, mais nativo (...), o nordestino é um homem incubado, um homem explosivo, aparentemente morno e sombrio porém com reservas enormes de talento e imaginação.

É esse homem rustico e desconhecido que em um instante gula [sic] e conserta um automovel no interior com duas lecções, e que, somnolento e de sorriso quasi esphyngico, torna-se de repente uma maravilha de coragem e desprendimento.

A nossa mentalidade, o espírito forte do nordestino já não merece dúvida.¹²⁷

Nota-se o cuidado destes intelectuais em recolher cuidadosamente uma identidade em si mesma. O “nordestino” seria a própria tradução do que é ser homem no Nordeste. Ele é elaborado como a origem do próprio brasileiro; continuidade dentro da ruptura e imagem exatamente adequada a si.

Através de uma análise da genealogia dos poderes, entretanto, o que se percebe é que atrás das origens, da essência do ser nordestino, está apenas um começo que surgiu diante da discórdia, da desordem, da crise. Nota-se que a busca de uma origem do “nordestino” se sobrepõe antes mesmo da queda; lugar da verdade que se mantêm como inalterado na história. Intervenções das relações do querer no saber tornam-se necessárias para notar suas máscaras, crises identitárias que buscaram na raiz-árvore um “falocentrismo” renascente¹²⁸.

Assim, o Centro Regionalista do Nordeste, tendo Freyre nitidamente como seu líder, teve o papel de construtor de um modelo de masculinidade chamado e conhecido até hoje

¹²⁷ CAVALCANTI, Adalberto. *A mentalidade do nordeste*, Recife, Diário de Pernambuco, 7 de novembro de 1925, p. 51, c. 4.

¹²⁸ FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: MACHADO, Roberto. *Microfísica do Poder*. 4 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1984.

como “nordestino”, reforçando e reelaborando discursos como os citados acima. Cada detalhe do Recife ou dos seculares engenhos passavam a ter um valor que antes não era percebido ou não lhe era dada uma importância devida. Para Freyre, estes detalhes passavam a ter uma forte importância para a manutenção do tradicional, da região Nordeste do Brasil. Não seria por acaso que José Lins do Rêgo chegaria a dizer que foi este intelectual “estrangeirizado” mas ainda brasileiro, quem “descobriu o Nordeste”:

O poeta Ascenso, como eu, Annibal Fernandes, Odilon Nestor e outros devemos a Gilberto Freyre o que não é possível imaginar. Ascenso Ferreira deve sua boa poesia de hoje. Porque o parnasiano que era morreria parnasiano se não fosse o Nordeste que Gilberto Freyre descobriu. (O Nordeste foi descoberto em mil novecentos e tanto por Gilberto Freyre).¹²⁹

Desta forma, Gilberto Freyre – o fidalgo de um mundo patriarcal e moço formado no estrangeiro – com o seu olhar de estranheza, procurando estabelecer em seus escritos determinadas práticas que se tornassem elementos característicos de uma tradição regional, terminou por instituir “(...) dispositivos discursivos que buscaram fazer vir à tona símbolos, signos que formassem a idéia de nação, que tornassem a região e o país ‘dizíveis e visíveis’ a partir do seu passado”¹³⁰.

Como vimos, os discursos regionalistas não traziam à tona necessariamente o mundo do sertão nordestino, legitimado pelo discurso da seca, mas também o espaço dos engenhos, do litoral, da cidade, locais de onde vieram seus descendentes, lembranças de infância e de modelos patriarcais ameaçados diante de novos lugares sociais para os homens e as mulheres do século XX. A imagem da região Nordeste e seus habitantes nasciam dentro de uma discussão que envolvia conceitos de modernidade e de tradição. Um **mundo eugênico** que não admitia mais homens “amarelados”, raquíticos e, por isso, era invadido por propagandas

¹²⁹ AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Op. Cit.*, 1996, p. 132.

¹³⁰ TUNA, Gustavo Henrique. *Gilberto Freyre – entre tradição & ruptura*. São Paulo: Cone Sul, 2000. p. 84.

vendedoras de tônicos milagrosos, capazes de trazer de volta “uma virilidade que se fora”. Um mundo estritamente masculino que também era transformado pelas práticas femininas, com suas novas vestes e seus comportamentos.

Capítulo 2

“Moleza” masculina, medo regionalista: discursos e práticas de homens recifenses

*Meu compadre é feioso e cabeludo
E além disso buchudo
Todo impinado pra trás
Ninguém sabe se ele é fêmea ou se é macho
Só se pegar por baixo
O bicho é feio demais*

Cachimbinho

Os artigos publicados no “Diário de Pernambuco” juntamente com a literatura regionalista dos anos 20 e 30 do século passado, assim como outros meios literários como a Revista do Norte¹³¹, vieram estabelecer imagens próprias para um “homem regional” do país, mas também não deixaram de produzir representações de uma série de práticas masculinas que eram criticadas e postas em dúvida. Através destas fontes pode-se estudar a vida social no cotidiano, tornando-se importante perceber como tais discursos presentes nos jornais e revistas manipulavam os signos da masculinidade e da feminilidade que circulavam socialmente, elaborando perfis de gênero considerados oportunos na época¹³².

Para os regionalistas e seus simpatizantes tudo não passaria de “marmanjices”, diante de um mundo urbanizado e estrangeirizado. Tais informações davam uma importância à moda feminina e masculina, comparando e mostrando como os homens tornavam-se ameaçadoramente tão delicados como as mulheres. Nota-se que nesta relação

¹³¹ A Revista do Norte surgiu em 1923 no Recife, permanecendo ao longo da década de 1920 com publicações sem regularidade. A revista tinha como meta retratar as características dos estados nordestinos, valorizando a tradição, os costumes e as artes locais, sem menosprezar a arte modernista difundida por Joaquim Inojosa.

¹³² BORELLI, Andrea. *Matei por amor!*. São Paulo, 1997, dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós Graduado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

entre as práticas femininas e masculinas, entretanto, a mulher não deixava de ser colocada constantemente como objeto, remetendo para características de uma "sensibilidade exacerbada", enquanto o sujeito "homem-razão" deveria tomar um maior cuidado para também não ser arremessado para o espaço do objeto feminino.

As identidades sexuais ou de "gêneros naturais", nos lembra Marko Monteiro, não estão isentas de relações de poder e de construção de sentidos. Os próprios termos "homem" e "mulher" devem ser entendidos como o efeito de constelações de poder específicas¹³³.

Os estudos de gênero, através de estudiosas como Judith Butler¹³⁴ e Teresa de Lauretis¹³⁵, vêm questionar a insistência da elaboração do gênero monolítico "mulher" (e poderíamos, aqui, acrescentar "homem"), sendo necessário uma discussão sobre a aquisição de identidades de gênero do sujeito histórico. Categorias como "homem" e "mulher" não são isoladamente articuladas e imutáveis. Da mesma forma, as elaborações de identidades sexuais ou de gênero fazem parte de uma configuração específica de saberes e relações de poder, não sendo "naturais" ou pré-estabelecidos. Os sujeitos, portanto, como nos diz Butler, não são pré-discursivos, mas se constroem a partir de saberes nos quais estão inseridos. As mulheres e as próprias práticas masculinas passam a se tornar uma ameaça ao lugar dominante dos homens no instante que parodia os discursos hegemônicos, rompendo uma idéia de essência inculcada neles e deslocando potencialmente as relações de dominação que os homens mantêm e legitimam.

Diante do medo da perda de uma identidade masculina, teses sobre a função social dos homens e das mulheres publicadas pelo "Diário" vinham a reforçar lugares sociais que estabeleciam os valores do racional contra o sensível, do atuante e do passivo. Não era difícil encontrar nas páginas do jornal publicações de "(...) estudos recentes feitos na França" e de outros países como a Alemanha ou Inglaterra em que se (re)afirmava uma superioridade masculina. No caso da *Revue Mondale* francesa, citada em um dos artigos do "Diário", estudiosos buscaram provar que biologicamente o "homem" teria os sentidos da

¹³³ MONTEIRO, Marko. *Masculinidade em Revista: um estudo da VIP Exame, Sui Generis e Homens*. Campinas, UNICAMP, 2000. (Dissertação de Mestrado em Antropologia).

¹³⁴ BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York and London: Routledge, 1990.

¹³⁵ DE LAURETIS, Teresa. *Technologies of Gender: essays on theory, film, and fiction*. Houndmills, Basingstoke, Hampshire and London: The Macmillan Press, 1987. pp. 1-30.

visão e da audição mais apurados que as mulheres. Enquanto estas, teriam o olfato, o tato e o paladar mais desenvolvidos. A conclusão não é muito difícil de imaginar: *“A mulher corre muito mais com o cérebro, mas não numeram as próprias idéias, desperdiçando-se e, assim, a um determinado problema, o homem responde sempre com maior rapidez e segurança do que a mulher”*¹³⁶.

Da mesma forma, Gilberto Freyre em seus estudos concluiu que a sociedade patriarcal vivida nos engenhos pernambucanos constituiu-se por homens atuantes e conquistadores e mulheres pacatas que mantiveram a ordem e a integração. O homem teria sido o *“(...) elemento móvel, militante, renovador; a mulher, o conservador, o estável, o de ordem. O homem, o elemento de imaginação mais criadora e de contatos mais diversos e, portanto, mais inventor, mais diferenciador, mais perturbador da rotina. A mulher, o elemento mais realista e mais integralizador”*¹³⁷.

Fosse sociologicamente ou biológica e cientificamente comprovados, se reforçava a idéia de que as mulheres não passariam de pessoas sensíveis, capazes de tocar o piano, por exemplo, muito melhor que seu “sexo oposto”; enquanto que a razão, responsável pelas atitudes de liderança e sensatez necessárias para a sociedade burguesa, estava instintivamente ligada aos homens. A partir de estudos “comprovados em laboratórios”, estabeleciam-se classificações sobre as atitudes que deveriam manter homens e mulheres na sociedade.

A existência de discursos como estes mostram o temor que práticas femininas e também masculinas viessem a estabelecer novos códigos de sociabilidade que não se adequariam a um padrão que os regionalistas e demais defensores de uma tradição nordestina desejavam difundir. Dentro de um mundo cada vez mais pensado “no masculino”, onde os homens e suas práticas buscavam legitimar o lícito e o ilícito na sociedade recifense, a sua “horizontalização” vinha ao mesmo instante elaborar saberes legitimadores de lugares de poder para os homens, assim como provocar desterritorialidades subjetivas através das próprias práticas masculinas tidas como “modernas”.

¹³⁶ *A constituição mental dos dois sexos*. Recife, Diário de Pernambuco, 1º de janeiro de 1924, p.1, c.6. (sem autor).

¹³⁷ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 6.ed.; Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981. p. 102.

Além disso, o medo de uma maior visibilidade do feminino no Recife refletia-se através das páginas do “Diário de Pernambuco” com o perigo de uma dominação das mulheres sobre os homens. Este perigo poderia surgir a qualquer momento vindo de fora, principalmente de cidades como o Rio de Janeiro ou São Paulo, ou mesmo diretamente da Europa e dos Estados Unidos. Medo que estaria presente nas novas roupas, no cinema, na descaracterização e moleza até mesmo dos homens do campo...

1. O Recife se veste: trajés para o masculino

Desde o Rio de Janeiro chegavam relatos da moda feminina e suas reações em Copacabana. Simpatizantes ao regionalismo pernambucano informavam os recifenses destes acontecimentos ou mesmo escreviam diretamente para o “Diário de Pernambuco”. Em um destes artigos, o regionalista Samuel Campello reclamava da dependência feminina à moda e como muitos homens estavam seguindo o mesmo caminho. Conclamava a ação do Centro Regionalista, ao qual inclusive era integrante, a reagir contra tamanha dependência dos indivíduos à moda antes que ela destruísse a natureza virgem através da matança de pássaros para os ornamentados chapéus e, principalmente, por ser uma ameaça aos costumes locais. Contra os homens da moda, continua Campello, nada se poderia fazer. Passarão a utilizar “(...) *jaquetinhas apertadinhas na cintura, com costurinhas nas costas, (...) sapatos pés de anjo. Há até quem use pó de arroz e pulseirinhas...*”. E da mesma forma que Freyre reclamava do desuso dos bigodes, muitos homens estariam indo às ruas com a “(...) *raspagem completa e uma lambugem de cabelo, sistema Carlito de Cinema*”¹³⁸.

O cotidiano das importantes cidades brasileiras do século XX trazia um novo padrão de comportamento para o Recife, onde a moda não deixava de ser uma das linguagens que ameaçava o lugar do masculino. Medo também presente, como veremos no terceiro capítulo, nas vestes tidas como masculinizantes das mulheres mais ousadas.

Antônio Paulo Rezende comenta em sua obra que a revista “Pilhéria”, publicada entre os anos de 1921 a 1932, costumava criticar os homens mais preocupados com a moda,

¹³⁸ CAMPELLO, Samuel. *A muda da moda*. Recife, Diário de Pernambuco, 15 de fevereiro de 1925, p.5, c.1.

sendo ironicamente chamados num sotaque sertanejo de “armofadinhas”. Homens que para o discurso apresentado seriam “meio mulheres” e que serviam de chacota para a população. A revista possuía uma coluna chamada *O qui nóis vê na capitá*, onde se discutia as transformações dos costumes recifecenses através de versos irônicos como este de junho de 1922:

*Hai uns home sem vergonha
Qui se chama armofadinha
Eu lhi posso agaranti
Qui elles só anda de anquinha
Pó de arroz, carça tabica
Cum pé de anjo e bengalinha.
(...) Cumpade eu mesmo não creio
Que esses typo seja sero!
Home bancando muié
Junto de mim eu não quero (...).¹³⁹*

No “Diário”, anos antes outros versos irônicos já chamavam a atenção de seus leitores para os almofadinhas, os quais estariam desdenhando o uso do fino fraque inglês afirmando que os recifenses estavam “fora da moda”.

*Já viram como anda o Netto
agora, todo panchola?...
Já não veste o fato preto, abandonou a cartola...
Mudaram-se os tempos: hoje
com pretensões a janota*

¹³⁹ REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *(Des) Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História, área de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1992. p. 109.

*enverga uma fatiota
cor de burro quando foge...
(...) E eil-o exhibir a lindeza
todo em requebros galantes,
risonho, feliz, amável...*¹⁴⁰

Este “poeta” respondia assim às constantes críticas feitas ao velho fraque e sua utilidade no dia-a-dia no Recife. Críticas que já tinham sido publicadas no jornal “Correio de Recife” em 1904 pelo articulista Netto Campello (seria o mesmo citado no verso?) e que também já encontrara resistência nesse ano por parte dos usuários do fraque. O fraque seria um símbolo de altivez e maturidade, sem maiores delongas e esquisitices: “*Sem nódoas, (...) sem rasgões, nem descosidos, sem faltas de botões*”. Roupas tipicamente masculina, defendiam seus usuários, com um padrão estilizado para uso em qualquer ocasião, fosse nos “*(...) labores diários, nas festas ou nas recepções*”¹⁴¹. O almofadinha mostrava-se, assim, uma figura desviante colocando em xeque a macheza e a honra da sociedade masculina, ou de toda uma estética de machos acostumados com a “dureza das feições” de seus homens e com a delicadeza e “suavidade” dos gestos femininos¹⁴².

Novamente o receio aos “estrangeirismos” criava um medo do masculino traduzido, neste caso, nas vestes. Em uma entrevista feita no Rio de Janeiro e publicada no “Diário de Pernambuco” comentava-se sobre a chegada de um ator teatral francês chamado Buelé, cujas “*(...) roupas com que estava (...) eram divinas, os seus movimentos com a bengala graciosos*”. Um homem “*(...) divino, belo, graciosos, sedutor (...). Segundo os exuberantes cronistas (...) é tudo isto e mais alguma coisa*”. Sua elegância à francesa fascinou o articulista, apresentando as regras para se estar inserido num novo padrão masculino: usar seda branca para as roupas íntimas ou viajar em automóveis em dias de sol e com muita poeira usado-se camisas e colarinhos de cores vivas e sapatos claros¹⁴³.

¹⁴⁰ SENNA, Lulu. *Na maciota*. Recife, Diário de Pernambuco, 27 de janeiro de 1907, p.3, c.4.

¹⁴¹ *Notas indiscretas*. Recife, Diário de Pernambuco, 04 de novembro de 1904, p.1, c.3. (sem autor)

¹⁴² CIPRIANO, Maria do Socorro. *A adúltera no território da infidelidade: Paraíba nas décadas de 20 e 30 do século XX*. Campinas, UNICAMP, 2002. (Dissertação de Mestrado em História).

¹⁴³ (sem título). Recife, Diário de Pernambuco, 27 de junho de 1914, p.1, c.6. (sem autor).

Entretanto, Buelé não deixou de ter também uma repulsa por parte dos homens. O articulista do "Diário de Pernambuco" responsável pela coluna semanal *Cartas Cariocas*, comentando os acontecimentos cotidianos no Rio de Janeiro, coincidentemente também presenciou a chegada do ator francês. Para o jornalista pernambucano, Baulé não passaria de um "boneco irresistível para as mulheres". O teatro municipal do Rio de Janeiro, reclamava, seria apenas um lugar para a apresentação de animais, impressionando a todos com maneios sábios e detestáveis. E, como se não bastasse, todos os aristocratas maquiados e empastados sob tamanho calor tornavam grotesco aquele espetáculo. Toda essa postura à francesa, estrangeirizada, davam ao articulista náuseas que ele insistentemente reforçou ao longo do artigo: "*Antipatia súbita e repulsiva faz esse indivíduo que afirma como sua habilidade mais querida, a ciência de conquistar as mulheres*"¹⁴⁴.

Gilberto Freyre também comentou sobre os escândalos que atores costumavam provocar com seus novos comportamentos já no final do Segundo Reinado. Também no Rio de Janeiro, um galã teria aparecido em cena sem a barba e o bigode. Como vimos, tais características eram sinônimo do patriarcalismo brasileiro e símbolo da identidade masculina. O rapaz terminou sendo estrondosamente vaiado: "*Aquilo não era homem: era maricas. Maricas de face cor-de-rosa, bem barbeada, lisa, como a de uma moça ou mulher bonita*"¹⁴⁵.

Em 1921, José Lins do Rêgo não deixou também de criticar a nova moda masculina e feminina que emergiam nas grandes cidades. Para ele, a moda seria a expressão do disfarce, da dissimulação, da falsidade. A moda seria a máscara do comportamento masculino e feminino: "*Uma falsidade que, nos 'novos tempos', seduzia a 'orgia da elegância', que atraía as pessoas à morte. Não é à toa que o autor desse artigo definirá o século 20 como 'o século da morte'*"¹⁴⁶.

A questão da moda explicitava os conflitos entre os valores tradicionais e os valores modernos. Nos discursos masculinos sobre a moda havia uma grande preocupação com "*a efeminização do masculino*", já que a medida em que o homem adotava a prática da moda perderia não somente o controle sobre a figura feminina, como contribuiria também para a

¹⁴⁴ *Cartas Cariocas*. Recife, Diário de Pernambuco, 06 de julho de 1914, p.1, c. 4. (sem autor).

¹⁴⁵ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.*; 1981. p. 98.

¹⁴⁶ CIPRIANO, Maria do Socorro. *Op. Cit.*; 2002.

sua própria “efeminização”¹⁴⁷. Transformações nas vestes e no corpo que ocorriam principalmente devido a uma generalização das modas européias mais requintadamente burguesas, e a urbanização dos estilos de vida. As modas que escapassem ao estilo parisiense ou londrino eram corrigidas através de medicamentos de beleza (tanto masculinos como femininos), dentes e cabelos postiços, tinturas para barbas e cabelos, etc.¹⁴⁸. Uma nova corporeidade dada ao masculino e ao feminino trazidas pelos próprios sinhozinhos que iam estudar medicina, filosofia, comércio nas cidades do velho continente.

As novas vestes representariam uma maneira de ser do homem moderno e urbano. Entretanto, o problema estava em não se atirar demasiadamente a características efeminadas. Como vimos, em Pernambuco as vestes “*cor de burro quando foge*” não deixavam de assustar homens que temiam o desuso de vestes tidas como tipicamente masculinas. Por outro lado, os modelos de vestimentas defendidos pelo ator francês não deixaram de ter seus admiradores, tido como o “(...) *mais moderno código de elegância masculina*”.

A necessidade de mostrar um novo modelo de masculinidade através das vestes estaria também presente no artigo do “Diário” mostrando a preocupação do exército alemão com seus uniformes. A questão seria encontrar, não apenas para o exército mas para os homens alemães, uma veste “ideal”. Uma vestimenta que “(...) *não desfigura o corpo, mas que lhe dá elegância*”. Os estudos sócio-históricos alemães da época chegaram à conclusão de que nunca os homens teriam se vestido tão mal como no início do século XX. Sendo assim, as roupas masculinas, diziam os estudiosos alemães da recém formada “Sociedade para a Reforma da Roupa dos Homens”:

1º deve ser simples;

2º devem usar poucas peças;

3º deve ser commoda e bigyenica;

4º deve ser de pouco preço;

5º deve ser bonita;

¹⁴⁷ CIPRIANO, Maria do Socorro. *Op. Cit.*; 2002.

¹⁴⁸ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.*; 1981. p. 104.

6ª deve ser de maneira que concorde com o typo da pessoa;

7ª deve ficar muito bem feita no corpo;

*8ª deve exprimir o caráter da pessoa*¹⁴⁹.

Percebe-se como a discussão sobre as vestes masculinas era uma preocupação mundial, em que o Recife não deixava de participar recebendo diariamente imagens de modelos de masculinidade através da forma de vestir e comportar-se. Estas regras básicas para a criação de uma veste homogênea para os homens e, claro, disciplinadora contra os modismos emergentes, não deixam de inventariar uma representação do homem ideal. Um homem total que deveria ser simples, de “caráter”, eficiente e prático.

No Recife, no entanto, pode-se notar que os regionalistas tentavam nesta reelaboração do masculino encontrar o homem ideal contra um modelo tido, entre outros aspectos, como falsificado. Antes de acreditar nos “falsos bonecos estrangeiros” a população local deveria dar credibilidade, diziam os intelectuais mais radicais, ao próprio homem que existiria à sua volta, distante dos espaços urbanos que descaracterizariam a originalidade de sua população. “*A aspiração superior de um povo, como a de um individuo*”, dizia o regionalista João Vasconcelos, “*deve ser a personalidade viva e forte, uma fisionomia inconfundível, um todo interiço e harmônico. Ridículo é estar de mangas de camisa à americana, com monóculo e cartola à inglesa*”. Criticando a forma de vestir dos recifenses, fosse a nova moda ou mesmo o velho fraque, Vasconcelos não entendia o motivo de causar tanta comicidade andar de chapéu de couro pelas modernas avenidas da cidade:

Essa gente não repara que muito mais grotesco seria uma casaca parisiense elegante e bem talhada, na caatinga correndo o gado. D’abi a victoria clarinada da casaca sobre o gibão de couro. O chapéu de couro na

¹⁴⁹ *Os alemães querem reformar as vestimentas dos homens.* Recife, Diário de Pernambuco, 26 de fevereiro de 1914, p.4, c.6. (sem autor).

*avenida é para mim muito mais aceitável que o de pello na intimidade dos nossos sertões.*¹⁵⁰

O vestir-se como o vaqueiro seria resguardar um “homem ideal”, mantido nas caatingas. Certamente que Freyre, mesmo vestido à inglesa e à americana, com sua “jaquetinha” e seu monóculo ao bolso, não deixava de defender estes pressupostos portanto que mantivesse sustentado o lugar da tradição e dos costumes daquilo que seria o “homem do nordeste”. Este homem do sertão seria o “real”, o “verdadeiro” contra um homem ficcional, algumas vezes tido como desvirilizante que surgiam, por exemplo, nas telas de cinema. Lutas de representações do masculino que tomavam um outro lugar do mundo moderno.

2. Tom Mix e Zé Vaqueiro: o cinema e as representações do masculino

Os novos códigos de masculinidade no Recife certamente não eram apenas transmitidos pelas vestes, mas também por outros meios que se tornaram um fascínio para a população. Entre eles o cinema. Nos anos de 1909 e 1910 se construíram e reformaram cine-teatros atraindo a homens e mulheres. O “Pathé”, o “Santa Isabel”, o “Helvética”, o “Politeama” e o “Moderno”, lembra o escritor Mario Sette, serviam “(...) além do entretenimento delicioso das vidas alheias através dos filmes, o pretexto amável para os encontros de olhos, para a mostra de vestidos, para as tagarelices com as vizinhas de cadeiras”¹⁵¹.

Ao se apagarem as luzes, geralmente uma imagem do homem viril, corajoso, galanteador surgia projetada diante das moças e rapazes, para o delírio das primeiras e admiração dos últimos. Da mesma forma, uma imagem oposta, a do “maricas” norte-

¹⁵⁰ VASCONCELOS, João. *Pelo Regionalismo*. Recife, Diário de Pernambuco, 7 de novembro de 1925, p.26, c. 1.

¹⁵¹ REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *Op. Cit.*; p. 117.

HELVETICA HOJE!!!

NA TELA

O Homem que não Gostava de Mulheres

Produção da «Warner Bros»,
com HELENE CHADWICH e
CLIVE BROOK

7 ACTOS

*O homem que não
gostava de mulheres*

(Recife, Diário de Pernambuco, 1927)

americano também era trazida para as telas como uma figura chacoteada e que não deixava de ser uma forte representação do homem desvirilizado. O protagonista deste filme, anunciado no "Diário" em 1927, apresenta um rapaz da cidade incapaz de conversar com mulheres, temendo-as e preferindo lavar roupas ou costurar. Como motorneiro era desastrado, sempre alheio a tudo que ocorria a sua volta vagando em seus pensamentos "filosóficos". Imagens em movimento que terminam demonstrando, numa região que para os regionalistas "desvirilizava-se", o perigo que as cidades modernas representavam com seus novos costumes.

O filme, utilizando como título *O Maricas*, distribuía um conceito de comportamento que seria hilário e humilhante para ser seguido pelos homens. Também um outro filme, mostrado no Recife no mesmo período, remetia a estas mesmas práticas de misoginia com o título *O homem que não gostava de mulheres*.

Como não poderia deixar de ser, os regionalistas reprimiam as imagens que descaracterizavam um modelo regional do masculino. Retornando ao artigo de João Vasconcelos, conclamava-se mais uma vez a atuação do Centro Regionalista contra "o efeito dissolvente do cinema". No artigo não há comentários sobre homens efeminados, mas sobre uma representação do masculino feita apenas através de "trucs maravilhosos" do cinema que enganam seus espectadores. Para quê, reclamava Vasconcelos, delirar com as miragens de heroísmo dos "Duglas", dos "Wallace" ou do famoso Tom Mix?

Principalmente as mulheres, as "matutinhas da região", dizia ele, não percebiam que seus verdadeiros heróis estavam exatamente ao seu lado, fosse o seu irmão, pai ou noivo representado na figura do que ele denominou genericamente de "Zé Vaqueiro". O mesmo que viajaria três dias ou mais, dentro da caatinga, a procura do boi esquivo, comendo a raiz do umbuzeiro e bebendo água da macambira. Ao se defender a imagem do Zé Vaqueiro contra a do cinema norte-americano, se estaria convencendo os cegos pelas

Harold Lloyd



"O rapazinho tímido, imberbe, de olhos voltados para o firmamento azul (...), que sente o rubor subir-lhe às faces ao conversar com uma pequena bonita, o BOBALHÃO incapaz de dirigir gracejos às meninas que passam (...)"

O MARICAS

O rapazinho tímido, imberbe, de olhos voltados para o firmamento azul, (cu borraço as vezes), que sente o rubor subir-lhe às faces ao conversar com uma pequena bonita, o BOBALHÃO incapaz de dirigir gracejos às meninas que passam, tem o condão gracioso de não se dar conta de ser um garçom desopilante, salutar. Therapeutica...

O maricas

(Recife, Diário de Pernambuco, janeiro de 1927)

Harold Lloyd

Lloyd

ATENÇÃO

A Empresa americana que instalou no edifício de esquina, um restaurante especialmente destinado a receber os hóspedes reventados e recuperar os ânimos abatidos e recupera os ânimos abatidos em horas demoradas, quem que colorem ao apreciar as cenas de cinema.

é uma porção de coisas!
 E, um só tempo, apreende do alfabeto, escritor filosófico e... matemático! O diabo é que algumas vezes, trocando as BOLAS escreve pensamentos abstratos ao digitar em BOMBE, enquanto aplica remédios aos familiares ao preparar e servir um lanche. Por fim, mas não menos importante, a seu lado, as palavras colhidas, a... são estalhadas pelo... do...
 comecem des suas...
 ...

"bravatas farwestinas" a perceber que os "sertanejos" já descenderiam de uma "verdadeira" geração de heróis. Educar a todos os recifenses e interessados à uma maneira "nordestina" seria, assim, mais uma função primordial do Centro:

Muita gente propala com enfase seu orgulho de ser brasileiro e é simplesmente brasileiro á francesa, á inglesa, á americana... com horror a tudo que é Brasil virgem, Brasil puro, sem o verniz da civilização importada, despersonalizadora, que vae standardizando o mundo, reduzindo lentamente, inflexivelmente a superficie da terra a uma tristonha e desalentadora uniformidade.

(...) Creio que o interesse directo pelas cousas do nordeste, cuidando de aprimoral-as e conserval-as, entre todas as maneiras de amar e engrandecer essa boa terra, será a melhor e mais significativa. E talvez a unica donde resultarão proveitos reais dignificantes, enobrecedores para a terra e para seus filhos¹⁵².

Gilberto Freyre não deixou de fascinar-se com o cinema durante sua estadia nos Estados Unidos. Para ele, os hábitos brasileiros pouco antes de sua chegada já teriam se modificado muito devido aos maus exemplos transmitidos por esse meio artístico. O cinema estaria desnacionalizando o brasileiro. Mas ao invés de atacar as imagens reproduzidas nas telas, Freyre propunha um outro uso para o cinema onde se mostrariam justamente os costumes do nordeste brasileiro, assim como das demais partes do país. Segundo ele, algo que já estaria sendo feito em Nova Iorque e Berlim e, em menor escala, em Paris e Londres. "Por quê não utilizar essa força enorme que é o cinema", perguntava-se Freyre, "para a propagação de boas e úteis idéias e para o reclame de bons e úteis artigos?". Se Vasconcelos temia que a "matutinha" se sujeitasse aos encantos do falso Tom Mix, para Freyre, a publicidade cinematográfica regional poderia trazer ao público, sem

¹⁵² VASCONCELOS, João. *Pelo Regionalismo*. Recife, Diário de Pernambuco, 7 de novembro de 1925, p.26, c. 1.

esforço nenhum e sem que seus espectadores percebessem, uma imagem daquilo que seria a ainda "bruta" e pouco conhecida região nordeste, os costumes e seus habitantes¹⁵³. Assim, se um padrão de masculinidade era transmitido pelas películas norte-americanas à população recifense, um outro modelo contra o homem fraco e deprimido, mas a uma maneira "nordestina", também poderia ter chegado a ser reverenciado nas telas...

Por outro lado, um modelo de masculinidade do homem forte, musculoso e saudável era encontrado freqüentemente nos anúncios dos medicamentos milagrosos. Remédios cujas propagandas, presentes nas páginas do "Diário", diziam trazer de volta uma "virilidade perdida".

A modernidade foi o processo de gestação do indivíduo moderno. E, com ele, a construção do corpo como um espaço ontológico e epistemológico do qual se fala, produz, corrige. O corpo passou a ser o lugar definidor da pessoa. As cidades que se urbanizam, o novo ritmo de vida burguês, os discursos médicos vão redesenhando um novo regime corporal. Criam-se formas de se comportar à mesa e de falar, regras de sexualidade, de vestir, enfim, do uso dos espaços públicos. As sociedades modernas elaboraram mecanismos práticos e simbólicos capazes de garantir a vida do indivíduo no meio social de maneira a preservar a sua individualidade, assim como o corpo deve inserir-se de acordo com os padrões sociais estabelecidos para determinada época. É do corpo, portanto, que fundamentam a existência corporal e coletiva, sendo o eixo da relação com o mundo: *"emissor ou receptor, o corpo torna-se produtor contínuo de sentido, inserindo ativamente o homem no interior de um espaço social e cultural dado"*¹⁵⁴.

Inserido nos discursos médico-higienistas recifenses sobre a saúde corporal, o indivíduo é atingido dentro de uma gama de informações que criam toda uma imagética do corpo saudável, viril e forte.

¹⁵³ FREYRE, Gilberto. "19". Recife, Diário de Pernambuco, 26 de agosto de 1923. p.1, cs. 5,6. (artigos numerados).

¹⁵⁴ GONÇALVES, Antonio Giovanni Boaes. *A plasticidade dos usos sociais do corpo de classes populares em São Luís*. Araraquara, Universidade Estadual Paulista, 2002. (Tese de Doutorado em Sociologia).

3. Bebidas milagrosas: os biotônicos virilizantes

Reforçando os discursos médico-higienistas emergentes no Recife nas décadas de 1910 e 1920 – período em que ocorreram, inclusive, organizações de concursos de robustez para as crianças pobres da cidade –, as propagandas de biotônicos também criam um modelo de masculinidade a ser seguido pelos homens. Anúncios que não deixaram de criar formas de representação de homens fracos, “moles” e incapazes de manter diante da mulher o seu lugar de dominação. Entre os discursos impressos no “Diário” estavam alertas àqueles que não tomassem tais medicamentos “milagrosos” pois seriam apenas perdedores no jogo da vida.

É como em todos os jogos, ganha o mais valente, quem tiver mais coragem, mais resistência e mais vigor. O fraco, aquele que não tem saúde, não pode ter estas vantagens.

Ele será sempre a vítima, o “blefado”!

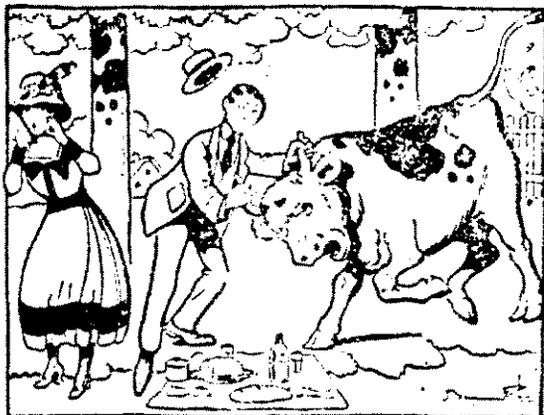
Cuidem, pois, de sua saúde, não esperando o desenvolvimento das moléstias. Previnam-se especialmente contra as enfermidades dos rins e da bexiga, tomando cada mês, durante alguns dias, alguns comprimidos ‘Schering’ de URUTROPINA, o maior desinfetante das vias urinárias.¹⁵⁵

Elixires como estes trabalhariam não apenas uma imagem exterior dos homens, mas também sua própria subjetividade, fazendo-os acreditar em indivíduos fortes e fiéis aos seus desejos, sem a preocupação de passar por “blefes” diante de uma dama.

O interesse pela saúde e, conseqüentemente, pela aparência do corpo passavam a ter uma grande importância no Recife do começo do século XX. Anúncios de biotônicos apresentavam as imagens do corpo dos homens e das mulheres saudáveis contrapondo-se

¹⁵⁵ *A vida é um poker!*, Recife, Diário de Pernambuco, 10 de Maio de 1925, p. 13, c. 1.

MAIS FORTE QUE UM TOIRO!...



Ella. — Ai! que estamos perdidos! ..
Elle. — Nada receies. Eu tomo « QUINIUM LABARBAQUE »,
e graças a elle, um homem é tão forte como
Hercules!...

Mais forte que um toiro!...

(Recife, Diário de Pernambuco, 1923)

“potência sexual”, presente tanto na sua capacidade física como no ato sexual, mostrava-se um tormento e um problema de grande visibilidade para os homens recifenses. Numa destas propagandas de biotônicos, nada mais do que uma mulher aconselha seu próprio marido a tomar o complexo *Kolyohimbina*, capaz de trazer a “felicidade” de volta para a sua casa. A impotência dos homens estaria curada em poucos dias, trazendo a virilidade e o poder de mando de volta à sua própria residência. As mulheres, por sua vez, poderiam, com o mesmo medicamento, ter seus seios mais desenvolvidos, aumentando o “apetite sexual” de seus maridos:

*“Vá seu Manduca não perca tempo; va ali na Pharmacia Moderna,
compre um vidrinho de Kolyohimbina e teremos em casa a felicidade...”*

*Kolyohimbina — Cura a impotência em 18 dias, fraqueza nervosa e
muscular e desenvolve os seios ás senhoras.*¹⁵⁶

¹⁵⁶ *Kolyohimbina*. Recife, Diário de Pernambuco, 14 de junho de 1918, p. 7, c. 1.

SAUDE, VIGOR... E RESISTENCIA
CONSEGUIREIS USANDO KOLYOHIMBINA

Composição — Kola, Yehimbina, Strichinina, e Formiato de sodio.

Cura infalivelmente: Fraqueza Nervosa, Fraqueza Muscular, Fraqueza Cerebral, Fraqueza Genital (cura em 18 dias), Fraqueza do Sangue, Histerismo, Rachitismo, Lymphatismo, Neurasthenia, Albuminuria e desenvolve os seios das senhoras, tornando-as rigidas.

É O UNICO REMEDIO RECOMENDADO DIARIAMENTE PELAS SUMMIDADES MEDICAS DO PAIZ.

Restitue ao o dinheiro aos não CURADOS!

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITARIO (USO) COSTA & CIA
DROGUISTAS A RUA DUQUE DE CARIAS, 369
RECIFE - PREÇO: 5.000 Rs.

Kolyohimbina

(Recife, Diário de Pernambuco, 1918)

O impotente, o hermafrodita, o eunuco ou qualquer homem com sérias dúvidas sobre sua virilidade costumava ser, na Época Clássica, objeto de estudo, de pesquisa, de classificação de saberes que necessitavam destas imagens para constituir o “homem normal”, tipicamente apto para manter, entre outras coisas, um casamento livre de qualquer perigo capaz de provocar uma degeneração na sua prole. A sexualidade destes homens era reputada como falha e eram estes saberes que terminavam por delimitar quem possuía ou não o mito ancestral e tão temido da virilidade.

A virilidade fez e ainda faz parte do complexo de castração dos homens. Este sujeito histórico ainda necessita representar modelos de masculinidade que estejam de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade. Angústia esta que o martiriza, pois ninguém é capaz de ser “viril” a cada minuto de sua vida. Qualquer desvio, qualquer anomalia em seu monumento machista torna-se um temor, um perigo capaz de arremessar o suposto anômalo para outras denominações sexuais.

Os saberes classificadores do corpo e das práticas masculinas como os discursos médicos, ao mesmo instante que são uma forma de apresentar uma base sólida para o homem se apoiar no mito da virilidade, também servem de meio para despejar esta neurose sobre a vítima. Afinal, para se definir um impotente denomina-se o potente, o homem viril, elaborando-se toda uma “estrutura de exclusão”. A ação da justiça, da religião ou da medicina sobre o corpo do impotente ganha toda uma simbologia, um ritual de sacrificio em que a vítima é lentamente examinada, “destrinchada”, “cortada aos pedaços” para que a verdade absoluta sobre seu corpo seja desvendada e provada.

A medicina, já na Europa do século XVI, buscava com seu olhar de profundidade alguma deformidade no paciente, fazendo-o passar por duras lutas probatórias: “a prova pública da ‘ereção’, da ‘tensão elástica’ ou do ‘movimento natural’, a ‘prova da ejaculação’ e, talvez, a inacreditável prova da conjunção carnal, que supõe a realização

*integral do dever conjugal na presença de testemunhos (...)*¹⁵⁷. Em outras palavras, o homem apenas era considerado viril se fosse capaz de propiciar estes três momentos de prova de virilidade: “erguer, entrar e molhar”. Suas genitálias diziam-lhe mais que suas palavras, o sexo passava a ser durante a Época Clássica o grande revelador da verdade do homem. O sexo que passava a ser o centro das questões masculinas, classificando e demarcando o “homem” e seu território de atuação. Discurso este que se modificou com a emergência de novos olhares sobre o corpo masculino, mas que jamais deixaram de classificar o impotente como um anômalo, um doente sem identidade social e incapaz de trazer a felicidade para a própria família, como se pode notar no anúncio do “Diário”.

No final do século XIX, na passagem de uma sociedade marcada pela sangüinidade para uma que segue rigorosamente os novos códigos da sexualidade, ser impotente seria não ter uma identidade. O próprio impotente, antes despreocupado com sua condição física, passa a ter vergonha de seu próprio corpo, constituindo-se como um sujeito marginal, um doente fruto de estudos médicos e alvo de chacotas da população. O fato de não “erguer, entrar e molhar” passava a ser um dos principais estigmas do homem moderno. Homem que passava a ser não apenas um impotente físico, mas também social.

Nas cidades brasileiras no final do século XIX e início do século XX os projetos de “domesticação” dos espaços públicos se fizeram presentes. Como vimos, os discursos higienistas eram constantes, declarando a necessidade de reformas sanitárias e urbanísticas. Crescia também uma educação mais abrangente e sob a tutela do Estado, que contemplava uma higiene corporal e uma ginástica que fortalecesse o “tipo físico” e moral brasileiro. A virada para o século XX marca um controle mais firme, mais geral e mais uniforme das emoções¹⁵⁸. O indivíduo aprenderia desde a infância, nos diz Norbert Elias, a desenvolver um autocontrole e independência pessoal. Acostumaria-se a competir com os outros, aprendendo a partir deste meio como encontrar satisfação neste tipo de sucesso. Por sua vez, em todas as sociedades ocidentais, continua ele, existem rígidos limites estabelecidos quanto à maneira como o sujeito pode distinguir-se e os campos em que pode fazê-lo.¹⁵⁹

¹⁵⁷ DARMON, Pierre. *O Tribunal da Impotência: virilidade e fracassos conjugais na antiga França*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 17.

¹⁵⁸ LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.

¹⁵⁹ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p.120.

Entre estes meios de auto-satisfação e competição entre indivíduos, certamente estavam os costumes e a preocupação cada vez maior dada à aparência corporal. A saúde física, o corpo viril, passa a ser no começo do século XX uma preocupação para a manutenção de lugares masculinos.

Entretanto, o homem "desvirilizado" tinha uma significação mais ampla que apenas aquele designado pelo discurso médico. O homem perdia espaços antes estritamente masculinos dando-se uma maior visibilidade aos avanços das mulheres nos lugares públicos. Na Europa e Estados Unidos, as mulheres manifestavam-se pelo sufrágio universal e pelo direito ao divórcio ou chegavam a ocupar cargos políticos. Esta visibilidade de uma impotente "moleza" masculina no Recife, estava mais presente nas obras regionalistas e memórias de netos de velhos senhores de engenho.

4. Molezas no "ciclo-da-cana": outras desconstruções do masculino

Na literatura regionalista de José Lins do Rêgo a fraqueza masculina emergia de acordo com a situação de decadência dos próprios engenhos. Estes romances são uma outra forma de (re)criar um real, apresentando relações de gênero e representações de masculinidades que se difundiram entre a população da região e fora dela. Este tipo de literatura começa a se difundir num momento de medo da mudança das relações de gênero e da vida cotidiana. *"Literatura e história (...) querem evitar a perda definitiva de um sujeito, de uma vida, de uma sociedade. Negam a perda, fingindo, no presente, o privilégio de recapitular o passado num texto, de perenizar e estabilizar uma verdade sobre os outros e sobre si mesmo"*¹⁶⁰.

Estudar estes romances é entender um mundo que foi desejado por homens do seu tempo, é conhecer práticas sexuais saudosistas e um cotidiano que mesmo reinventado não deixam de criar um modelo de masculinidade e fazer críticas às "modernas" práticas dos "maus costumes" que estes escritores vivenciavam. Os romances regionalistas (assim como

¹⁶⁰ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *O engenho de meninos: literatura e história de gênero em José Lins do Rêgo*. 1996, (mimeo).

as memórias e publicações sobre um passado pernambucano) tinham como principal intuito buscar reviver valores encontrados em determinadas tradições e costumes.

É nítido como Zé Lins apresenta em suas obras, assim como nos discursos de Julio Bello ou Mario Sette, a expressão de uma decepção do que presenciava nos engenhos e de um medo latente daquilo que aguardaria o “homem do futuro”. Como afirmava Bello, os homens já não seriam como “antigamente”, mostrando-se agora “*moles e resignados que se contentam com quase nada na vida*”¹⁶¹. Homens “moles” e incapazes de comandar um engenho ou mesmo de se casar, como foi o seu tio Jacinto:

*Diziam-me que ele gaguejava e ao contrário dos irmãos era irresoluto, fraco, desfibrado. Não casou. Quase não viveu. Morreu tristemente sem dizer a que veio ao mundo.*¹⁶²

Nas obras do “ciclo-da-cana”, que são uma forma de “autobiografia” daquilo que José Lins presenciou e desejava que continuasse a existir, está uma forma de elaboração de imagens que deveriam ser resguardadas e, ao mesmo instante, um alerta para o fim de modelos que estariam sendo extintos. As novas práticas masculinas mostrariam a ruptura de um tempo idealizado como áureo, pleno, com um outro momento, o de decadência dos senhores de engenho e o desenvolvimento do Recife.

Enquanto o menino Carlinhos aprendera a viver liberto entre os moleques do engenho, tendo as iniciações sexuais com animais e negrinhas num mundo sem dispositivos repressores de suas práticas sexuais e poderes para o mando, a cidade trouxe-lhe durante a sua juventude, o aprisionamento e a disciplinarização do seu corpo. O menino Carlinhos, retornando ao engenho do avô após anos de estudos na capital pernambucana, agora como doutor Carlos Melo, bacharel em Direito, se mostrou incapaz de substituí-lo após a sua morte.

¹⁶¹ BELLO, Julio. *Memórias de um Senhor de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. p. 4.

¹⁶² Idem; *ibidem*; p. 20.

*E se fosse vivo e forte, o Santa Rosa não seria entregue a ninguém. Seria dele. Não devia, e lavradores não atreviam a fazer-lhe sombra. Eu não podia com o seu cacete. O seu sangue não estava no meu. Eu era de outra raça, era neto de outro.*¹⁶³

Carlos Melo mostrou-se fraco para o mando, preguiçoso e adoecia com facilidade. Era covarde, tinha medo da própria sombra, sempre desconfiado que o perseguiam para derrubá-lo numa tocaia. Via-se ludibriado até mesmo pelo arrendatário, capaz de produzir mais do que ele e ter um nível de vida superior à sua dentro de seus próprios domínios. As filhas do arrendatário estudavam na Parahyba e falavam até mesmo francês. O nome provindo de um respeitado senhor de engenho pouco significava neste momento, apesar de ainda inspirar respeito.

O rapaz citadino, pseudo-senhor, deixava até mesmo de receber visitas importantes da cidade como juízes e delegados, os quais, por sua vez, passavam a defender os interesses de um lavrador descendente de escravos, mas cada vez mais rico e influente. Como se não bastasse, o engenho Santa Rosa estava constantemente ameaçado de ser tomado pela vizinha usina, o que acaba por ocorrer. O engenho-coronel fora derrubado pela usina-mulher. A imagem da morte do modelo de engenho produzida por José Lins é deprimente: enquanto o doutor/pseudo-senhor Carlos de Melo retorna de trem à cidade sem ao menos saber o que espera de si, lembra-se entre a fumaça expelida pela locomotiva do quadro de seu avô Zé Paulino, o último grande senhor de engenho que conhecera. Entre a memória que mantinha do seu avô e a janela do vagão em movimento via-se o cemitério. A última imagem que ele deixaria para trás.

Segundo Gilberto Freyre, o final do século XIX – período que apresentaria mais sobrados aburguesados do que casas-grandes patriarcais –, o aristocrata brasileiro caracterizou-se mais por uma “molície afeminada”. “*Foi menos sexo forte, que sexo nobre*”¹⁶⁴. Neste período, o homem patriarcal passou a parecer-se com a mulher: franzino,

¹⁶³ RÊGO, José Lins. *Bangüê*. 14^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

¹⁶⁴ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* 1981. p. 101.

debilitado, de vida lânguida. Apenas sua situação, ainda privilegiada, permitia-o mandar do alto de sua montaria.

José Lins do Rêgo representa em suas obras ficcionais exatamente o que seu amigo Gilberto Freyre advertia em seus incansáveis e repetitivos discursos. Através do personagem Carlos, o autor remeteu para suas lembranças o que se passou com a terra do seu avô e como tudo se perdeu com a morte da própria representação maior daquele espaço: o grito do velho senhor de engenho. José Lins, neste aspecto, torna-se um grande interlocutor das teorias de Freyre, narrando suas lembranças de uma vida no engenho, os costumes do campo, aspectos que se perdiam nas décadas que se seguiam com o crescimento das cidades e sua urbanização. Assim, enquanto Gilberto Freyre reclamava às autoridades governamentais pelos casarões destruídos para a construção de amplas e arejadas avenidas, seu amigo literato reerguia-os em suas obras.

Rêgo, ao descrever suas lembranças nas obras do "ciclo" narrou um passado recriado através de sua imaginação. Este autor não deixou, portanto, de ser criador de um espaço regional, narrando acontecimentos do Recife e os engenhos do começo do século XX. A história é aquilo que o indivíduo se lembra, e este só se lembra daquilo que deseja¹⁶⁵. Para os pós-estruturalistas a obra escrita termina por transcender as intenções do autor e, por isso, é entendido como um mecanismo de auto-transformação não intencional. O autor se perde em seu próprio texto pois este o dispersa ganhando novos significados. Segundo Foucault, o "*discurso não é o desdobramento da majestática manifestação de um sujeito que pensa, que sabe e que fala, mas pelo contrário, uma totalidade, na qual a dispersão do sujeito, e sua descontinuidade consigo mesmo pode ser determinada*". O discurso é, assim, intertextual, escrevendo seus próprios significados acumulados sobre os desejos e intenções do autor¹⁶⁶.

Conhecer o passado que José Lins constrói em suas obras é entender também uma das formas legitimadoras e definidoras do homem do nordeste e sua região. Este literato regionalista termina dando uma rostidade e uma corporeidade a seus personagens. Seu

¹⁶⁵ LOPES, Fábio Henrique. "A história em xeque: Michel Foucault e Hayden White". In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.). *Narrar o passado, Repensar a história*. Campinas: Unicamp/IFCH, 2000.

¹⁶⁶ HARLAN, David. "A história intelectual e o retorno da literatura". In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.). *Narrar o passado, Repensar a história*. Campinas: Unicamp/IFCH, 2000. p. 31.

discurso dá formas às práticas que passam a ser defendidas por intelectuais e políticos da região, assim como as imagens que cria em seus livros, mostrando um passado que não deveria ter-se ido. Assim, as práticas discursivas dos personagens de José Lins no "ciclo-da-cana" também foram um dos fatores construtores de estereótipos, como a imagem "globalizante" do coronel Zé Paulino (representação do avô do autor), e seu "poder natural" de comandar a fazenda no simples grito de autoridade local. Como nos diz Célia Marinho, utilizando-se das arguições de Joan Scott, "*historicizar as experiências de um dado personagem não é simplesmente narrar a sua história de vida, mas sim analisar como e quando ele chegou àquela posição, ou seja, por meio de que processos ela foi construída naqueles termos*"¹⁶⁷.

O sujeito que narra a história constrói a sua história, o seu entendimento sobre algo que se lembra e também se esquece. Entre seus silêncios e conhecimentos elabora-se a sua história, subjetiva e singular. Narram-se "verdades" que não são fixas, mas deslocam-se de acordo com as várias narrações dos entrevistados. A história, assim, deixa de possuir suas "verdades", ganhando uma nova conotação para o próprio significado do que é elaborar a história. A História não se mostra, assim, "*(...) única, pronta, estática, oficial, mas ganha os contornos de percepção de quem narra, instaurando-se, desse modo, um outro regime de verdade, que pode ser frontalmente contrário à 'verdade', ou regime de verdade posto e dado como única possibilidade de leitura histórica do acontecimento*"¹⁶⁸. Todos os sujeitos sociais possuem histórias e fazem parte do processo histórico de seu tempo e do espaço em que se situam constituindo a sua própria subjetividade.

Desta forma, podemos entender que o próprio tempo é humano e, por isso, também entendido de forma subjetiva e individual por cada sujeito. É nesta sua constituição temporal que o sujeito elabora a sua história, não devendo, por isso, ser algo simples e linear, mas repleto de cortes, interrupções, lacunas, reelaborações de fatos e esquecimentos... E, desta forma, o sujeito pode criar uma identidade para si ou um grupo num determinado "tempo histórico". "*É contando histórias, as suas próprias histórias, o que lhe acontece e o sentido que ele dá ao que lhe acontece, que o sujeito dá a si próprio*

¹⁶⁷ AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. "A nova história intelectual de Dominick LaCapra e a noção de raça". In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.). *Narrar o passado, Repensar a história*. Campinas: Unicamp/IFCH, 2000. p. 131.

¹⁶⁸ RESENDE, Selmo Haroldo de. *Abodagens Biográficas e Foucault*. NEHO HISTÓRIA – Núcleo de Estudos em História Oral. Dep. História/USP, 1999. p. 61.

uma identidade no tempo". Assim, apesar das narrativas biográficas carregarem pontos de vista e informações individuais e subjetivas, elas não deixam de compor e carregar aspectos gerais a um corpo social a que pertenceram os narradores. "*Nas vivências particulares, nas singularizações de atos, há a universalidade da estrutura social*"¹⁶⁹.

José Lins do Rêgo criou e legitimou em suas obras regionalistas um modelo de "nordestinidade", de homem do campo, assim como também algumas figuras que representavam o momento de decadência e fim de um mundo de homens bravos e decididos no final dos anos 20. Entre eles, está o Coronel Lula de Holanda, na obra "Fogo Morto". Este personagem seria a própria representação do momento de crise da economia dos engenhos. Lula de Holanda significava o próprio "fogo morto" de um homem que deveria ser enérgico e decidido, versátil e viril. Por sua vez, por ser da cidade, suas práticas não condiziam com a de um coronel. Por seu aburguesamento, Lula de Holanda seria incapaz de comandar seus subordinados, sendo necessário até mesmo a intervenção da sua mulher para salvá-lo de possíveis agressões de empregados. Novamente a mulher, o feminino, intervia no masculino, controlando, dando conselhos, decidindo. Praticamente trocam-se os papéis sociais, onde o coronel torna-se praticamente um "corola" de igreja, indo rezar diariamente ao invés de organizar e vigiar suas terras¹⁷⁰.

Mas talvez um dos personagens mais curiosos, neste sentido, seja o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, fazendeiro falido e humilhado pelos moleques com a alcunha bastante significativa (e dúbia) de "Papa-Rabo". Sua única imagem de imponência consistia na sua lamentável cavalgada, uma égua. Este personagem hilário é a própria imagem da decadência; do fim de uma relação de poder clara e definida entre o senhor de engenho e seus subordinados. E, por sua vez, estas formas discursivas criam novos rostos e corpos erguidos por novos saberes, num contexto em que os engenhos eram a própria imagem da decadência.

O Capitão Vitorino se pensava ainda num mundo em que os coronéis eram capazes de comandar através de sua palavra, sem a intervenção do Estado. Sem poder de mando, Vitorino torna-se não apenas chacota dos moleques, mas também sofre agressões do poder do Estado através das milícias mandadas para capturar cangaceiros. Tratando de fazer

¹⁶⁹ RESENDE, Selmo Haroldo de. *Op. Cit.*; p. 62.

¹⁷⁰ RÊGO, José Lins. *Fogo Morto*. 16 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

justiça com suas próprias decisões ao tentar libertar um suposto inocente das volantes, Capitão Vitorino perceberia que seu lugar de poder não existiria mais. E mesmo sofrendo nas mãos das volantes ao insistir em falar sem permissão com o comandante, dizendo ser importante apenas citar ao seu nome, Capitão Vitorino não deixaria de sonhar com o momento em que ele novamente teria grandes lotes de terra para exhibir-se e gritar com seus subordinados.

Nas suas obras percebe-se como José Lins estabelece para a cidade moderna do Recife, o lugar causador de todos os "males" para a sociedade nordestina. Da mesma forma que era pintada por Bello, a cidade seria o lugar da lacuna, do incerto, da mentira, do interesse mesquinho, da violência, da tristeza, dos "maus costumes". Na obra "O moleque Ricardo" nota-se como José Lins desejava dar um alerta ou um exemplo para aqueles que desajassem abandonar o lugar seguro e estável do engenho, preferindo o espaço incerto das cidades.

O personagem "moleque Ricardo" é um dos exemplos do autor para defender a vida no engenho. Por mais imóvel e estática que pudesse parecer, com estruturas pré-definidas, onde um moleque jamais poderia ser um senhor de engenho e vice-versa, a vida no engenho seria a própria garantia da sobrevivência de todos. E moleque Ricardo aprenderia isso, arrependendo-se de pensar sobre sua condição submissa em relação ao senhor de engenho quando passasse a sofrer uma vida de miséria e tristeza na cidade.

É interessante, inclusive, perceber como o autor defendeu a idéia de solidez do engenho em relação ao mundo sempre em mudança das cidades. Num contexto histórico em que a Revolução Russa ganhava as páginas dos jornais e servia de espelho para políticos conseguirem o apoio das massas, Ricardo não conseguia ver o engenho Santa Rosa fragmentado e distribuído entre os trabalhadores. Aquilo seria uma coisa inimaginável para Ricardo, algo que poderia ocorrer apenas na padaria em que ele trabalhava na cidade... mas jamais no engenho:

Não acreditava que pudessem botar para fora o Coronel Zé Paulino, que tomassem dele o engenho Santa Rosa. O velho se havia enfincado na terra como um marco de pedra. (...) Ali mandaria para sempre o grito do velho. A terra não passaria para as mãos dos

*trabalhadores. Ricardo achava mais fácil tomar a venda do Seu Alexandre. No primeiro pega-pega o portuga metia a canela no mundo. Tomar o engenho era mais difícil.*¹⁷¹

Mas foi justamente tomado pela “fluidez” que a cidade proporcionava, que Ricardo acreditou que poderia deixar de ser um “moleque”, enriquecer e melhorar a vida de sua família – ele poderia deixar de ser um simples “alugado” de engenho. Sofreu por pensar assim e confiar na cidade, tomado de ilusões e tristezas que o terminaram levando à prisão em Fernando de Noronha.

Na obra seguinte, “Usina”, Ricardo retornaria ao engenho presenciando seu fim: o engenho Santa Rosa deixava de existir, passava a ser tomado pelo ritmo da cidade, transformara-se numa usina, envenenando o límpido rio do engenho pelo mal cheiroso vinhoto. O autor coloca, inclusive, o papel da usina como responsável pelo fim da vida rotineira do campo, onde todos morrem, seja de tristeza, de assassinatos, de enchentes... José Lins, no final da última obra do “ciclo” não deixa de mostrar seu desejo de um retorno ao passado, mostrando a fúria da natureza provocando enchentes devido ao avanço indevido das plantações de cana, ou a chaminé da usina sendo encoberta insistentemente por trepadeiras e outras plantas¹⁷².

O personagem Ricardo apresenta-nos como as práticas legitimadoras de um habitante do meio rural, forte, ativo, trabalhador, perde-se completamente no meio urbano, sendo acusado até mesmo de desordeiro por mais que trabalhasse, ou mesmo de “negro brocha” por uma prostituta. “Moleque Ricardo” foi uma forma encontrada por José Lins para comparar as práticas cotidianas da cidade às do engenho. Vivendo na cidade, Ricardo foi obrigado a adaptar-se aos novos costumes, sofrendo com suas relações com as noivas, com os amigos e com o próprio trabalho. Na cidade, Ricardo ganharia um novo rosto, e seu corpo seria marcado e selado por uma série de novos saberes que passariam a dizer-lhe o que era e o que deveria fazer. Ricardo não conseguiria, assim, escapar a sua sina de “escravo”, sendo constantemente levado pelos acontecimentos da cidade sem ao menos

¹⁷¹ RÊGO, José Lins do. *O Moleque Ricardo*. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. p. 52.

¹⁷² Idem. *Usina*. 13 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

entendê-los ou saber o motivo de sua participação neles. Além disso, com um novo "rosto", com novos olhos, Ricardo nos passa a sua imagem do que é a cidade e seus habitantes. Para cada personagem, o moleque, através dos olhos do autor, cria imagens tristes, magoadas, desesperançosas como as do seu amigo Florêncio e seu sogro Abílio.

A relação do moleque Ricardo com as mulheres também era complexa. Interessante pensar as suas três amantes como um processo de assujeição ao mundo moderno e seus costumes. A sua primeira namorada, Guiomar, era uma servente de um casarão, trabalhando para um conhecido coronel. A vida dessa negrinha era justamente o ir e vir do campo para a cidade e da cidade para o campo, acompanhando o seu patrão. Um conflito de estilos de vida que enlouqueceram Guiomar, levando-a ao suicídio. Ricardo, por sua vez, não entendia o motivo de sua morte.

Além do mais, o namoro reservado e pueril de Ricardo com Guiomar fizera com que sua própria masculinidade fosse contestada pelos amigos. Como se negava a gastar dinheiro com prostitutas, "*começaram a suspeitar da virilidade do negro: - Será que ele está mesmo de tempos acabados?*"¹⁷³. Mas sem Guiomar e infeliz, Ricardo passaria por outra provação da cidade, aceitando um convite dos amigos a fazer uma visita a prostitutas. O encontro frio, feito às "escuras" com uma desconhecida, e até mesmo "higiênica" com a prostituta preocupada com alguma doença venérea que Ricardo pudesse transmitir, fizeram com que ele se sentisse mal naquele espaço, sendo incapaz de manter uma relação sexual. Algo que lhe parecia comum e livre no campo, feito sem culpa, na natureza, com animais ou masturbando-se com amigos do engenho, passara a ser algo obscuro e proibido na cidade, tendo que ser praticado às escondidas. O moleque, inclusive, termina sendo "classificado" de "brocha" pela prostituta, incapaz de manter um ato sexual com ela.

*A rapariga mandou tirar a roupa: "Tira a roupa, meu bem".
Depois veio para ele, vendo se estava com doenças. A mulher com o
corpo branco, um branco amarelado, sem sangue. E na hora não teve
força. Só ouvia a música do café lá embaixo tocando. E grito de*

¹⁷³ RÊGO, José Lins do. *Op. Cit.*; 1970. p. 23.

*gente. O barulho da rua. A mulher então encrespou-se: "Sai daqui, brocha! Moleque brocha".*¹⁷⁴

Mas tempos depois, o moleque terminaria enamorando-se de uma "negrinha travessa", Isaura, que lhe mostraria uma outra forma de relação amorosa. Uma forma sem compromisso que irritava Ricardo e deixava-o atordoado. Não gostava de pensar que era traído por ela, e lembrava-se a todo o instante do próprio exemplo do seu patrão, que possuía uma amante que mantinha financeiramente e que, nem por isso, era fiel a ele: "*Quem sabe se não faria um dia o papel do patrão? Ser corno era o diabo, ficar na mangação do povo*"¹⁷⁵. Seu medo fez com que se afastasse de Isaura, apesar de nunca esquecê-la. Medo de ser novamente "classificado", chamado desta vez de "corno" e, por isso, ter sua virilidade novamente ameaçada.

No carnaval, entretanto, Ricardo conheceu a sua última "fase de adaptação" ao meio urbano: a mulher com que iria casar-se, Odete. Talvez o momento de encontro dos dois tenha uma significação importante para o autor da obra pois, como nos diz Freyre, seria o carnaval uma das festas populares que mais romperia e subverteria a ordem patriarcalista. Numa sociedade "*(...) cheia de repressões, abafos, opressões, o carnaval agiu (...) como meio de se livrarem homens, mulheres, meninos, escravos, negros, indígenas, de opressões que, d'outro modo, a muitos teria sobrecarregado de recalques, de ressentimentos, de fobia*"¹⁷⁶. Era a oportunidade, continua Freyre, dos reprimidos e marginalizados sociais se expandirem dentro de fantasias e máscaras; era a oportunidade dos efeminados se trajarem como mulheres e as mulheres "meio masculinas" se trajarem como homens.

Por outro lado, Odete também seria a própria imagem que José Lins gostaria de dar à cidade: uma pessoa doente, desejosa de mudar-se do bairro sujo e pobre em que vivia, mesmo que para isso tivesse que fazê-lo por interesse – talvez nela possamos perceber o "falso Progresso" que Freyre tanto criticava nas transformações da cidade do Recife. Com ela, Ricardo seria infeliz, gastando seu dinheiro (que havia economizado por tanto tempo para dar uma vida melhor à sua mãe Avelina) para manter a família de Odete num bom

¹⁷⁴ RÊGO, José Lins do. *Op. Cit.*; 1970. p. 150.

¹⁷⁵ Idem. *Op. Cit.*; 1970. p. 75.

¹⁷⁶ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.*; 1981. p. 111.

patamar social, ao mesmo instante que tinha sua vida vigiada pela sogra. Ricardo não conseguia relacionar-se com Odete, cuja doença piorava. Manter relações sexuais com ela era deprimente e ele não escondia sua paixão por Isaura. Não poderia, assim, deixar de amá-la, fazendo às escondidas dos olhos da sogra Ambrósia.

Este seria outro aspecto que José Lins buscava comparar a vida da cidade com o campo. Na vida do campo, as restrições às mulheres seriam mais voláteis, não sendo obrigadas a terem um marido fiel ou que mesmo fossem casadas. Por outro lado, na cidade as classificações das práticas masculinas e femininas não deixavam de passar por todos seus habitantes:

(...) viver como um ladrão pelos quintais dos outros, comendo criada como os malandros. No engenho aquilo não queria dizer nada. Mãe Avelina não tivera marido. E lá quem tinha marido não era melhor do que ela. Ninguém se importava que Mãe Avelina não se tivesse casado. Paria como as outras. As casadas não faziam luxo com ela. Sinhá Ambrósia no entanto falava tanto de rapariga, de mulher perdida. No Recife se reparava muito nestas coisas.¹⁷⁷

Mas se José Lins buscou uma imagem deprimente para a cidade, ela está no personagem Abílio, sogro de Ricardo. História que mostra toda a decadência de um homem conhecido por sua virilidade. Ex-presidiário, assassino por uma simples discussão de rua, Abílio era temido no bairro em que morava. Por sua força e bravura tornara-se o segurança do armazém dos Pessoa, importante família política recifense, protegendo-o à noite de atentados dos seus opositores. E seria numa dessas noites de vigília que Abílio seria atacado por borbistas¹⁷⁸, sendo gravemente ferido e tendo uma perna amputada.

¹⁷⁷ RÊGO, José Lins do. *Op. Cit.*; 1970. p. 167.

¹⁷⁸ Entre 1917 e início dos anos 20 ocorreram, no Recife, violentas greves trabalhistas. Neste período, em 1921, ocorreu a morte do governador José Bezerra, concedendo-se novas eleições disputadas entre José Henrique Carneiro da Cunha (candidato do ex-governador Manoel Borba) e o candidato da família Pessoa de Queiroz, o coronel Eduardo de Lima Castro. Neste cenário de incerteza política eram comuns lutas campais nas ruas do Recife entre os pessoístas e borbistas, havendo políticos como Joaquim Pimenta

O "cabra macho" Abílio "desvirilizou-se", não sendo útil para mais ninguém. Abílio passou a viver envergonhado de si mesmo: "(...) o pobre do Seu Abílio para um canto, sem ação, um homem reduzido a um resto. A coragem dele era uma sombra"¹⁷⁹.

Diante de tamanha tristeza, miséria, mortes e o caos da cidade do Recife nos anos 20, com greves que podiam surgir a todo instante, Ricardo apenas poderia desejar sua volta a um tempo idealizado; um lugar onde tivesse diariamente um lar e comida, sem a pobreza e o trabalho incessante da cidade. Este espaço era, justamente, o engenho Santa Rosa, o lugar da "Idade do Ouro", (re)começo da vida de Ricardo. Mas este sonho não teria retorno... assim como os pássaros de Seu Abílio, o engenho Santa Rosa era apenas mantido por lembranças presas numa gaiola, sendo alimentadas diariamente por um homem que não se adaptava à vida moderna das cidades, do progresso tão almejado por todos. A obra "O Moleque Ricardo" terminaria com seu personagem principal sendo preso entre os grevistas borbistas, sem saber ao menos por quê, mandado para a ilha-prisão de Fernando de Noronha.

Na obra "Usina", José Lins continuaria a narrar a vida de Ricardo e seu desejo de retornar à vida do engenho. Entretanto, preso em Fernando de Noronha, este personagem passaria por mais uma prática "desvirilizante". Tendo como único companheiro de cela o cozinheiro da ilha, Ricardo passaria a conquistá-lo amorosamente. Desta forma ele obtinha regalias que nenhum outro preso possuía na ilha. O cozinheiro, por sua vez, vivia numa culpa interior por manter práticas sexuais com um outro homem. Interessante ressaltar como em nenhum momento José Lins cita explicitamente as práticas homossexuais entre os dois personagens, apenas insinuando suas relações. Inclusive no "Diário de Pernambuco", até os anos 30, não foi encontrado nenhum artigo que relacionasse alguém às práticas homoeróticas.

Saindo um pouco do estado pernambucano, entretanto, podemos encontrar exemplos de homens que mantinham práticas homoeróticas e que poderiam também ter existido no Recife ou outra cidade nordestina. Analisando o diário de um oficial mineiro, o

(criticado na obra "O Moleque Ricardo" através do personagem dr. Pestana) que ganharam importância por defender interesses trabalhistas.

Ver: SOUZA BARROS. *A década de 20 em Pernambuco*. 2^ª ed. Recife: Fundação Joaquim de Cultura da Cidade do Recife, 1985.

¹⁷⁹ RÊGO, José Lins do. *Op. Cit.*; 1970. p. 168.

historiador Luiz Mott nos mostra as experiências homoeróticas deste homem no final do século XIX. Uma representação do masculino tido, até então, como exemplar na história.

O brigadeiro José Vieira Couto de Magalhães doutorou-se em direito na Faculdade do Largo de São Francisco, foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, publicou várias obras (tendo como leitor assíduo o imperador Dom Pedro II), foi presidente das províncias de Goiás, Pará, Mato Grosso e São Paulo e, finalmente, presidente do Clube dos Oficiais Honorários do Exército até sua morte em 1898.

Solteirão assumido, possuindo várias amantes e sendo pai de três filhos, Couto de Magalhães se via infeliz com suas relações heterossexuais. No seu diário íntimo chegou a escrever na língua Tupi, para esconder seus pensamentos criminosos dos leitores mais curiosos, que se excitava mais com os homens. Assume que durante uma viagem a Londres teve uma atração irresistível por um "jovem melancólico". Mas é em trechos do diário, também escritos em Tupi, comentando sobre sonhos que teve com seu escravo Timóteo e amigos que a homossexualidade do brigadeiro do Exército Imperial é clara: "*quero fazer sexo com um mestiço, com um preto... eu quero fazer sexo com Timóteo(...)*"¹⁸⁰.

Em memórias como as escritas por Feitosa também há relatos interessantes sobre uma "feminização" do masculino na cidade de Sousa, sertão da Paraíba. Apesar desta obra remeter às lembranças da autora nos anos quarenta, não podemos deixar de verificar como a identidade sexual de uma criança foi definida agressivamente pela família, levando o próprio "chefe e responsável da família" a culpar-se pelas insistências "desvirlizantes" do filho.

Feitosa comenta sobre a vida de seu irmão apelidado de Bitá, o qual mostrara-se sempre um "*menino frágil e só. Muitas poucas vezes o via brincar com outros meninos. Geralmente os seus companheiros, os seus parceiros, os seus amigos, eram todos pessoas invisíveis, habitantes de um povoado somente possível na sua fantasia*"¹⁸¹. Bitá relacionava-se bem apenas com mulheres. Desde pequeno, nos conta Feitosa, seu irmão possuía comportamentos "*destoantes do sexo masculino*". De nada adiantavam os conselhos das mulheres mais velhas: "*menino que brinca de boneca vira mulher, cai o pintinho*", pois gostava desses brinquedos ou de ser "dona-de-casa" nas brincadeiras com as meninas.

¹⁸⁰ MOTT, Luiz. *Sonhos de um brigadeiro*. Caderno Especial – Jornal de Resenhas, 1998.

¹⁸¹ FEITOSA, Z A. *Mulher macho sim, senhor*. São Paulo: Cortez Editora, 1980. p. 13.

A autora afirma que Bitá não se importava com o que se dizia dele. E mesmo vivenciando a fúria de seu pai diariamente, Bitá não deixava de surpreendê-lo. Feitosa narra que um dos desejos de seu irmão foi justamente participar da festa religiosa de coroação da Nossa Senhora da Conceição, espaço de visibilidade principalmente feminino:

Um dia, surpreendi Dona Lurdinha, sempre encarregada das cerimônias da paróquia, pedindo a minha mãe para eu coroar, em nome dos paroquianos, a Santa.

Fiquei contente e corri para contar ao Bitá. (...) Ele ficou contente e logo quis que eu dividisse a oportunidade com ele. Não conseguiria convencê-lo, se não apelasse para os argumentos típicos do meu pai:

– Isto não é coisa para homem, Bitá. Você não se enxerga? Usei com muita propriedade a linguagem do meu pai. Magoei o Bitá.¹⁸²

Quando jovem, conta-nos a autora, Bitá começou a ter sérios problemas de relacionamento com o pai, um homem “fraco ou duro, [que] desconhecia o meio termo. Seu radicalismo, cada vez mais, o privava de um comportamento equilibrado”¹⁸³. Pai que se descontrolou principalmente quando Bitá decidiu aprender a tocar piano. E é justamente numa discussão sobre uma prática de feminização do masculino na região, como o aprender música, que mostra o quanto um modelo de homem, por mais fático que pudesse parecer, escapa aos rígidos códigos de controle da sexualidade:

O Bitá sonhava com um piano igualzinho ao de Dona Mimosa (...). – Isto não é coisa de homem! – retrucou, quando fui reinterceder para que ele deixasse o Bitá receber aulas de piano. (...) Todas as expressões

¹⁸² FEITOSA, Z A. *Op. Cit.*; 1980. p. 24.

¹⁸³ *Idem; ibidem*; p. 21.

artísticas eram próprias para mulheres que não tinham nada mais sério com o que se ocupar.

– (...) *Cuide dos seus filhos, Dona Mimosa e deixe que dos meus filhos cuide eu e à minha moda. Depois não é seu filho que vão chamar de maricas. Filhos dos outros podem ser o que quiserem. Mas meu filho vai ser o que eu quiser. Filho meu vai ser homem no duro.*

– *Não é com aula de piano que diminui a macheza de seu filho, “seu” Pedro. O senhor está querendo ver as coisas de maneira radical. O filho de “seu” Jamil, nunca tomou aula de piano comigo, só fazia trabalho de macho. Vivia escanchando em um cavalo de sol a lua. E foi bastante macho para não negar ao pai que tinha estado de “coisa” com o filho de Dona Amerita, como também gostava muito dele e por isso ia embora. Não é com exercícios de dureza que se faz de um menino um homem. Ser macho não é ser homem. Macho todo animal é, mas homem alguns poucos conseguem ser...*¹⁸⁴

Apesar da sociedade imbuir-lhe um lugar pré-definido para seus comportamentos de “homem”, Bitá rompia com tais modelos de subjetividade ao preferir brincar com bonecas, varrer a casa ou insistir em ter lições de piano. Quando Bitá é descoberto por seu pai, descobre-se o medo deste homem agressivo ter seu filho considerado como um “maricas”. “Seu” Pedro não aceitava que a masculinidade de Bitá fosse posta em questão, já que isto implicaria no questionamento de suas próprias práticas. Numa das surras dadas ao Bitá, sua mãe interfere para o desespero do agressor: “*Se você acha que ele é ruim, puna primeiro a sua própria ruindade, ele é o que herdou de você (...)*”¹⁸⁵.

Num momento em que uma masculinidade, tida como típica de uma região, estava constantemente sendo posta em questão através das práticas cidadinas, manter ou reforçar atitudes como a de “seu” Pedro, homem do sertão paraibano, era um meio de manter territórios subjetivos de uma região e seu habitante. Por isso o pai de Bitá jamais aceitou

¹⁸⁴ FEITOSA, Z. A. *Op. Cit.*; 1980. pp. 48-49.

¹⁸⁵ *Idem; ibidem*; p. 80.

qualquer atitude destoante das práticas masculinas, devendo o garoto ser corrigido através de furiosos castigos:

– *Ou vive para ser homem ou morre para não me matar de vergonha*
– *grunhiu meu pai às lapadas.*

E de pancada em bofete meu pai impunha a imagem da violência,
ligando à imagem do macho.¹⁸⁶

O personagem Ricardo, da mesma forma, à medida que desterritorializava-se do mundo conhecido dos engenhos, passava a ganhar uma série de denominações na cidade: o “brocha”, o “corno”, o “covarde” e, de forma menos implícita na obra, mantenedor de práticas homossexuais, fazendo “coisa” com o cozinheiro. Ricardo deixara de representar a sua terra, apesar de seu arrependimento de abandoná-la. E homens desvirilizados num mundo que se dizia afeminar era o que menos se desejava para manter intacta a idéia de uma “tradição regional”.

¹⁸⁶ FEITOSA, Z A. *Op. Cit.*; 1980. p. 62.

Capítulo 3

Mulheres no mando, espaços em conflito: discursos recifenses sobre as práticas femininas

Lutamos com entidades imaginárias, vestígios do passado ou fantasmas engendrados por nós mesmos. Esses fantasmas e vestígios são reais, ao menos para nós. Sua realidade é de uma espécie sutil e atroz, porque é uma realidade fantasmagórica. São intocáveis e invencíveis, pois não estão fora de nós, e sim dentro de nós mesmos.

Octavio Paz

Numa região em elaboração discutida pelos regionalistas e políticos recifenses do início do século XX, aceitar o domínio feminino nos engenhos, a moda dos grandes centros urbanos – onde mulheres poderiam vestir-se com calças ou camisas de gola –, usar cabelos curtos ou mesmo fumar, comprometia toda a defesa falocêntrica para a representação do nordestino. As novas práticas femininas vieram a servir, assim, como exemplo para os “maus costumes” que deveriam ser evitados.

O modelo essencialista do nordestino vinha e vem constantemente sendo redefinido pelas próprias atitudes masculinas e femininas. As mulheres, a cada década, ocupam novos espaços considerados sempre como característicos dos homens, terminando por problematizar e remodelar valores masculinos. Nesta relação, homens e mulheres continuam a criar estratégias discursivas capazes de provocar desterritorializações subjetivas, elaborando conseqüentemente novos sujeitos históricos.

Nestas constantes mudanças de relações de gênero, em que mulheres e homens passaram a se definir por inúmeras práticas impossíveis de serem classificadas em sua totalidade por discursos médicos, jurídicos, políticos, entre tantos outros, o “homem do nordeste” também se reconstituiu produzindo saberes ainda legitimadores de práticas

extremamente masculinizadas. Dentro de um mundo “moderno e civilizado” dos centros urbanos, a representação do nordestino persistiu como um homem que reage às mudanças e suas crises.

No começo do século XX, a modernidade anunciava uma crise de identidade para o masculino e o feminino. Uma crise que acentua discursos misóginos há muito estabelecidos¹⁸⁷. Nesta relação onde homens se vigiam entre si, desconfiando e temendo cada prática que mantêm entre eles, as práticas femininas constituem-se como um dos principais fatores de desterritorialização do lugar do masculino e reelaboração do feminino. E são as novas práticas femininas, formas de resistência nesta relação de poder entre homens e mulheres, que mostra uma outra forma para se compreender a construção histórica do “nordestino” e os medos de uma crise da masculinidade. Referindo-se às reflexões sobre a questão de gênero desenvolvidas por Elisabeth Badinter, Maria Bernardete nos lembra que “*longe de ser pensada como um absoluto, a masculinidade atribuída ao homem é relativa e reativa. Tanto é que quando a feminilidade muda – em geral, quando as mulheres querem definir sua identidade –, a masculinidade se desestabiliza também*”¹⁸⁸.

Os discursos presentes em jornais, romances, memórias entre tantos outros, nos mostram versões do cotidiano da época que nos permite perceber a existência de processos históricos diferentes e simultâneos que compõem a trama histórica. Da mesma forma, permite-nos abrir um leque de possibilidades de focos de reflexão, incorporando à análise um universo de tensões e movimento com toda uma potencialidade de confrontos, deixando entrever um mundo onde se multiplicam formas peculiares de resistência-luta, integração-diferenciação, permanência-transformação, onde a mudança não está excluída, mas sim vivenciada de diferentes formas¹⁸⁹.

¹⁸⁷ CIPRIANO, Maria do Socorro. *A adúltera no território da infidelidade: Paraíba nas décadas de 20 e 30 do século XX*. Campinas, UNICAMP, 2002. (Dissertação de Mestrado em História).

¹⁸⁸ FLORES, Maria Bernardete Ramos. *O Retorno de Adão e Eva*. Campinas, Unicamp, 2002. (mimeografado).

¹⁸⁹ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 26.

1. O espírito do mundanismo: barbeiras, prostitutas, adúlteras... e a casa?

Através dos discursos dos homens que presenciavam o crescimento urbano do Recife, nota-se o grande medo com um nivelamento social cada vez maior das mulheres em relação a eles. Para regionalistas como Annibal Fernandes, pasmados com esse desfile feminino na sociedade recifense, as mulheres apenas estariam querendo chamar exageradamente a atenção.

*Uma cousa que se nota numa sociedade pequena como esta do Recife, é o espírito do mundanismo, a preocupação absorvente do luxo, a idéa que se vae pouco a pouco infiltrando de que o primeiro ideal da mulher é chamar a atenção! E não há mãos a medir. Eu não quero exagerar, nem aspiro a moralista. Mas basta que o leitor preste atenção e lance um olhar para a sociedade que desfila. Não parece que é demasiado?*¹⁹⁰

O “espírito do mundanismo” atingia o Brasil com sua modernização. Com ela, modificava-se não apenas as características urbanas, mas todo um conjunto de práticas sociais que ganhavam novos códigos de regulamentação e policiamento. Este nivelamento social era mais ameaçador à medida que começava a atingir a instituição que era nuclear na ordem social: a família. “*O fim da sociedade dita patriarcal significava um progressivo enfraquecimento do sentimento de solidariedade de família, que tendia a ser substituído por um crescente individualismo (...). As mulheres exerciam um papel decisivo na preservação desta instituição e, para isso, era fundamental, não só respeitar a distribuição e hierarquia tradicional de papéis, que este implicaria, como era necessário que a mulher se preparasse, se educasse, para exercer o papel de mãe e educadora dentro de um mundo em transformação*”¹⁹¹.

¹⁹⁰ FERNANDES, Annibal. *De uns e de outros...*, Recife, Diário de Pernambuco; 8 de outubro de 1919, p.3,c.3.

¹⁹¹ ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do “falo”*: uma história do gênero masculino no Brasil (1930 – 1970). Campina Grande, UFPB- Campus II, 2000. (mimeografado).

A família tornava-se um dos centros das preocupações sociais, tendo ao seu lado o discurso médico tratando de “higienizá-la”, prescrevendo normas principalmente para a mulher e para a criança. Constituía-se, então, a ideologia da domesticidade que afirmava ser a mulher a responsável pelo lar e pela família, buscando convencê-la de que a maternidade era a sua vocação natural. Enfatizava-se a valorização do casamento higiênico que garantiria o êxito das relações familiares e a saúde do corpo social¹⁹².

Para o desespero de Annibal Fernandes, as mulheres brasileiras antes enclausuradas ao espaço doméstico, ganhavam o espaço público no século XX, chegando inclusive a escrever artigos para jornais ou lutar por uma participação na política. No Recife, artigos do “Diário” comentavam, antes mesmo do estopim da guerra, sobre os avanços da mulher na vida pública, fossem como médicas, dentistas, advogadas, agentes dos correios, caixeiras, operárias. Até mesmo “barbeiras” haveriam de existir um dia, dizia-se ironicamente na coluna semanal *Notas*, “(...) *que deve ser uma coisa muito arriscada para a segurança de nossos queixos*”. Mas o pior estaria na ameaça dos “bons costumes femininos”, reproduzidos na família, e o perigo de concorrência com os homens no trabalho (os quais já estariam sofrendo com a maquinização):

Nada há cousa mais difficil do que encontrar hoje uma ama capaz, porque todas preferem a liberdade das fabricas, como ellas a comprehendem, á disciplina respeitadora das casas de familias.

(...) O que restará ao homem?

*Talvez somente o triste recurso de servir de ama secca, enquanto se não inventa por ahí algum aparelho electrico que dispensa até nesse papel a nossa actividade.*¹⁹³

Segundo Cipriano, a figura da mulher emergiu como agenciadora do desequilíbrio entre os sexos trazendo o medo masculino da substituição de uma sociedade do patriarcado

¹⁹² CIPRIANO, Maria do Socorro. *Op. Cit.*; 2002.

¹⁹³ *Notas*, Recife, Diário de Pernambuco; 7 de fevereiro de 1910, p. 1, c. 6.

por uma do matriarcado. A criação de um mundo invertido¹⁹⁴. Esta "liberdade" feminina dava às mulheres novos lugares sociais, mas que não deixavam de submetê-las, também, a novas ou reformuladas obrigações. Uma delas estava justamente no lugar já cristalizado da casa, onde a mulher passava a ter uma função de "senhora da família", responsável pela educação dos filhos. Para os discursos masculinos, caberia à mulher "(...) *a parte mais delicada e de maior responsabilidade, de onde decorre a superioridade de sua missão no lar doméstico*". Lugar onde a mulher ensinaria aos filhos os "(...) *primeiros rendimentos da moral doméstica e os bons costumes, verdadeiro salvo conduto para o ingresso na vida prática*"¹⁹⁵.

Também nas primeiras décadas do século XX, nos diz Cipriano, os discursos masculinos na Paraíba, estado limítrofe a Pernambuco, apontaram um lugar honrado para a mulher: o casamento higiênico. Este seria balizado por uma educação para a maternidade e por um novo sentido para a infância. Uma proposta de união conjugal, pautada em modelos higiênicos emergia como a solução viável para evitar as práticas femininas consideradas de "maus costumes".

Para manter um domínio sobre o público, discursos masculinos e femininos continuavam a defender para as mulheres o dever de ser fiel ao marido e servi-lo em casa sempre quando necessário. Uma nova imagem de mulher como economista do lar, boa dona-de-casa e educadora dos filhos eram trazidas por novos códigos sociais. Características feminilizadas e reforçadas que vinham contrapor-se à "moderna imagem" criada da melindrosa, que "(...) *não sabe fazer um prato, é incapaz de arranjar uma omelete, e tem horror ao choro dos recém nascidos*"¹⁹⁶.

As próprias mulheres viam as melindrosas com desconfiança por se sentirem ameaçadas, nos diz Cipriano em seu estudo sobre as codificações das práticas de adultério feminino na Paraíba no começo do século XX. As mulheres "de bem" presenciavam novas concepções estéticas que abriam brechas nas antigas normas. Muitos homens, apesar de criticarem essas novas figuras, não deixavam também de vislumbrar um "colorido exuberante" presente nas roupas ousadas. "*Esse modo de vestir implicava, também, na*

¹⁹⁴ CIPRIANO, Maria do Socorro. *Op. Cit.*; 2002.

¹⁹⁵ NEMO (pseudônimo). *A família e a sociedade*. Recife, Diário de Pernambuco; 1903, p. 1, c. 8.

¹⁹⁶ FERNANDES, Annibal. *De uns e de outros...*, Recife, Diário de Pernambuco; 8 de outubro de 1919, p.3,c.3.

ousadia de viver novos códigos morais e novas formas de relações amorosas: nos namoros rápidos, nos flerts descompromissados dos bailes, no comportamento que expunham nos cinemas e nas praças.”¹⁹⁷

Renata Thereza Cunha, em seu trabalho sobre práticas libertinas femininas na cidade de Curitiba, também no início do século XX, apresentou como imagens de mulheres modernas chamaram a atenção dos homens, propiciando críticas e seguidoras. Mesmo que de forma sutil, a feminização na cultura terminou reelaborando os parâmetros masculinos edificadores da nossa cultura. As “mulheres públicas”, nos diz Cunha “(...)desafiaram códigos, driblaram leis, conquistaram os seus espaços e seus amores, criando a sua própria lógica e invertendo idéias dominantes”¹⁹⁸.

Em Pernambuco, as discussões sobre as práticas femininas eram constantes. Em 1913 chegou a ser publicado num rincão da primeira página do “Diário” aquilo que seria a mulher perfeita para os europeus:

*Ella deve parecer-se como um caracol, que não deixa a sua casa;
Ao echo, que não fala senão quando a interrogam, mas não deve,
como o echo, procurar ter sempre a ultima palavra;
E deve ser de uma regularidade perfeita, tal como o relógio da
cidade.*¹⁹⁹

Anos depois lia-se no Recife os “dez mandamentos” para se identificar o oposto da mulher perfeita e evitar tais práticas. Este artigo mostra justamente o discurso masculino para uma representação de “mulher ideal”, submissa e destinada aos caprichos dos homens:

¹⁹⁷ CIPRIANO, Maria do Socorro. *Op. Cit.*; 2002. p.103.

¹⁹⁸ CUNHA, Renata Thereza Fagundes. *A feminização da cultura: Curitiba, 1890 – 1930*. Campinas, UNICAMP, 2001. (Dissertação de Mestrado em História). p. 3.

¹⁹⁹ *A mulher perfeita*. Recife, Diário de Pernambuco, 19 de maio de 1913, p. 1, c. 3. (sem autor).

- 1 – *Sé sempre bem honrada. Um sorriso amável conquista um marido, pois nenhum homem gosta de ver a sua mulher aborrecida.*
- 2 – *Irradie simpatia. Use vestidos que se adaptem ao teu typo e usa todo o artifício que se embelleze.*
- 3 – *Interessa-te pelos assuntos de teu marido. Sé sempre uma ouvinte attenciosa e intelligente.*
- 4 – *Não enganes. Visto que te podes casar apenas com um homem... não tenha mais de um noivo... de cada vez.*
- 5 – *Evita as disputas pois dellas nascem os desrespeitos mutuos.*
- 6 – *Sé franca. Não tenhas receio de confessar que amas teu marido.*
- 7 – *Cultiva a benevolência, a submissão e a camaradagem.*
- 8 – *Não escondas do teu marido o teu passado para que possas ter um futuro feliz.*
- 9 – *Sé sempre disposta para os divertimentos. A maioria dos homens gosta de sair á noite.*
- 10 – *Sé cordata. Se queres que teu marido respeite teus desejos respeita os delles também.*²⁰⁰

Além da crítica às mulheres melindrosas, demonstrava-se o desejo masculino daquele que espera a confiança e os bons tratos da sua mulher. As mulheres deveriam ser, assim, compreensíveis, mesmo conhecendo “o gosto de sair à noite” dos homens. As “qualidades das “rainhas do lar” de “(...) entendimento para detalhar, discernimento para dirigir, energia para corrigir, calma para providenciar, perspicácia para prevenir, docilidade para não irritar, atividade para fiscalizar, paciência para esperar” se contraporiam à melindrosa distante de sua “(...) natureza para direção material e moral do lar”²⁰¹. A melindrosa, por sua vez, conheceria todos os artifícios para conquistar seu

²⁰⁰ *O decalogo da melindrosa*. Recife, Diário de Pernambuco, 7 de novembro de 1926, p. 7, c. 3. (sem autor).
²⁰¹ NEMO (pseudônimo). *A família e a sociedade*. Recife, Diário de Pernambuco; 1903, p. 1, c. 8.

homem (assim como outros), além de informar insistentemente ao seu marido a obrigação dele também respeitar os seus desejos.

Nos Estados Unidos, para contentamento de um articulista anônimo do “Diário”, um milionário estaria decidido a criar uma universidade feminina, onde se ensinariam principalmente os deveres matrimoniais. A conclusão do articulista não é muito difícil de prever, reclamando sobre o que chama de “*uma educação moderna que tende a fazer da mulher um quase homem (...). A culpa seria (...) do século, deste século em que as mulheres avançam, destemidas, pela conquista de uma masculinização efetivamente ridícula*”²⁰².

Para o desespero de conservadores recifenses, o ideal também seria a construção de “Escolas Domésticas” como a já existente no Rio Grande do Norte, antes que a “escola das melindrosas” se proliferasse ainda mais no Recife. A melindrosa mais do que uma “mundana”, resultado das “novidades modernas”, era uma forma de questionamento e ameaça às práticas masculinas. Para isso, nada mais importante para os homens que a proliferação de escolas femininas para que as mulheres se sujeitassem a idéia, como informa artigo do “Diário” sobre o ensino na França, que “*(...) se a nação vale o que vale a família, a família por sua vez vale o que vale a mulher. O pai é o chefe e a mulher é a base. É ela a providência ou a ruína do lar, seu anjo da guarda ou seu mau gênio; é ela (...) quem faz ou desfaz a casa*”²⁰³. E poderíamos completar este ciclo: seria ela, também, quem poderia desfazer a nação!

Entretanto, esta tênue linha entre a rainha do lar “constituente de uma nação” e o fantasma dos “maus costumes” poderia romper-se mesmo para aquelas que desejavam manter os padrões sociais da época.

Margareth Rago nos mostra como na São Paulo de meados do século XIX, momento de forte urbanização da cidade, se deu uma construção imagético-discursiva das prostitutas através dos discursos médico-jurídicos, de criminologistas, literatos, jornalistas, entre outros. Rígidos códigos sociais eram estabelecidos para a família nuclear burguesa que emergia nas grandes cidades e, dentro das transformações sociais que ocorriam nessa época, a mulher e seus “atributos femininos” (dona-de-casa, boa mãe e esposa) tiveram como principal contraponto a imagem da prostituta²⁰⁴.

²⁰² *Uma proposta curiosa*. Recife, Diário de Pernambuco, 17 de dezembro de 1926, p. 3, c. 2. (sem autor).

²⁰³ *Ensino domestico*. Recife, Diário de Pernambuco, 30 de março de 1914, p. 2, c. 3. (sem autor).

²⁰⁴ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

Na cidade de São Paulo, na década de 1920, os discursos de feministas, médicos e juristas advertiam o perigo de identificação de uma “moça de família” com uma “mulher da vida”. O desejo de feministas de ingressarem na esfera pública sem se identificarem com as “mulheres alegres” levaram-nas a reclamar de práticas femininas. Práticas que não eram distintas daquelas mantidas por muitas mulheres no Recife:

Como exigir o respeito que se deve as mulheres honestas se nos vestimos como as betáiras, se fumamos como fumam as favoritas dos baréns, se nos enchampanhamos como as marafonas, se nos debruçamos aos ombros dos homens como o fazem as chinas embriagadas, e se chegamos – já se chegou a isso! – a fazer, a apregoar, no “grande mundo”, as célebres farras!... Felizmente que esse fenómeno, se nos atingiu, foi só nas grandes cidades, e ainda nestas, apenas numa certa sociedade desnacionalizada, de tipos que se envergonham de ser brasileiros (...).²⁰⁵

Assim como os “maus costumes” significavam aos intelectuais recifenses um medo nebuloso, também existiam os “fantasmas” que poderiam vir à tona do corpo feminino. Mistérios que, segundo os discursos médicos, habitariam a sexualidade de todas as mulheres. Por isso haveria-se que vigiar as práticas femininas e temer as suas novas atitudes.

Entre as imagens que terminaram sendo criadas para a prostituta, pode-se destacar a “mulher-rebelde” que se prostituiria para desafiar os códigos morais dominantes. A prostituição no final do século XIX em São Paulo é um mecanismo de fuga de novos códigos normativos que estavam se instituindo. Era uma forma de liberação dos costumes da sociedade, de rompimento com a tradição, multiplicidade de novas práticas sexuais e, claro, uma ameaça de subversão aos códigos de comportamento estabelecidos. A prostituição era a fuga da vida familiar, da disciplina do trabalho.

²⁰⁵ RAGO, Margareth. *Op. Cit.*; 1991, p. 76.

Da mesma forma, a imagem da prostituta significava uma ameaça à família e as instituições, pois se temia que elas pudessem levar homens e rapazes à perdição... até mesmo jovens religiosos. Foi o caso, acompanhado pelo “Diário”, de Franklin, aspirante a sacerdote que se viu apaixonado por uma “mundana” apelidada de “Santa Caxangá” durante suas férias na cidade dos pais. Abandonou o seminário, “*mudou de gênio, de vocação e de idéias, arrastado pela voragem dessa vergonhosa paixão. Não voltou mais para o seminário e começou a vida licenciosa*”²⁰⁶. Depois de dias enganando os pais e extorquindo dinheiro, o rapaz terminou sendo preso pela polícia na Parahyba do Norte. Tal acontecimento não deixou de servir de exemplo nas páginas do jornal para os demais rapazes à cata de mulheres mundanas: “*E aos outros, rapazes que pouco conhecem a vida airada, aproveitem a lição sempre mais benigna, quando alheia*”²⁰⁷.

Como nos diz Rago, prostituir-se era como ser de todos e de ninguém exclusivamente. “*No território do prazer, vivem-se possibilidades de perda da identidade na relação sexual, de desterritorialização subjetiva, ao inverterem-se papéis e dramatizarem-se situações, abrindo-se espaço à manifestação de ‘pulsões irreprimíveis’ que não podem se realizar na relação conjugal normalizada*”²⁰⁸.

Buscando escapar das formas pré-estabelecidas das relações conjugais no começo do século XX, as mulheres muitas vezes não escapavam da violência masculina, fosse física ou simbólica, denominada como “mundana”, “prostituta” ou “adúltera”. Mesmo surrada, agredida, baleada, a mulher se via obrigada a conceder o erro de sua atitude perante o marido agressor. Dona Zilah Valle, senhora do tenente Paulo da Silva e Valle, foi uma destas mulheres que buscaram escapar à norma. Descoberta pelo marido, nega o adultério e, até mesmo, o propósito do tiro com que o marido a feriu mortalmente. Teria sido, segundo ela, apenas um acidente. Dias depois, em seu leito de morte, termina por confessar sua prática de adultério, assim como declara que seu marido estava certo ao tentar mata-la²⁰⁹. Atitudes femininas como estas eram tidas como criminosas, sendo a mulher considerada uma delinqüente social. Isto estaria ocorrendo, segundo artigo do “Diário”

²⁰⁶ *Caso de Sedução. Uma família afflicta*. Recife, Diário de Pernambuco, 05 de maio de 1905, p. 1, c. 6. (sem autor).

²⁰⁷ *Caso de Sedução*. Recife, Diário de Pernambuco, 09 de maio de 1905, p. 1, c. 2. (sem autor).

²⁰⁸ RAGO, Margareth. *Op. Cit.*; 1991. p. 103.

²⁰⁹ *Telegrammas. Tentou assassinar a esposa*. Recife, Diário de Pernambuco, 24 de agosto de 1926, p. 1, c.4.; 25 de agosto de 1926, p. 1, c.4. *Esclarece-se um crime*. Recife, Diário de Pernambuco, 26 de agosto de 1926, p. 1, c. 3

apresentando processos jurídicos de crimes cometidos por mulheres na Europa, devido a uma aproximação cada vez maior dos sexos. E, novamente, tudo estaria nos problemas causados pelos avanços do feminismo. As coisas apenas não estariam piores, afirma-se no artigo, devido à *"fraqueza física e inteligência acanhada"* das mulheres²¹⁰.

Segundo Cipriano, o conceito de adultério foi elaborado a partir de uma intertextualidade fundada principalmente na moralidade. *"O campo discursivo para a prática do adultério parece, então, se ampliar no sentido de tentar criar uma visibilidade social. A partir da multiplicidade de falas sobre as mulheres adúlteras, cotidianamente, cria-se constantemente um tecido lingüístico que dá forma à mulher adúltera. Mas, não será uma criação de falas soltas e desordenadas na sociedade, fora do tempo e espaço, pois como um intertexto é acionado, ao mesmo tempo, um lugar discursivo já existente no social, carregado de (pre)conceito também é"*²¹¹. O uso da linguagem sobre a prática do adultério, sendo re-atualizada no processo-crime, implicou numa vontade de dizer mais e melhor sobre os desvios do casamento vindo aumentar a gravidade da transgressão feminina.

Principalmente a partir da década de 1920 na Paraíba, passaria a haver uma interferência maior dos médicos-higienistas diante das relações sexuais e, portanto, na própria prática do adultério. Uma nova tentativa de disciplinar o corpo através de novos dizeres sobre o comportamento social. *"Ao se intensificarem as relações tidas como ilícitas a partir das práticas sexuais define-se, a partir de imagens contrapostas, o lugar maculado do amor e do casamento versus o adultério, como o seu oposto, destruidor do casamento e da família"*²¹². O adultério, além de desonrar o marido também acarretaria a desmoralização de toda a sociedade.

Continuando com os estudos de Cipriano, o adultério, ligado à ascensão do papel da mulher na sociedade esteve relacionado a um medo da perda de autoridade masculina, face ao possível desmontar das antigas relações familiares. Práticas femininas capazes de tomar o bastão de comando dos homens e reinventar novos "usos" para ele...

²¹⁰ *A mulher delinqüente*. Recife, Diário de Pernambuco, 13 de abril de 1919, p. 1, c.4.

²¹¹ CIPRIANO, Maria do Socorro. *Op. Cit.*; 2002. p. 146.

²¹² *Idem; ibidem*; p. 34.

2. “*A Bengala da Madame Z.*”: o bastão muda de mãos

Num mundo construído no masculino, as mulheres para ocuparem espaços de maior visibilidade passavam também a reivindicar lugares antes mantidos apenas por homens. Os simples gestos femininos masculinizados, seus novos trajes nas “cidades modernas”, a negação da mulher em reproduzir práticas femininas tidas como “tradicionais” numa região que seria ainda “bruta” e “original”, segundo os discursos regionalistas, levaram os homens a temerem sua própria desvirilização social.

Através das páginas do “Diário de Pernambuco” percebe-se como as mulheres cada vez mais ganhavam um espaço público para expor suas atitudes. Tais artigos não se limitavam apenas a apreciar a moda importada dos Estados Unidos e da Europa, sendo comum críticas ferrenhas às drásticas mudanças femininas como o corte *a la garçon* ou o uso de vestimentas excessivamente masculinizadas.

Segundo Freyre, a moda feminina, com toques de masculinização, teria ocorrido em grande medida pelo impacto da Primeira Guerra Mundial e a glorificação de heróis masculinos norte-americanos e europeus. Assim, a glorificação pelo masculino teria “masculinizado” as modas femininas como também os seus modos, o que trouxe uma nova concepção de feminilidade que aproximava as novas mulheres com atitudes antes tidas como estritamente masculinas. Concepção que foi bastante combatida pela elite recifense.

Para Freyre, a nova feminilidade que se desejava estabelecer na sociedade patriarcal correspondeu também “(...) a uma nova ética de relações entre os sexos e, mais do que isso, a uma nova moralidade relativa a comportamentos sexuais (...) e a tendências para admitir-se (...) maior independência da mulher”²¹³. Tendência que terminaram por provocar crises profundas, continua Freyre, na organização moral das sociedades devido à perda do controle sobre as práticas femininas.

Em artigo publicado no “Diário”, um articulista que preferiu não se identificar mostra o surgimento nas ruas do Recife de novas mulheres. Mulheres que, para ele, são assexuadas, mostrando-se excessivamente com comportamentos masculinos: as vestes, a pressa, a postura corporal, a falta de curiosidade de parar um pouco e colocar-se a ver vitrines:

²¹³ FREYRE, Gilberto. *Modos de Homem & Modas de Mulher*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 21.

*Apertado o corpo num "robe-man teaux", talhado á masculina, um vulgar chapeózinho sobre os cabellos cortados, e uma enorme carteira sob os braços, passa um vulto. É de um homem? De uma mulher? Ninguém sabe dizê-lo. Seu andar cabido faz imaginar que vae á Bolsa ou a uma reunião politica e, logicamente, deduz-se que é um homem. E, no entanto, é uma mulher... Uma representante do bello e fragil sexo, que exageradamente vestida como um homem adopta suas maneiras, seus habitos, seus quês os mais insupportaveis. Anda bruscamente, nem sequer lança um pequeno olhar ao que deve interessar o seu espirito feminino. Os mostruarios de modas não a attrahem, nem sequer os mais encantadores. As "toilettes", todas, não a encantam. Contentam-se com o chapeózinho vulgar, a roupa talhada, sempre as mesmas e os sapatões. Insensível, passa sem cansaço, sem parar um instante. Que procura? A onde vae? Causa dó; é um ser que perdeu seu sexo; absurdo, que não tem seu logar na vida.*²¹⁴

De forma irônica, ele continuaria no mesmo artigo a sua crítica às práticas femininas que para ele não levariam a lugar algum, mostrando como as gerações futuras nem sequer saberiam diferenciar o pai da mãe, de tão mudadas que estariam as atitudes femininas.

*Será vaidade andar também igual aos homens? Que se dirá nas gerações futuras, dessa nossa moda, que por certo se traduzirá até ellas pelos desenhos, caricaturas, charges, etc.? Que se dirá? Ou, quem sabe, se se não remediar o mal, ellas serão peores? Imagine-se (...) uma mãe amamentando o filho, com um cigarro na bocca. Julgará o petiz que é o pae quem o nutre. Que equivoco! Chegaremos ao ponto dos proprios filhos confundirem os paes!*²¹⁵

²¹⁴ Como a mulher perdeu seu encanto. Recife, Diário de Pernambuco, 7 de Novembro de 1925, p. 47, c.5.

²¹⁵ Idem; ibidem.

Anos antes, no mesmo jornal pernambucano, o articulista Julio Dantas exprimiria cinicamente, em 1919, que a moda feminina estaria tanto excessivamente masculinizada como demais audaciosa, exacerbando o corpo das mulheres.

(...) [a moda] tem sido sempre desde 1914, accentuadamente garçoniere, audaciosamente masculina - e, quando se resolve afeminisar-se, fal-o com um paroxismo doentio e com uma insolencia visinha da imprudencia.²¹⁶

A moda incomodava porque significava mudança social, mudança na própria natureza do “masculino” e do “feminino”. Enquanto signo da modernidade, a moda incorporava a mulher moderna e significava a própria desfaçatez, o falseamento de suas condutas, a fragmentação dos sentimentos²¹⁷.

Mas o pior para estes recifenses estaria na insistência de algumas mulheres em desejarem imitar os homens em seus gestos e trajes e, pior, no uso de certos objetos. Quando este mesmo articulista passa a comentar sobre uma bela mulher que viu em uma animada festa, afirma angustiado que “(...) tudo nela era masculino: o vestido alfaiate (...); os gestos, de um à vontade, de um desembaraço de rapaz, linhas retas, ângulos agudos, movimentos largos (...); o cigarro, que ela fumava com a convicção de um homem, saboreando o tabaco”. Mesmo assim, movido pela curiosidade (e pelo fascínio) ele decide segui-la pelo salão, tendo dificuldades já que ela não mantinha os típicos passinhos curtos de “oito e dez anos atrás”, tal como andariam as mulheres:

Madame Z. marchava em passos rythimicos, ondulantes, elegantes, – mas sólidos, largos, firmes, empunhando uma bengala de homem, não com a graciosa feminilidade com que Diana de Poitiers se apoiava ao seu guarda-

²¹⁶ DANTAS, Julio. *A Bengala de Mme. Z.*, Recife, Diário de Pernambuco, 14 de Dezembro de 1919, p. 4, c. 1.

²¹⁷ CIPRIANO, Maria do Socorro. *Op. Cit.*; 2002.

*sol côr-de-rosa, mas decerto com a viril firmeza com que um jockey brande o seu "stick". Aquella bengala, nas mãos finas d'essa rapariga loira – eu senti-o no olhar brilhante de todos os homens que passavam – tinha mil vezes mais encantos do que todos os léques d'este mundo. Já não era o bastão fragil (...); era o bastão de commando, a vara de justiça (...) propõe dirigir-nos e governar-nos a todos.*²¹⁸

A bengala, objeto maior, fático, imponente que, segundo Gilberto Freyre, costumava acompanhar até meados do século XIX os senhores de engenho em suas andanças no Brasil e exterior, estava sendo "tomada". A bengala "era como se fosse um cetro de homem branco e senhoril. (...) Nenhum senhor digno desse nome deixava-se despojar de sua bengala (...). Os cabos, de ouro ou de marfim. E muitos deles simbólicos de autoridade e de poder: cabeças de leão, de águia, de tigre, de serpente, de dragão"²¹⁹. Sendo antes estritamente proibido tocar na bengala de um senhor, principalmente se fossem mãos de negros, escravos ou mulheres, agora ela estava sendo erguida por novas mulheres que fascinavam aos homens por escaparem ao padrão social dos bons costumes.

A bengala, além de ser sinônimo de *status* significava um lugar de poder do masculino. Assim como um "stick" de *jockey* servia para galopar a sua montaria (equínos que raramente as mulheres montavam), a bengala era o símbolo que comandava o mundo patriarcal dos coronéis. Com o "desuso" desse objeto a partir do século XX, agora as novas mulheres ameaçavam "tomá-lo" e dominar os próprios homens.

(...) Na sua fúria de masculinização, a mulher começou por nos excitar – e, (estejámos certos) ha-de acabar por nos bater. A bengala da Madame Z. não é senão o symbolo precursor d'uma idade nova. E a

²¹⁸ DANTAS, Julio. *A Bengala de Mme. Z.*, Recife, Diário de Pernambuco, 14 de Dezembro de 1919, p.4.c.1.

²¹⁹ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural no Brasil*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1936. p. 398.

*contraprova está em que, ao passo que a mulher se virilisa o homem effemina-se. (...) O sexo forte são ellas; o sexo fraco somos nós.*²²⁰

A crescente entrada das mulheres na esfera pública, trazendo concepções de valores, idéias, formas especificamente femininas para o mundo masculino, não trouxe de imediato uma valorização das mulheres e do feminismo. Antes, para estes discursos masculinos, as mulheres queriam tornar-se “homens”, esquecendo e abandonando aquilo que caracterizaria a sua condição de gênero. A defesa por novas imagens do feminino desestabilizou as tradicionais definições das identidades de gênero e, com isso, a misoginia passava a ter uma forte visibilidade²²¹.

Margareth Rago nos mostra que já em 1905, a feminista Rosa Mayreder buscava discutir as razões da emergência do feminismo: “*constatava uma profunda crise da identidade masculina na modernidade e o abandono por parte dos ‘guerreiros’ dos espaços e modelos que tradicionalmente ocupavam*”²²². Para esta feminista, esta crise estaria levando a uma maior participação das mulheres na esfera pública e social devido a uma maior aproximação do estilo de vida masculino aos das mulheres. Na visão desta feminista, a leitura da crise da identidade masculina inverte-se: seriam os próprios homens, desertores de seus postos, os responsáveis por sua própria feminização.

Diante do olhar misógino dos homens no início do século XX, a imagem da “mulher-homem” os intrigava. Para eles, a mulher simplesmente deveria querer amar um homem e abrigá-lo confortavelmente em seu lar, mas jamais se descaracterizar de um modelo de feminilidade ou subjugar o marido com práticas ameaçadoras a seu lugar de chefe de família.

²²⁰ DANTAS, Julio. *A Bengala de Mme. Z.*, Recife, Diário de Pernambuco, 14 de Dezembro de 1919, p.4,c.1.

²²¹ RAGO, Margareth. *Feminizar é preciso, ou “Por uma Cultura Filógina”*. Campinas, Unicamp, 2000. (mimeografado).

²²² Idem; *ibidem*; p. 10.

Fóra isso, qual o motivo dessa exquiritice da mulher-homem? Por que, mesmo quando ella não chega a esse exaggero, prefere o barulho ensurdecedor dos "dancings" ao suave ambiente domestico? Vaidade?

(...) A mulher, intelligente ou não, bella ou feia, pobre ou rica, sabia ou ignorante, dentro das qualidades do seu espirito esse qué indefinivel que subjuga o homem, que o arrasta fortemente sem que ella propria o saiba.

*O homem necessita de uma união amiga que console, acaricie, ajude e o sustenba. De uma mulher... feminina.*²²³

Uma desvirilização dos homens significaria o estabelecimento de novas relações de poder entre homens e mulheres. Mesmo que de forma estereotipada, com mulheres vestidas e agindo masculinamente, fugia-se a uma ordem construída para a sociedade burguesa e vivente nas cidades do Recife. Chamando a atenção às medidas "desviantes" que as mulheres tomavam, Julio Dantas apresentava como ameaçadas as posturas masculinas.

"*Eu não sei se esta guerra que dão oficialmente como terminada trouxe algum resultado prático para o mundo*", reclamava Annibal Fernandes sobre o resultado da Primeira Guerra Mundial, "*(...) mas o que não se pode negar é que o mundo ia bem, como estava antes de agosto de 1914(...)*". A campanha feminista que se agita pelo mundo inteiro, continua, não passaria de manobras socialistas na Europa. No caso do Brasil, as mulheres não poderiam se entregar a estes desvaneios. Lutar pelo voto? Jamais²²⁴! Por outro lado, entre os próprios discursos existentes acreditava-se que a mulher, masculinizando-se, teria maiores condições de adquirir uma autonomia na sociedade moderna, podendo inclusive ocupar espaços políticos junto aos homens. Entretanto, numa escala sempre inferior aos homens já que elas teriam uma "*(...) inferioridade intelectual (...)* *perfeitamente verificada*" que terminariam produzindo certas conseqüências sociais²²⁵.

²²³ *Como a mulher perdeu seu encanto*. Recife, Diário de Pernambuco, 7 de Novembro de 1925, p. 47, c.5.

²²⁴ FERNANDES, Annibal. *De uns e de outros...*. Recife, Diário de Pernambuco; 8 de dezembro de 1919, p.3, c. 5.

²²⁵ GRAVE, João. *As mulheres e o direito de voto*. Recife, Diário de Pernambuco; 28 de maio de 1911, p.1, c.3.

As mulheres deveriam viver em função de uma sociedade masculinizada em suas práticas cotidianas, tendo o homem como centro das decisões e, por isso, da vida de todos. As mulheres, ao lado dos seus irmãos, maridos ou pais, poderiam estar sendo policiadas e ter suas práticas constantemente disciplinadas. Em 1925, Medeiros de Albuquerque escreveria sobre a dependência feminina ao homem afirmando sua eterna dependência a ele.

*Seria aliás difícil saber quando uma mulher não precisa mais lutar. Quando solteira? Não: porque precisa achar marido. Quando casada? Não: porque precisa conservar o marido que achou. Quando velha? Não: porque precisa tornar-se menos desagradável que lhe for possível.*²²⁶

Estas exclamações irônicas, preocupantes ou até mesmo enraivecidas de homens no início do século XX no Recife mostram como eles viam seu lugar público, tão fortemente legitimado, cada vez mais ameaçado, descaracterizando-o como o homem controlador dos negócios e da política. Identidades masculinas em crise que, para muitos, apenas poderia ser encontrada longe das “manias” que se difundiam na cidade.

3. Senhoras de Engenho e “mulheres viragos”: decadências do patriarcado

Como vimos, esta nova representação do masculino estaria também nos engenhos. O maior símbolo de uma identidade masculina para a região, o coronel, também se desfazia diante dos maus costumes que invadiam o campo. Desterritorializações masculinas provocadas em grande parte, para discursos presentes principalmente em obras regionalistas e memórias, pelas práticas femininas.

²²⁶ MEDEIROS DE ALBUQUERQUE. *Para quem se vestem as mulheres?*. Recife, Diário de Pernambuco, 14 de Fevereiro de 1925, p. 3, c. 4.

Nos engenhos, o espaço em que a mulher apenas possuía um lugar de poder legitimando dentro da casa também se modificava. Este domínio do feminino ganhava uma maior visibilidade. Em memórias, como a de Julio Bello, retrata-se uma imagem decadente dos homens e suas práticas. Segundo ele, desde o começo do século XIX teriam surgido mulheres capazes de controlá-los e decidirem, em seu lugar, os rumos das terras. Contraditoriamente, eram elas que passavam a dominar os engenhos diante de homens cada vez mais "amolecidos".

Para Bello, como vimos, a modernidade das cidades, os novos costumes e as práticas femininas teriam moldado um novo tipo de homem. Homens praticamente apagados das memórias por suas posturas degradantes para uma sociedade que fora de homens fortes e bravios:

Eram homens de palmas de mãos moles e mulherengas, feitos para viver na sombra das casas-grandes como "filhos de papai" mesmo depois de velhos, incapazes de afrontar corajosamente a vida e as vicissitudes dela, conformando-se facilmente com os insucessos, vencidos e resignados.

(...) Mesmo na geração posterior à minha, entre os meus, surgem de vez em quando exemplos de homens assim moles e resignados que se contentam com quase nada na vida ou esperam que lhes venha o pão de cada dia, sem o buscarem pelo trabalho, da generosidade de um parente (...).²²⁷

Esta desvirilização masculina no campo apresentava-se mais dramática quando as mulheres se viam, muitas vezes, obrigadas a tomar as decisões e lentamente a ocupar o lugar de poder do marido no engenho. Como retomando a imagem do personagem "Coronel Lula de Holanda", das obras de José Lins do Rêgo, Julio Bello comenta indignado sobre seu avô paterno, homem "mole" e covarde que morrera rapidamente deixando à sua mulher as funções masculinas.

²²⁷ BELLO, Julio. *Memórias de um Senhor de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. pp. 3-5.

Meu avô paterno morreu ainda moço e há mais de um século. Parece-me que foi um homem medíocre porque, do que ouvi de meu pai era sua mulher, minha avó, quem dirigia e resolvia tudo na fazenda e na casa da família.

(...) Minha avó tomou então, de fato e de direito, conta da família e da fazenda, criou os filhos, deu-lhes a instrução possível num engenho do interior de Alagoas e há um século, casou as filhas e geriu os negócios como um chefe.²²⁸

A tia de Julio Bello seria uma outra “senhora de engenho” cujo marido, mesmo forte e decidido, era incapaz de controlá-la para além dos domínios da casa-grande.

Minha tia Cândida dominava em tudo, dava “o santo e a senha” dentro de casa e do engenho Patrocínio. Meu tio, marido dela, apesar de operoso e econômico, não tinha autoridade diante de sua prepotência.²²⁹

Interessante ressaltar que Julio Bello pouco fala sobre a vida destes homens de “mãos moles”. Insiste em dizer que sua memória “falha” ao tentar lembrar de vidas tão apagadas e sem importância como a deles. Quanto às mulheres como sua tia, Bello ao mesmo instante que apresenta sua importância para a continuidade da vida dos engenhos, entende que estas práticas femininas seriam um dos motivos para o fim de “homens de fibra” como os senhores de engenho. Da mesma forma como diziam os artigos do “Diário”, o lugar do feminino deveria ser apenas na economia da casa, no bom trato dos filhos, cuja educação e força poderiam garantir um futuro digno para a nação. Retomando ao século XVIII, Bello narra em sua obra fatos de mulheres corajosas e fortes não por tomarem o

²²⁸ BELLO, Julio. *Op. Cit.*; 1941. pp. 11-12.

²²⁹ *Idem; ibidem*; p. 18.

lugar dos maridos, mas por saberem sofrer ao entregarem seus filhos à guerra contra os holandeses, ou por morrerem com sacrifício nas mãos de invasores.

Depois, a mim me repugna essa coragem bravia nas mulheres. Sempre me causaram incoercível horror aquelas viragos sanguinárias da revolução francesa. (...) Prefiro nas mulheres a coragem para o sofrimento e o sacrifício. (...) Admiro mais a coragem de sacrifício daquela nobre senhora de engenho pernambucana, D. Maria de Sousa, que informada na sua casa-grande de Serinhaém da morte de um filho e um genro na guerra holandesa, sofreu calada todo seu martírio e, trazendo pela mão o último filho que não contava 16 anos ainda, mandou-o com os emissários para a batalha: "Ainda me resta este para morrer pela Pátria".²³⁰

Ao defender representações do feminino como estas, o "homem", nos discursos de Bello representado como uma árvore fincada na própria terra que nascera, se manteria perene diante das mudanças. Portanto, o melhor seria manter-se na terra natal, onde o próprio Bello insistiu em morrer. Algo semelhante defenderia Mario Sette, já em 1921 com a sua obra "Senhora de Engenho", em que o filho de um grande senhor de engenho em Pernambuco, Nestor, vislumbrado pela cidade e o progresso do Rio de Janeiro decide se mudar para o meio urbano. Casando-se com uma cidadina, Hortência, jamais conseguira ter filhos devido a uma "esterilidade" repentina. O renascer de uma nova geração capaz de dar continuidade à vida nos engenhos apenas pôde se realizar com o retorno de Nestor com sua mulher ao engenho de seu pai. Hortência, adaptando-se lentamente ao novo meio, passa a admirar a vida no campo e consegue dar continuidade à geração dos senhores de engenho obtendo finalmente um filho, diante da força reprodutora da terra natal. Ela, por sua vez, torna-se, respaldada por seu marido, uma respeitada senhora de engenho...

²³⁰ BELLO, Julio. *Op. Cit.*; 1941. p. 140.

Por sua vez, o próprio Gilberto Freyre reclama da imagem criada da senhora como uma doente, “*deformada no corpo para ser a serva do homem e a boneca de carne do marido*”²³¹. Imagens femininas que teriam se tornado típicas com o patriarcalismo dos engenhos. Nesse período, continua Freyre, foram poucas as que se destacaram, administrando fazendas, dirigindo a política partidária da família ou mesmo as que seguiram o exemplo daquelas que lutaram contra os holandeses. Antes disso, entretanto, no Brasil colônia, a mulher teria gozado de uma liberdade maior existindo até mesmo, segundo este sociólogo, a capitania da Nova Lusitânia governada por uma matrona, a D. Brites, mulher de Duarte Coelho. Entre os relatos que utiliza, Freyre nos conta inclusive, de uma “*machona*” de cinquenta anos que governava sua fazenda a pé ou à cavalo gritando com homens e comandando os escravos. “*Junto dela o irmão padre é que era quase uma moça*”²³².

Mulheres que mostraram-se capazes de exercer o mando patriarcal quase com o mesmo vigor dos homens. Mulheres que muitas vezes dominavam os próprios maridos e davam à família o seu nome. Práticas que, segundo Freyre, são pseudomatriarcais pois elas apenas teriam substituído os homens em caso de morte ou ausência e, em última análise, caso o marido fosse efeminado ou incapaz de ação de mando. Para Freyre, defensor de espaços masculinos num mundo em crise, por mais avanços de independência patriarcal que a mulher obteve durante os últimos séculos, principalmente no final do século XIX, não houveram matriarcados: “*sobrevivências ou aparências matriarcais houve, certamente, entre nós; mas – repita-se – adjetivas, simplesmente adjetivas, de adaptação de indivíduos excepcionais do sexo feminino a tarefas normalmente masculinas. Nunca substantivas, que importassem na substituição de um sexo por outro ou na subordinação do sexo patriarcal ao matriarcal*”²³³. De qualquer forma, se estas palavras de Freyre buscaram delimitar as novas práticas femininas, como querendo mostrar a excepcionalidade que algumas mulheres tiveram na época, não podemos deixar de notar que elas provocaram um enorme medo à muitos amigos dele e, claro, ao próprio.

²³¹ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 6.ed.; Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981. p. 93.

²³² Idem; *ibidem*; p. 95.

²³³ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.*; 1981. p. 134.

Gilberto Freyre busca explicar estes lugares sociais excepcionais da mulher do século XIX desconstruindo a idéia de divisão de trabalho entre mulheres e homens. Já entre os Botocudos, tribo indígena estudada pelo viajante Ave-Lallement no século XIX, seria comum os homens-mulheres e as mulheres-homens, ou seja, homens que faziam tarefas domésticas, tendo características corporais arredondadas e mulheres resistentes e fortes que mantinham tarefas tidas pelos europeus apenas como masculinas. Igualmente, explica Freyre, muitos africanos escravos no Brasil vinham de sociedades em que o trabalho masculino era "mais doce" que o das mulheres. A relação sexual entre homens, inclusive, seria comum não apenas entre os indígenas brasileiros, mas entre os "civilizados" que chegavam ao continente americano quando havia escassez do "sexo oposto"²³⁴.

Entretanto, a vida patriarcal nos engenhos teria terminado por estabelecer bem demarcadas divisões sexuais para homens e mulheres, levando estas a um tipo franzino e doentio ao mesmo instante que cercada de cavalheirismos exagerados. Para Freyre, este seria um mundo artificial, distante daqueles vividos pelas negras das senzalas. Um mundo feminino trancafiado dentro dos sobrados ou casas-grandes, e do uso dos espartilhos fora deles, dos vestidos cheios de babados, rendas, plumas, fitas, ouros finos e do cabelo com grandes tranças ou cocós, que muitas vezes chegavam, para ele, ao ridículo. Grande esplendor dado aos trajes das mulheres abastadas que significava, acima de tudo, o *status* de seu marido²³⁵. "*O homem patriarcal se roça pela mulher macia, frágil, fingindo adorá-la, mas na verdade para sentir-se mais sexo forte, mais sexo nobre, mais sexo dominador*". Mulheres melancólicas que definhavam em anemia ou mulheres casadas "*(...) cujo ventre apodrecesse moço de tanto gerar, agredido pelo membro viril do marido patriarcal com uma freqüência que era uma das ostentações de poder do macho sobre a fêmea, do sexo forte sobre o fraco*"²³⁶.

Certamente, diante desta imagética dada à mulher do engenho – dependente, frágil, doente –, as novas mulheres, assim como a existência de uma continuidade de matriarcas independentes de seus maridos ou pais, apenas poderia reforçar a temeridade masculina. Medo que recrudescer num período de crise da identidade masculina e com a forte decadência dos engenhos. Fim do patriarcalismo nos engenhos que Freyre tanto defendia

²³⁴ Idem; *ibidem*; Ver notas 3 e 4, pp. 140-142.

²³⁵ Idem; *Op. Cit.*; 1987. p. 32.

²³⁶ Idem; *Op. Cit.*; 1981. pp. 98 e 121.

em suas obras e artigos que teria como símbolo de decadência não apenas a “tomada da bengala”, mas justamente a emergência das amazonas dos engenhos. Mulheres que não mais se sentavam de lado na montaria, mas ficavam “escanchadas como homem” no lombo do animal. Mulheres que continuavam a comandar os engenhos diante dos maridos, mulheres que não apenas mantinham a ordem e a integração familiar, mas uma mobilidade social muito ampla para os códigos disciplinares masculinos.

Mobilidade feminina que se deu, entre outros aspectos, justamente com a decadência dos senhores de engenho e o prestígio social que novas figuras masculinas ganhavam no Recife: o diretor de colégio, o professor, o chefe da polícia, o juiz. Homens que não necessariamente tinham grandes posses, mas que terminaram por casar-se com filhas ou netas de famílias abastadas, descendentes de senhores de engenho. Casamentos que deram às mulheres um poder maior sobre os homens, direito a tomar decisões próprias diante deles e, como já vimos, a dar ao filho o seu sobrenome. Mesmo quando os pais eram contra o casamento, as filhas se deixavam raptar por seus companheiros, mostrando o poder de escolha que elas passavam a ter em relação ao patriarcalismo, mesmo que se utilizando deste artifício.

Segundo Freyre, esta prática se tornou muito comum no século XIX, sendo freqüentemente noticiados nos jornais recifenses. A prática do rapto dava à mulher uma liberdade maior e poder de ação mais amplo na sociedade, graças principalmente a uma interferência cada vez maior do Estado sobre a família patriarcal. Como já que iniciando uma repercussão do “espírito de mundanismo” das mulheres do século XX e a ameaça à instituição familiar, o “Diário de Pernambuco” de julho de 1854 noticiava o medo do fim do patriarcalismo devido ao abandono das moças de seus lares.

Mulheres viragos, “madames Z’s”, “santas caxangás”... Crises, medos, inseguranças, (des)construções do masculino provocadas pelo enfraquecimento de seu lugar de poder, pelo “*aniquilamento de uma sociedade*”... Por um decepcionante novo mundo...

De tempos a esta parte, tem-se tornado tão freqüentes entre nós os casamentos pelo rapto e acompanhados de tanta immoralidade que espantam e fazem tremer aquelles que olham para a família como o

fundamento da sociedade. Moças (e até moços!) teem havido que, sendo menores, são raptados das casas de seus paes e d'abi a pouco estão casados sem a intervenção do consentimento paterno! (...) Outras vezes apparece o supprimento desse consentimento dado por juizes (...) que mesmo contra as leis o concedem por entenderem que para se realizar um casamento tudo se deve fazer. E qual o resultado de tão graves abusos? O enfraquecimento da autoridade paterna, a dissolução dos mais poderosos vínculos da família e consequentemente a desmoralisação e o aniquilamento da sociedade.²³⁷



²³⁷ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.*, 1981. p. 129.

Conclusão

A verdade é a verdade, diga-a Agamenon ou seu porqueiro.

Agamenon: De acordo.

O porqueiro: Não me convence.

Antonio Machado

“O Nordeste é filho da modernidade, (...) é filho reacionário, maquinaria imagético-discursiva gestada para conter o processo de desterritorialização por que passavam os grupos sociais dessa área” ²³⁸. Medo do “novo” provocado, em grande medida, pela subordinação dos estados nortistas a outra área do país que se modernizava rapidamente: o Sul. Além disso, ocorriam mudanças internas, provocadas pelo crescimento de cidades como o Recife, pela emergência de padrões urbanos de sensibilidade e sociabilidade, pela separação progressiva das novas gerações dos padrões de vida rurais, pela subordinação destes grupos rurais ao capital industrial e aos padrões mercantis que eram impostos.

A região Nordeste nasceu como um lugar de crise, de morte, de sofrimento, da margem. Espaço em gestação e com seus eternos problemas de subdesenvolvimento que reagiu ao que seus intelectuais (a grande maioria formada por pernambucanos ou homens que estudaram na sua capital) chamaram de fim do patriarcalismo. Se apenas as grandes propriedades de cana-de-açúcar não representavam mais uma força fidedigna para o patriarca devido à concorrência das plantações de café em São Paulo e uma forte industrialização no Sul do país, seus discursos fervorosos e apelos sobre os flagelos da seca para o governo federal legitimavam novas instituições públicas capazes de manter esta elite no poder. No Nordeste são criadas instituições voltadas para o desenvolvimento da região e combate de um problema que nunca o fora antes da chamada “grande estiagem de 1877”.

²³⁸ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999. p. 306.

A partir do final da década de 1910 e início dos anos 20, percebe-se como no Recife, a idéia de nordestinidade começa a se tornar algo concreto, perceptível em discursos de intelectuais, políticos e literatos. Nota-se, então, uma necessidade de identificar não apenas um espaço, mas a sua gente; a vontade de saber dos intelectuais e uma elite pernambucana daquilo que viria a ser denominada de “homem do nordeste”. A representação imaginária do nordestino nasceu a partir de discursos identitários que buscaram conciliar um ser empírico com um ser transcendental. O sertanejo, que segundo a intelectualidade regionalista ainda seria “bruto”, original igual à sua terra, estaria dentro desta rede discursiva. Da mesma forma, literatos como José Lins do Rêgo buscaram ligar a imagem da fortaleza e resistência do nordestino à identidade do coronel, ser idílico inatingível pela nova geração de homens “moles”. Desta forma, Gilberto Freyre, José Lins, Julio Bello, Mario Sette, entre outros, fosse através de discursos “científicos” ou “ficcionais” dão materialidade a um Homem (com maiúsculo) regional, criam e reforçam uma identidade para o homem da região.

O início do século XX marca no Brasil, como vimos, uma nova crise da identidade masculina. Os habitantes da velha/nova região Nordeste viam-se diante de uma desterritorialização de subjetividades e, portanto, da possibilidade de construção de novos modelos de masculinidade. A representação fálica do nordestino viria justamente (re)afirmar lugares de poder de homens que não viam com bons olhos os novos modelos de masculinidade que surgiam nas ruas do Recife.

Como vimos, o início do século XX marcou uma nova disciplinarização do corpo em estados como a Paraíba e Pernambuco. Passaram-se a ditar códigos institucionais de higienização dos corpos e dos espaços de sociabilidade proibindo-se relações sexuais com animais (antes comuns nos engenhos), cuspir nas ruas ou vagões de trens, andar descalço nos grandes centros. A higiene pública inicia, então, sua caçada aos corpos invisíveis responsáveis por doenças; suicídios começam a ser noticiados por jornais como mais uma prática comum; novos nomes começam a se tornar notoriedades públicas não mais simplesmente por pertencerem a uma importante família; as mulheres cortam seus cabelos mais curtos que os homens; solteirões passam a ser motivo de desconfiança.

Também no espaço do privado vigiado principalmente pelo Estado, dever-se-ia evitar a criação de animais nos quintais, ou mesmo o cultivo de plantas que pudessem vir a

ser foco de doenças contagiosas. Proibia-se até mesmo as pessoas serem fracas e raquíticas, sendo a criança desde cedo obrigada a tragar remédios para a robustez. Passava-se a ter vergonha do corpo, ao mesmo instante que ele ganhava uma visibilidade maior e era exibido em anúncios ou por homens e mulheres atléticos. Os discursos médico-higienistas, jurídicos, científicos passaram a dizer "a verdade" sobre o corpo e o sexo, buscando modificar a sua economia no real. A vontade de saber sobre o corpo, sobre o sexo e diria até mesmo, sobre o nordestino fez com que se falasse mais sobre esses assuntos, pelo menos entre uma determinada elite local. Ou seja, o falar e discutir fez com que se instigasse ainda mais o querer sobre a coisa, dando-se uma corporeidade ao que é discutido. Esta identidade, explicada a partir da sexualidade, e não mais por uma "sangüinidade", traz para as cidades como o Recife, novos sujeitos, novas práticas jamais notadas e que por isso necessitaram de novos mecanismos de controle para instaurar uma nova ordem social.

Inserido neste contexto, como vimos, por mais que o "homem em gestação", seguindo as palavras de Adalberto Cavalcanti, na década de 20, possuísse uma aparência "rústica" e sem força, ele seria capaz de "desencadear energias adormecidas" e enfrentar qualquer problema. Diante de tantas transformações no Recife, com as "novas mulheres" e os "almofadinhas" andando nas ruas, a figura do nordestino vinha servir como resposta e reação a estas mudanças. Não como uma lembrança perdida no passado, tal como foram apresentados os senhores de engenho nessa época, mas como uma categoria sexual presente em qualquer homem nascido na região Nordeste...

Apesar da intelectualidade pernambucana não ser necessariamente contra um "progresso modernizante", portanto que este avançasse por vias "regionalistas", a representação do nordestino era (e é) aquela figura do sertanejo rude, arisco, sobrevivente de uma terra batida e seca, cuja vegetação espinhenta sempre é insuficiente para alimentar o gado. Mas apesar de tanto sofrimento, o nordestino insere-se na história como uma "raça" forte, capaz de sobreviver e enfrentar qualquer problema, valente por insistir em permanecer em uma "terra infernal". Desta terra árida e seca retira-se o aspecto fundamental do nordestino: ele é um verdadeiro "cabra-macho", herói capaz de enfrentar qualquer dificuldade dentro ou fora de sua região. E é justamente esta dizibilidade e visibilidade que todo o nordestino deve, ainda hoje, manter, lutando contra todas as imagens e práticas locais que tentam desconstruí-lo como homem forte e valente.

A representação do nordestino como um Homem defensor da tradição dos engenhos, perspicaz e viril, ao mesmo instante que desinteressado das “coquetices” e “almofadismos” cada vez mais presentes na cidade do Recife, veio legitimar a região Nordeste – terra que mesmo considerada em muitos discursos elitistas como inóspita, não deixava de ser defendida como o lugar do nascimento de uma brasilidade ainda original, distante dos modismos estrangeirizados que estariam sendo absorvidos pelo Sul do país.

A cidade do Recife, apesar de ser o espaço da criação de uma identidade masculina nordestina através da cristalização de saberes institucionalizados, como o Centro Regionalista do Nordeste, seria o exemplo da decadência de uma tradição. Morte presente não apenas na destruição de construções históricas, como costumava reclamar Gilberto Freyre, mas principalmente da degradação social.

Para uma elite regionalista, no Recife estariam os “maus costumes” encontrados nas práticas dos “almofadinhas”, homens efeminados e improdutivos para a manutenção de um estado que já fora um dos mais importante do país, ou nas perigosas “novas mulheres” ameaçadoras dos espaços públicos dos homens. Se a nova geração era formada de preguiçosos de “mãos moles”, como diria o saudosista Julio Bello, incapaz de manter os engenhos herdados, as mulheres lideravam engenhos ou deixavam os filhos aos cuidados dos pais.

Diante deste medo cada vez mais presente e, ao mesmo instante, mais abstrato, intocável, apenas perceptível pela forma de andar, vestir, falar, agir de homens e mulheres, surgia também um conceito que aglomeraria o oposto às práticas citadinas do Recife moderno. O nordestino, estereótipo viril do homem regional, contrapunha-se às novas sexualidades masculinas e femininas que emergiam na cidade. No sertão dos vaqueiros, do sertanejo rude, estaria ainda o resquício do nordestino valente e forte, representante da região Nordeste.

Hoje, nós nordestinos, costumamos constantemente reproduzir estas imagens, defendendo a valentia, rudeza e, até mesmo, violência masculina. Legitimamos no nosso cotidiano a valentia, a virilidade, a força, a macheza de um mundo construído no masculino. Impelimos a nossa sexualidade dentro de um modelo construído historicamente como estritamente machista. Pelo menos, esta era a nossa “verdade” historicamente constituída.

O diálogo entre Agamenon e o seu porqueiro no apólogo acima mostra-nos a relação entre o poder da verdade e as suas resistências, por mais discretas que possam parecer. Como nos mostra Jorge Larrosa em sua obra "Pedagogia Profana", o personagem Agamenon, dono dos porcos, certamente acostumado a dizer a verdade em seu próprio nome, está de acordo que a verdade é imperativa por si mesma, por sua própria condição, independente de quem a diga. Afinal, Agamenon é quem tem a força da verdade e não o porqueiro, que não tem porcos, um nome e nem sequer *verdade*. O porqueiro não se deixa convencer de que a verdade seja a verdade independentemente de quem a diga, de que a realidade seja a realidade independentemente de quem a defina, e de que os porcos sejam os porcos independentemente de quem sejam os seus proprietários. "*Ele sabe que a verdade, como os porcos, nunca será sua, porque ele não é ninguém. Ele sabe que sempre será vencido na luta pela verdade e na luta pelos porcos*"²³⁹. Sua forma de reação, de resistência, de luta, de dignidade é o dizer: "*não me convence*". Neste simples desafio de se opor ao patrão, o porqueiro conserva uma dignidade de, ao menos, não se deixar convencer pelo poder da verdade justamente por ele conhecer e lutar contra a verdade do poder estabelecido por Agamenon.

Através deste trabalho busquei exatamente mostrar como a "verdade da figura do nordestino" foi uma invenção, legitimada e reproduzida a partir de uma série de discursos que envolveram a idéia de uma crise da masculinidade. A representação do nordestino é um modelo de subjetivação criado historicamente e, desnaturalizando-o, tentei apresentar como outros modelos e práticas do masculino, colocados à margem da história, também existiram.

Sendo assim, por quê não continuar a desconstruir o modelo essencialista da imagem do nordestino? Por quê não insistir em dizer "*não me convence*"? Criar entre nós, homens e mulheres, uma "comunidade crítica"²⁴⁰ capaz de repensar o sujeito histórico nordestino através de outras formas de relações entre homens e mulheres, e entre os próprios homens e as próprias mulheres? Entender o nordestino como uma identidade

²³⁹ LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piroetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.151.

²⁴⁰ Utilizando-se dos pensamentos de Michel Foucault, Rajchman explica que uma "comunidade crítica" é aquela em que as pessoas não aceitam um determinado sistema de identificação; é uma comunidade que luta com sua própria identidade historicamente constituída. A comunidade crítica problematiza a identidade e faz de nossa "subjetividade" uma questão em aberto e interminável. Ver: RAJCHMAN, John. *Eros e Verdade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. pp. 120-121.

inventada para uma região também recentemente criada faz-se necessário para repensar-nos como homens e mulheres inseridos em sólidas relações de poder. Como nos diz Lucena, contemporâneo nosso e comerciante nascido em Petrolina (interior de Pernambuco), da mesma forma como seus amigos ele também foi “*educado para ser um Lampião, pelo menos de dia*”²⁴¹. E de noite?

²⁴¹ Revista Sui Generis, Agosto de 1991.

Levantamento Documental

1. Arquivos Pesquisados:

- Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), Recife, Pernambuco;
- Fundação Casa Gilberto Freyre, Recife, Pernambuco;
- Setor de Documentação e História Regional (SEDHIR), Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba.
- Núcleo de Estudos Literários e Lingüísticos (NELL), Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba;
- Biblioteca da Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba;
- Biblioteca da Faculdade de Educação, Letras e Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba (Campina Grande).

2. Fontes Primárias:

2.1 Diário de Pernambuco:

- ✓ 1900;
- ✓ 1902 – 1908;
- ✓ 1910 – 1914;
- ✓ 1916 – 1919;
- ✓ 1921 – 1928.

2.2. Literatura Regionalista:

- RÊGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 28 ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.
- _____ . *Doidinho*. 16 ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.
- _____ . *Bangüê*. 14^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____ . *O Moleque Ricardo*. 8^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- _____ . *Usina*. 13 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- _____ . *Fogo Morto*. 16 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- SETTE, Mario. *Senhora de Engenho*. 5^a ed., São Paulo: Editora Fagundes, 1937.

2.3. Livros de Memórias:

- BARROSO, Antônio Pontes. *Mundo dos Coronéis*. Rio de Janeiro: O Cruzêiro, 1970.
- BELLO, Julio. *Memórias de um Senhor de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.
- CAVALCANTI, Povina. *Volta à Infância*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- FEITOSA, Z. A. *Mulher macho sim, senhor*. São Paulo: Cortez, 1980.
- MEDEIROS, Coriolano de. *O Tambiá de minha infância*. João Pessoa: A União, 1994.
- RÊGO, José Lins do. *Meus Verdes Anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- SETTE, Mário. *Memórias Íntimas*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980.

Referências Bibliográficas

1. Teses e artigos mimeografados:

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Falas de Astúcia e Angústia: a Seca no Imaginário Nordestino (1877-1922)*. Campinas, UNICAMP, 1988. (Dissertação de Mestrado em História).

_____. *Nordestino: uma invenção do "falo": uma história do gênero masculino no Brasil (1930 – 1970)*. Campina Grande, UFPB- Campus II, 2000. (mimeografado).

_____. *O engenho de meninos: literatura e história de gênero em José Lins do Rêgo*. Campina Grande, UFPB – Campus II, 1998. (mimeografado).

_____. *Breve, lento, mas compensador: a construção do sujeito nordestino no discurso socio-antropológico e biotipológico da década de trinta*. Campina Grande, UFPB – Campus II, 1997. (mimeografado).

_____. *Cabra macho, sim senhor! Identidade regional e identidade de gênero no Nordeste*. Campina Grande, UFPB – Campus II, 1998. (mimeografado).

_____. *Mole não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino*. Campina Grande, UFPB – Campus II, 1996. (mimeografado).

- BELELI, Iara. *Gênero e Amor: experiências, encontros e desencontros (1970-1990)*. São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999. (Dissertação de mestrado).
- BORELLI, Andrea. *Matei por amor!:* representação do masculino e do feminino nos crimes passionais. São Paulo nos anos 20 e 30. São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997. (Dissertação de mestrado).
- SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da Ginástica Francesa no século XIX*. Campinas, UNICAMP, 2002. (Tese de Doutorado em Educação).
- CIPRIANO, Maria do Socorro. *A adúltera no território da infidelidade: Paraíba nas décadas de 20 e 30 do século XX*. Campinas, UNICAMP, 2002. (Dissertação de Mestrado em História).
- CUNHA, Renata Thereza Fagundes. *A feminização da cultura. Curitiba, 1890-1930*. Campinas, UNICAMP, 2001. (Dissertação de Mestrado em História).
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. *O retorno de Adão e Eva: a cerca do masculino e do feminino no Integralismo Brasileiro*. Campinas, Unicamp, 2002. (mimeografado).
- GONÇALVES, Antonio Giovanni Boaes. *A plasticidade dos usos sociais do corpo de classes populares em São Luis*. Araraquara, Universidade Estadual Paulista, 2002. (Tese de Doutoramento em Sociologia).
- MONTEIRO, Marko. *Masculinidade em Revista: um estudo da VIP Exame, Sui Generis e Homens*. Campinas, SP: [s.n.], 2000. (dissertação de mestrado).

NOGUEIRA, Nádya Cristina. *Sexualidade e socialização em Gilberto Freyre*. Campinas, UNICAMP, 2000. (Dissertação de Mestrado em História).

RAGO, Margareth. *A categoria gênero no pós-estruturalismo*. Campinas, Unicamp, 1995. (mimeografado).

_____. *Feminizar é preciso, ou "Por uma Cultura Filógina"*. Campinas, Unicamp, 2000. (mimeografado).

SILVA, Cleuza Gomes da. *Modernizando o casamento: a leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940)*. Campinas, UNICAMP, 2001. (Dissertação de Mestrado em História).

REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *(Des) Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. São Paulo, Departamento de História, Área de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1992. (Tese de Doutorado em História).

2. Livros e artigos:

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

_____. "No Ceará tem disso não?: homossexualidade e nordestinidade ou a história dos homens tristes". In: *Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História – História: Fronteiras*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: ANPUH, 1999. pp. 1241 –1260.

- _____. “Vidas por um fio, Vidas Entrelaçadas: rasgando o pano da cultura e descobrindo o rendilhado das trajetórias culturais”. In: *História e Perspectiva*. Uberlândia, (8):87-96, 1993.
- ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (orgs.). *Homens e Masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998.
- AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. 2. ed., João Pessoa/Recife: UFPB/Editora Universitária; UFPE/Editora Universitária, 1996.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BALDERSTON, Daniel; GUY, Donna J. (org.). *Sex and Sexuality in Latin America*. New York: New York University Press, 1997.
- BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York and London: Routledge, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano I: Artes de fazer*. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 1996.
- SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.
- DARMON, Pierre. *O Tribunal da Impotência: virilidade e fracassos conjugais na antiga França*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

DE LAURETIS, Teresa. *Technologies of Gender: essays on theory, film, and fiction*. Houdmills, Basingstoke, Hampshire and London: The Macmillan Press, 1987.

DELEUZE, Giller; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1980.

DÓRIA, Carlos Alberto. "A Tradição Honrada". In: *Cadernos Pagu: Sedução, Traição, Transgressão*. Campinas: Unicamp, nº 2, pp. 47-112.

DOVER, Kenneth James. *A homossexualidade na Grécia antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU, 1996.

_____. *Arqueologia do Saber*. 2 ed., Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1986.

_____. *História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber*. 12 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. *História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres*. 7 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1994.

_____. *História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 21 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

_____ *Manifesto Regionalista*. 4ed., Recife: Instituto Joaquim Nabuco/MEC, 1985.

_____ . *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 5 ed., Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE, 1985.

_____ . *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

_____ . *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural no Brasil*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1936.

_____ . *Modos de Homem & Modas de Mulher*. 2 ed., Rio de Janeiro: Record, 1987.

GREEN, James Naylor. *Além do Carnaval: homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

GROSZ, Elisabeth. “Corpos reconfigurados”. In: *Cadernos Pagu: Corporificando Gênero*. Campinas: Unicamp, nº 14, 2000.

JAGGAR, Alison M.; BARDO, Susan R. *Gênero, Corpo, Conhecimento*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1997.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.

KIMMEL, Michael. *Manhood in America. A cultural History*. New York: The Free Press, 1996.

- LAGO, João Baptista Soares de Faria. "Masculinidade e Complexo Materno: a obra de Franklin Cascaes como estudo de caso". In: *Revista de Ciências da Saúde*. Florianópolis: Imprensa Universitária/UFSC, **17(1): 185-213**, jan./jun. 1998.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LE RIDER, Jacques. *A modernidade vienense e as crises de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1993.
- LISBÔA, Maria Regina Azevedo. "Masculinidade: as críticas ao modelo dominante". In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.
- LOURO, Guacira Lopes (org.). *O Corpo Educado: pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- MACHADO, Roberto. "Por uma genealogia do poder" e "Nietzsche, a genealogia e a história". In.: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 4 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- MARQUES, Ana Cláudia D. R. "Considerações sobre a honra cangaceira". In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.
- MARSON, Melina Izar. "Da feminista 'macha' aos homens sensíveis". In: *Cadernos AEL*, Campinas, nº3/4, 1995/1996.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Ed. Cia Nacional, 2000.

_____. “Gênero, Impasses e Perspectivas”. In: *Tradição Cristã ante novos tempos e novos espaços*. São Paulo: Itesp, nº 2, 1994.

_____. “Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea”. In: *Cadernos Pagu: Trajetórias do gênero, masculinidades...*. Campinas: Unicamp, nº 11, 1998.

MATOS, Maria Izilda Santos de; FARIA, Fernando Antônio. *Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues: o feminino, o masculino e suas relações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste: formação social do Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio., 1937.

MONTEIRO, Marko. *Tenham piedade dos homens: masculinidades em mudança*. Juiz de Fora: Edições Feme, 2000.

MOOSE, George L. “Masculinidade e decadência”. In: PORTER, Roy; TEICH, Mikulás. *Conhecimento sexual, ciência sexual*. A história das atitudes em relação à sexualidade. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

NOLASCO, Sócrates (org.). *A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica a análise de gênero*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

RAGO, Elizabeth Juliska. "A ruptura do mundo masculino da medicina: médxias brasileira no século XIX". In: *Cadernos Pagu: Gênero, ciências, história*. Campinas: Unicamp, nº 15, 2000.

RAGO, Margareth. "As marcas da pantera: Foucault para historiadores". In: *Rev. Resgate*. Campinas: Papyrus, nº 5: 22-32. 1993.

_____. *Os prazeres da noite*. Prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. "Sexualidade e identidade na historiografia brasileira". In: *Anais do XIX Simpósio da Associação Nacional de História – História e Cidadania*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: ANPUH, 1998, pp. 185 – 202.

_____. "Pensar diferentemente a História, viver femininamente o presente". In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; SCHMIDT, Benito Bisso; XAVIER, Regina Célia Lima (orgs.). *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

_____. "Epistemologia feminista, gênero e história". In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: Unicamp/IFCH, 2000.

RAJCHMAN, John. *Eros e Verdade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *Foucault: a Liberdade da Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

- RAMOS, Tânia Regina Oliveira Ramos. “Os brutos também choram: dores e refletores”. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Maria Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira Ramos (orgs.). *Falas de Gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- RESENDE, Selmo Haroldo de. *Abordagens Biográficas e Foucault*. NEHO HISTÓRIA – Núcleo de Estudos em História Oral. Dep. História/USP, 1999.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B.; ALMEIDA, Suely Souza de. *Violência de Gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As idéias e os números de gênero: Argentina, Brasil e Chile no século XIX*. São Paulo: HUCITEC: USP/CEDHAL, 1997.
- SAMARA, Eni de Mesquita; MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. *Gênero em Debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. “Corpo, História e Cidadania”. In: *Anais do XIX Simpósio da Associação Nacional de História – História e Cidadania*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: ANPUH, 1998. pp. 171 – 184.
- SCHWENGER, Peter. “The Masculine Mode”. In: SHOWALTER, Elaine. *Speaking of Gender*. New York: Routledge, 1989.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: *Rev. Educação e Realidade*. Porto Alegre, **16(2)**: 5-22, jul./dez. 1990.

SEVCENKO Nicolau (org.) "O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso". In: *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 3; São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SHARPE, Peggy; SCHPUN, Mônica Raisa. (orgs.). "Masculinidade, sexualidade e estupro. As construções de virilidade". In: *Cadernos Pagu: Trajetórias do gênero, masculinidades...*. Campinas: Unicamp, nº 11, 1998.

SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual e cultura no fin de siècle*. Rio de Janeiro: Rocco. 1993.

_____. "Introduction: The Rise of Gender". In: SHOWALTER, Elaine. *Speaking of Gender*. New York: Routledge, 1989.

SILVEIRA, Rosa M. Godoy. *O Regionalismo Nordestino: coexistência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo: Moderna. 1984.

SIQUEIRA, Maria Juracy Toneli. "Novas formas de paternidade: repensando a função paterna à luz das práticas sociais". In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Maria Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira Ramos (orgs.). *Falas de Gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SOIHET, Rachel. "História, Mulheres, Gênero: contribuições para um debate". In: AGUIAR, Neuma (org.). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1997.

_____. "Histórias das mulheres e histórias de gênero – um depoimento". In: *Cadernos Pagu: Trajetórias do gênero, masculinidades...*. Campinas: Unicamp, nº 11, 1998.

- _____. “História das Mulheres”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- _____. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Forrense, 1989.
- SOUZA BARROS. *A década de 20 em Pernambuco*. 2ª ed., Recife, Fundação Joaquim de Cultura da Cidade do Recife, 1985.
- STOLLER, Robert. J. *Masculinidade e feminilidade: apresentações de gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- TEIXEIRA, Flávio Weinstein. “Intelectuais e Modernidade no Recife dos anos 20”. In: *Saeculum – Revista de História*. João Pessoa, **1(1): 89-98**, Jul./Dez./1995.
- TOBIN, Jeffrey. “A performance da masculinidade portenha no churrasco”. In: *Cadernos Pagu: Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX*. Campinas: Unicamp, nº 12, 1999.
- VARIKAS, Eleni. “Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott”. In: *Cadernos Pagu: Desacordos, Desamores e Diferenças*. Campinas: Unicamp, nº 3, 1994. pp.
- SWAIN, Tânia Navarro. “Lesbianismo: identidade ou opção eventual?”. In: *Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História – História: Fronteiras*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: ANPUH, 1999, pp. 1223 – 1240.
- _____. “Por mares nunca dantes navegados...”: construção do gênero nos discursos do descobrimento do Novo Mundo. In: ALMEIDA, Jaime de. (org.). *Caminhos na História da América no Brasil*. Brasília: ANPHLAC, 1998.